

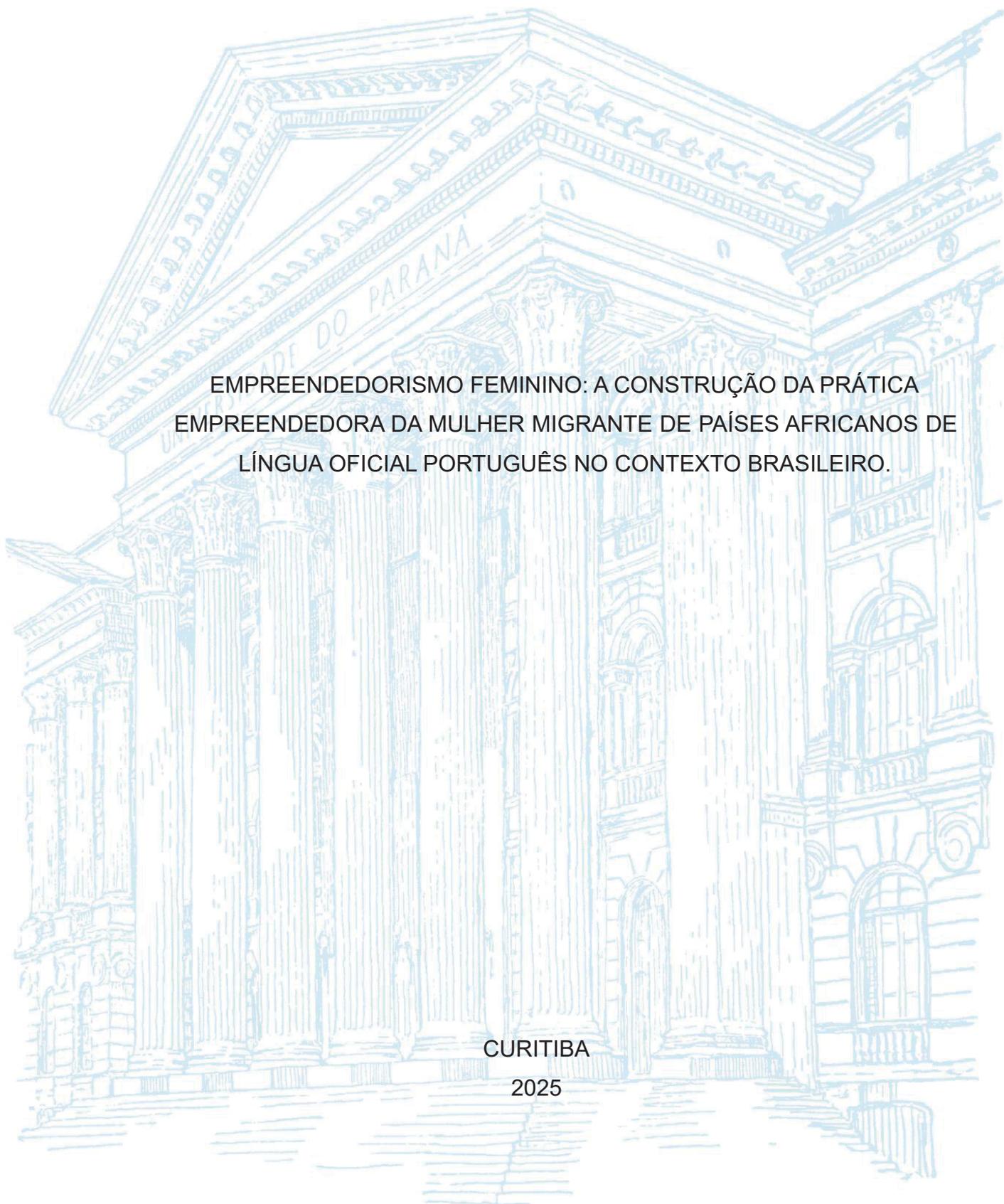
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ESMERALDA JULIETA DA FONSECA VALENTINO SALIULO

EMPREENDEDORISMO FEMININO: A CONSTRUÇÃO DA PRÁTICA  
EMPREENDEDORA DA MULHER MIGRANTE DE PAÍSES AFRICANOS DE  
LÍNGUA OFICIAL PORTUGUÊS NO CONTEXTO BRASILEIRO.

CURITIBA

2025



ESMERALDA JULIETA DA FONSECA VALENTINO SALIULO

EMPREENDEDORISMO FEMININO: A CONSTRUÇÃO DA PRÁTICA  
EMPREENDEDORA DA MULHER MIGRANTE DE PAÍSES AFRICANOS DE  
LÍNGUA OFICIAL PORTUGUÊS NO CONTEXTO BRASILEIRO.

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação, Mestrado em Administração, área de concentração em Estratégia e Análise Organizacional, Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Paraná (UFPR), como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Administração.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Natália Rese.

CURITIBA

2025

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

Saliulo, Esmeralda Julieta da Fonseca Valentino

Empreendedorismo feminino: a construção da prática empreendedora da mulher migrante de países africanos de língua oficial português no contexto brasileiro / Esmeralda Julieta da Fonseca Valentino Saliulo. – 2025.

1 recurso on-line: PDF.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná.  
Programa de Pós-Graduação em Administração, do Setor de Ciências Sociais Aplicadas.

Orientadora: Natália Rese.

1. Administração. 2. Empreendedorismo. 3. Mulheres imigrantes. 4. África portuguesa. 5. Brasil I. Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de Pós-Graduação em Administração. II. Rese, Natália. III. Título.

Bibliotecária: Livia Rezende Ladeia – CRB-9/2199

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação ADMINISTRAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **ESMERALDA JULIETA DA FONSECA VALENTINO SALIULO**, intitulada: **Empreendedorismo feminino: A construção da prática empreendedora da mulher migrante de Países Africanos de língua oficial português no contexto brasileiro.**, sob orientação da Profa. Dra. NATÁLIA RESE, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 10 de Fevereiro de 2025.

Assinatura Eletrônica

27/02/2025 16:41:09.0

NATÁLIA RESE

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

22/02/2025 10:33:02.0

BEATRIZ LIMA ZANONI

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

21/02/2025 14:06:45.0

MARIANE LEMOS LOURENÇO

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Dedico este trabalho com profundo amor e reconhecimento à minha filha, Rachel Adriela, cuja existência ilumina meu mundo e revela os verdadeiros significados da vida. Seu riso contagiante e a alegria que encontra em cada uma de nossas aventuras incutem em mim uma perspectiva vibrante e esperançosa. É em seu olhar curioso e entusiasmado que encontro renovada motivação para seguir em frente, enfrentar desafios e buscar o melhor em tudo que faço.

## AGRADECIMENTOS

Na jornada acadêmica, o suporte que recebemos de diversos indivíduos e instituições é indispensável para alcançar nossos objetivos e nos tornar profissionais completos e preparados. A gratidão a essas pessoas é essencial, pois suas contribuições muitas vezes ultrapassam o suporte direto, chegando a influenciar nossas vidas de maneira significativa e duradoura. Desde orientadores que nos guiam cientificamente, oferecendo feedback construtivo e motivacional, até colegas que compartilham ideias, desafios e triunfos diários, todos desempenham papéis fundamentais em nosso desenvolvimento. Além disso, o apoio emocional e logístico oferecido por familiares e amigos não só nos ajuda nos momentos de incerteza, mas também reforça nossa determinação e resiliência. Reconhecer e expressar nosso apreço por esses suportes é mais do que um gesto de educação, é uma celebração das redes de colaboração e solidariedade que tornam possível a superação dos desafios acadêmicos. Esse agradecimento não apenas homenageia suas contribuições, mas também reafirma o valor da comunidade e da cooperação em nossa evolução pessoal e profissional, estabelecendo um ciclo contínuo de apoio mútuo e inspiração.

Esta pesquisa só se concretizou e atingiu seu pleno potencial graças ao inestimável apoio de várias pessoas e instituições, às quais acumulei uma profunda dívida de gratidão ao longo do tempo. Manifestar meu agradecimento é a maneira que encontrei para reconhecer e honrar a importância que representam em minha jornada:

Primordialmente, agradeço a Deus, cuja graça e força incessantes sustentam minha jornada. É por Sua mão que encontro direção e propósito, e é pelos Seus feitos maravilhosos que sou encorajada a seguir em frente, enfrentando cada desafio com coragem e determinação.

Gostaria de expressar minha mais profunda gratidão à Universidade Federal do Paraná, por me proporcionar uma plataforma educacional excepcional que me capacitou e inspirou ao longo desta jornada acadêmica. Desde o momento em que fui aceita no programa de mestrado até a finalização desta dissertação, a universidade foi um bastião de conhecimento, inovação e suporte contínuo. Os recursos disponíveis, tanto em termos de infraestrutura quanto em oportunidades de aprendizagem, foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Gostaria de agradecer especialmente ao corpo docente, cujas palestras instigantes e debates

empolgantes ampliaram minha compreensão teórica e prática do tema em estudo. Suas percepções não apenas desafiaram minhas perspectivas, mas também enriqueceram minha visão acadêmica, criando uma base sólida sobre a qual pude construir esta pesquisa.

Meu agradecimento também ao Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGADM-UFPR), um ambiente de aprendizado excepcionalmente enriquecedor e acolhedor. A abordagem interdisciplinar e o enfoque em questões contemporâneas criaram um espaço vibrante para a troca de ideias e inovações acadêmicas. Os coordenadores do programa merecem reconhecimento especial por sua dedicação incansável em assegurar que o currículo se mantenha relevante e desafiador, induzindo-nos a ultrapassar limites e cultivar habilidades críticas. O apoio administrativo também não passou despercebido; sua organização e eficiência garantiram que pudéssemos focar em nossos estudos sem distorções logísticas.

A todos os meus colegas de mestrado, obrigada pelas conversas calorosas, pelas colaborações frutíferas e pelo companheirismo que tornaram esta experiência ainda mais recompensadora. Gostaria de expressar minha sincera gratidão pelas inúmeras discussões intelectuais que estimularam meu pensamento crítico e ampliaram minha compreensão sobre os temas abordados. Foi através dessas trocas que pude refinar ideias e encontrar novas maneiras de abordar desafios complexos.

Com o coração repleto de gratidão, gostaria de expressar sinceros agradecimentos à minha orientadora, Professora Dra. Natália Rese. Sua orientação constante e apoio incansável foram fundamentais para a realização desta dissertação. Desde nosso primeiro encontro, fiquei ciente de sua impressionante capacidade de combinar rigor acadêmico com abordagem acessível e encorajadora. Sua expertise não apenas ampliou meus horizontes intelectuais, mas também possibilitou um desenvolvimento acadêmico e pessoal que nenhum livro ou outra forma de aprendizado formal poderia oferecer. A clareza com que ela explicava conceitos complexos me ajudava a conectar pontos teóricos com as práticas do dia a dia, o que foi primordial para o sucesso deste trabalho. Professora Rese, sou profundamente grata não apenas por sua paciência incalculável, mas também pela sua disposição para dedicar seu tempo e atenção, mesmo quando seus próprios compromissos eram numerosos. Sua excelência acadêmica representa um ideal que vou carregar comigo em minha carreira futura, e seu impacto transcenderá as limitações desta dissertação.

Obrigada por acreditar no meu potencial, por me desafiar a explorar limites desconhecidos e, acima de tudo, por ser uma mentora incomparável.

A formação acadêmica recebida ao longo deste programa de mestrado em Administração deixou marcas indeléveis em meu pensamento crítico e abordagem investigativa, e isso se deve aos excepcionais professores que generosamente compartilharam seu conhecimento e arcaram comigo nesta jornada intelectual. Cada manifestação de ensino, clássico ou contemporâneo, foi uma incursão em um mar de possibilidades, e devo a consequências profícuas destas explorações a professores dedicados que, atenciosamente guiando cada descoberta, remarcaram o que agora é meu fiapo de um modo fascinante. É notável mencionar cada um que tornou única esta experiência: Professora Dra. Mariane Lourenço, por sua abordagem inspiradora que tornou os conceitos mais complicados em excitantes desafios do dia a dia e por sua participação direta nos processos de avaliação deste trabalho; Professora Dra. Queila Regina Matitz, cuja paixão inegável pela matéria ofereceu-me uma profunda apreciação pelo espírito investigativo; Professora Dra. Adriana Takahashi e Dra. Fernanda Salvador Alves, por seu apoio contínuo, não apenas relacionado ao conhecimento formal, mas à preparação para lidar com as realidades além das paredes da academia. Ao formar um ambiente de aprendizado encorajador e inclusivo, vocês criaram não apenas acadêmicos, mas pensadores críticos independentes. Suas contribuições durante cada aula, oficina, e encontros extracurriculares ressoarão em todas as futuras iniciativas que me aventurar. Obrigado por moldarem de forma tão significativa a experiência educacional que transcende expectativas e encontra terrenos férteis para a inovação e a colaboração.

Minha jornada acadêmica, e especialmente a pesquisa desenvolvida nesta dissertação, foi possível graças ao substancial apoio financeiro do Programa de Bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de Financiamento 001. Este suporte não apenas proporcionou os meios para que eu pudesse dedicar-me inteiramente aos meus estudos e pesquisas, mas também possibilitou a participação em conferências, seminários, e a aquisição de materiais essenciais que enriqueceram consideravelmente a qualidade do trabalho apresentado aqui. Estou imensamente grata por ser beneficiária desta iniciativa, que salienta a importância do investimento em educação superior como um pilar crítico para o desenvolvimento intelectual e inovador no Brasil. O programa de bolsas da CAPES não representa apenas uma assistência financeira, mas simboliza um compromisso

com a excelência acadêmica e a preparação de pesquisadores capazes de trazê-lo inspiração e mudanças ao contexto social e científico no qual estão inseridos. Sendo parte desta rede de pessoas dedicadas à pesquisa e ao avanço da sociedade foi um privilégio, e a confiança depositada em minhas capacidades por este programa motivei-me adicionalmente a atingir todo o meu potencial. Contando com este apoio, tornei-me mais motivada a contribuir de volta para a comunidade acadêmica e científica com descobertas que possam fazer jus ao investimento feito em minha educação e pesquisa.

Nenhuma palavra pode verdadeiramente capturar a profundidade de minha gratidão à minha família, cujo amor e apoio inabaláveis fizeram toda a diferença durante o curso deste mestrado.

Ao João Borges, cuja presença constante enriquece minha vida de maneiras inestimáveis. Sua dedicação inabalável, apoio incondicional e sabedoria em todos os momentos tornaram este percurso acadêmico mais significativo e realizável. Sua capacidade de inspirar, admirar e respeitar o meu caminho são dádivas que valorizo imensamente, enchendo cada dia de propósito e alegria partilhada.

À Maria Palmira, minha querida mãe, portadora do mais puro e incondicional amor. Sua força silenciosa e dedicação exemplares proporcionaram-me tudo aquilo que precisava, mesmo nos momentos em que as dificuldades se apresentaram maiores que os recursos. Sua presença carinhosa e desvelar constante de cuidado são pilares sobre os quais construo minha vida, constantemente inspirada pela generosidade e resiliência que sempre demonstrou.

Aos meus irmãos, cuja existência formam uma fonte inestimável de suporte emocional, agradeço por estarem ao meu lado, celebrando cada pequena vitória comigo. Menções honrosas vão também aos meus parentes estendidos, que, mesmo à distância, fazem questão de enviar mensagens e expressam admiração por minha pessoa. Essas demonstrações de apoio me fortaleceram de maneiras inexpressáveis.

Aos meus amigos(as), dedico palavras de gratidão sincera por transformarem minha jornada acadêmica em uma experiência de descobertas e memórias inesquecíveis. Por oferecerem apoio através de inspirações e incentivos, enriquecendo meu trabalho com suas perspectivas únicas. Sou eternamente grata por acreditarem em mim e por compartilharem momentos de frustração e celebração, mostrando o valor inestimável de uma comunidade solidária.

A cada um de vocês, minhas realizações e passos dados ao longo desta jornada acadêmica são para honrar a inspiração e o amor que continuamente me oferecem. Com vocês, torno qualquer esforço não apenas possível, mas repleto de significado e realização. Cada sacrifício que fizeram não passou despercebido, e sou eternamente grata pelo ambiente de carinho e compreensão que me proporcionaram. Esta dissertação é um testemunho do impacto que têm tido na minha vida, moldando-me na pessoa e acadêmica que sou hoje. Todos vocês são o pilar sobre o qual meu sonho acadêmico se sustenta.

## RESUMO

Este estudo examina o fenômeno do empreendedorismo entre mulheres migrantes de PALOP que se estabelecem no Brasil, um campo marcadamente heterogêneo que reflete não apenas as desigualdades estruturais do sistema global, mas também as potencialidades de superação e adaptação dessas mulheres. Em face de desafios significativos que abarcam desde barreiras linguísticas até a discriminação de gênero e raça, o empreendedorismo oferece uma via inovadora e resiliente para essas mulheres construírem novas realidades. Assim, elas conciliam a busca por autonomia econômica com a preservação de suas culturas e a participação social em uma sociedade receptora. O empreendedorismo tem um papel crucial ao oferecer um caminho para mitigar a exclusão e a marginalização no mercado de trabalho convencional. No contexto brasileiro, as mulheres migrantes frequentemente enfrentam obstáculos adicionais, incluindo políticas migratórias restritivas e o acesso limitado a financiamentos e redes de negócios que são mais acessíveis para o público nacional. Assim, elas desenvolvem estratégias inovadoras, empregando criatividade e adaptabilidade para vencer os desafios econômicos e culturais. Destaca-se a necessidade de políticas públicas robustas e programas de apoio que reduzam as barreiras ao empreendedorismo feminino migrante. Isso inclui treinamentos, microcrédito e redes de apoio. Tais iniciativas devem considerar as interseções de gênero, nacionalidade e cultura para desenvolver completamente o potencial destas empreendedoras. A pesquisa visa compreender as práticas empreendedoras das mulheres migrantes, suas motivações e desafios, dentro de contextos históricos e sociais. O empreendedorismo é visto não apenas como uma medida econômica, mas como afirmação identitária. Sucesso no Brasil demanda mais do que adaptação; requer estratégias personalizadas e resiliência. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e a metodologia do estudo foca na análise narrativa, que explora experiências atribuindo significados ao empreendedorismo entre essas migrantes. O estudo foi conduzido utilizando um roteiro não estruturado, com perguntas extraídas dos objetivos da pesquisa, permitindo uma análise das narrativas a partir do olhar teórico das práticas sociais. A coleta e análise dos dados das narrativas forneceram evidências para compreender a motivação e as práticas das mulheres empreendedoras face aos desafios enfrentados no contexto da migração e da criação ou implementação de negócios. Isso conecta suas histórias pessoais a contextos mais amplos e revela suas capacidades de resiliência e inovação no empreendedorismo, utilizando recursos locais e globais. O objetivo deste trabalho não é apenas documentar casos de sucesso e estratégias eficazes de empreendedoras migrantes, mas também contribuir de forma significativa para o contexto acadêmico. Ao oferecer novas percepções, esta dissertação busca desafiar narrativas predominantes que muitas vezes limitam a percepção sobre o papel e potencial dessas mulheres, enriquecendo assim o campo de estudos do empreendedorismo feminino migrante. Para garantir um impacto duradouro, recomenda-se que formuladores de políticas e acadêmicos considerem esses novos entendimentos ao projetar intervenções que apoiem essas mulheres, integrando sustentavelmente suas iniciativas culturais no tecido econômico local, e promovendo assim um modelo mais inclusivo e dinâmico de empreendimentos.

**Palavras-chave:** Empreendedorismo Feminino. Mulheres Migrantes. PALOP. Empreendedorismo Como Prática.

## ABSTRACT

This study examines the phenomenon of entrepreneurship among PALOP migrant women settling in Brazil, a markedly heterogeneous field that reflects not only the structural inequalities of the global system, but also the potential of these women to overcome and adapt. In the face of significant challenges ranging from language barriers to gender and racial discrimination, entrepreneurship offers an innovative and resilient way for these women to build new realities. In this way, they reconcile the search for economic autonomy with the preservation of their cultures and social participation in a receiving society. Entrepreneurship plays a crucial role in offering a way to mitigate exclusion and marginalization in the conventional labour market. In the Brazilian context, migrant women often face additional obstacles, including restrictive migration policies and limited access to financing and business networks that are more accessible to the national public. Thus, they develop innovative strategies, employing creativity and adaptability to overcome economic and cultural challenges. This highlights the need for robust public policies and support programs to reduce barriers to female migrant entrepreneurship. This includes training, microcredit and support networks. Such initiatives must consider the intersections of gender, nationality and culture in order to fully develop the potential of these women entrepreneurs. The research aims to understand the entrepreneurial practices of migrant women, their motivations and challenges, within historical and social contexts. Entrepreneurship is seen not just as an economic measure, but as an affirmation of identity. Success in Brazil demands more than adaptation; it requires personalized strategies and resilience. This is a qualitative study, and the methodology of the study focuses on narrative analysis, which explores experiences attributing meaning to entrepreneurship among these migrants. The study was conducted using an unstructured script, with questions drawn from the research objectives, allowing an analysis of the narratives from the theoretical perspective of social practices. The collection and analysis of narrative data provided evidence to understand the motivation and practices of women entrepreneurs in the face of the challenges faced in the context of migration and business creation or implementation. This connects their personal stories to wider contexts and reveals their capacities for resilience and innovation in entrepreneurship, using local and global resources. The aim of this work is not only to document success stories and effective strategies of migrant women entrepreneurs, but also to make a significant contribution to the academic context. By offering new insights, this dissertation seeks to challenge prevailing narratives that often limit perceptions about the role and potential of these women, thus enriching the field of migrant women's entrepreneurship studies. To ensure a lasting impact, it is recommended that policymakers and academics consider these new understandings when designing interventions that support these women, sustainably integrating their cultural initiatives into the local economic fabric, and thus promoting a more inclusive and dynamic model of entrepreneurship.

**Keywords:** Female entrepreneurship. Migrant Women. PALOP. Entrepreneurship as a Practice.

“Era ele que erguia casas  
Onde antes só havia chão.  
Como um pássaro sem asas  
Ele subia com as casas  
Que lhe brotavam da mão.  
Mas tudo desconhecia  
De sua grande missão:  
Não sabia, por exemplo  
Que a casa de um homem é um templo  
Um templo sem religião  
Como tampouco sabia  
Que a casa que ele fazia  
Sendo a sua liberdade  
Era a sua escravidão.  
e fato, como podia  
Um operário em construção  
Compreender por que um tijolo  
Valia mais do que um pão?  
Tijolos ele empilhava  
Com pá, cimento e esquadria  
Quanto ao pão, ele o comia...  
Não fosse, eventualmente  
Um operário em construção.  
E o operário disse: Não!  
E o operário fez-se forte  
Na sua resolução.

Vinicius Moraes,  
“Um operário em construção”

## LISTA DE QUADRO

Quadro 1 .....	62
Quadro 2 .....	67
Quadro 3 .....	77
Quadro 4 .....	84
Quadro 5 .....	89

## LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

B.O – Dar Ruim

EUA – Estados Unidos da América

GEM – *Global Entrepreneurship Monitor*

MBA – *Master of Business Administration*

MPGO – Ministério Público de Goiás

OCDE – Organização para Cooperação de Desenvolvimento Econômico

OIM – Organização Internacional para As Migrações

ONU – Organização das Nações Unidas

PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

PME – Pequenas e Médias Empresas

STP – São Tomé e Príncipe

UE – União Europeia

UFG – Universidade Federal de Goiás

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UNILAB – Universidade da Integração Lusofonia Afrobrasileira

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	14
1.1. DELIMITAÇÃO DO TEMA .....	19
1.2. OBJETIVOS DA PESQUISA .....	21
1.3. JUSTIFICATIVA .....	22
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	25
2.1. EMPREENDEDORISMO FEMININO .....	29
2.2. MIGRAÇÃO E EMPREENDEDORISMO.....	35
2.3. PROCESSO EMPREENDEDOR .....	40
2.4. EMPREENDEDORISMO COMO PRÁTICA .....	45
2.5. A IDENTIDADE CULTURAL E SUAS INFLUÊNCIAS .....	51
2.6. MOTIVAÇÃO E PRINCIPAIS DESAFIOS DA MULHER MIGRANTE .....	53
2.7. SITUAÇÃO ATUAL DOS PALOP E MIGRAÇÃO FEMININA NO BRASIL .....	58
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	61
3.1. DEFINIÇÃO DOS TERMOS .....	61
3.2. DELINEAMENTO DA PESQUISA .....	64
3.3. SUJEITOS DA PESQUISA .....	65
3.4. TÉCNICAS DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS .....	68
<b>4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS</b> .....	71
4.1. APRESENTAÇÃO E TRAJETO DE CADA MULHER MIGRANTE EMPREENDEDORA NARRANTE .....	71
4.2. A CONSTRUÇÃO DA PRÁTICA EMPREENDEDORA: EXPERIENCIA, ESTRATÉGIAS E DESAFIOS .....	78
4.3. MOTIVOS QUE CONTAM PORQUÊS DA PRÁTICA DE EMPREENDER .....	82
4.4. DESAFIOS E PONTOS DE VIRADA DA PRÁTICA EMPREENDEDORA .....	84
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	91
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	96
<b>APÊNDICES</b> .....	106
<b>ANEXOS</b> .....	108

## 1. INTRODUÇÃO

O fenômeno do empreendedorismo feminino tem se destacado como uma força motriz no panorama econômico global, desafiando normas tradicionais e criando narrativas de sucesso e inovação. Pesquisadores destacam as contribuições significativas que as mulheres oferecem para o desenvolvimento econômico e social, embora desafios relacionados a gênero (BRUSH *et al.* 2009). No entanto, quando combinado a essa dinâmica os elementos de migração, especialmente referentes às mulheres migrantes de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) no Brasil, adentramos um território pouco explorado, mas de extrema importância social e econômica. Estudos apontam que mulheres migrantes enfrentam barreiras adicionais, como discriminação racial e dificuldades de integração cultural, que impactam suas iniciativas empreendedoras (COLLINS e LOW, 2010). Este trabalho busca analisar a construção da prática empreendedora entre essas mulheres, investigando os desafios e oportunidades que se interpõem em suas empreitadas em um contexto sociocultural distinto.

O Brasil, com sua complexa mistura de oportunidades e obstáculos para os migrantes, proporciona um cenário único para estudar o empreendedorismo entre mulheres afro-lusófonas. Este país não apenas compartilha um vínculo linguístico que facilita a comunicação, mas também apresenta desafiadoras barreiras estruturais que incluem desigualdades de raça, gênero e condição econômica. Assim, a história de cada mulher empreendedora torna-se uma narrativa de perseverança, resiliência e visão determinante em um mercado que, por um lado, fomenta inovação e, por outro, desafia o status quo convencional.

Concomitantemente, o crescente interesse acadêmico e político por estudos interseccionais oferece a oportunidade para uma reflexão mais profunda sobre empreendedorismo, identidade, e migração feminina. Embora pesquisas anteriores tenham discutido aspectos gerais do empreendedorismo feminino e das comunidades migrantes, existe uma lacuna significativa na literatura relacionada às experiências específicas de mulheres migrantes africanas de países lusófonos no Brasil. Este estudo, longe de resolver o problema, busca repensar e preencher essa lacuna, contribuindo com propostas relevantes que nos permitem compreender melhor as dinâmicas e práticas associadas ao empreendedorismo vivo e atuante.

Nos meandros do conhecimento, os estudos sobre empreendedorismo feminino são relativamente recentes, o campo apresenta crescimento gradativo e sua conectividade ao ato educacional, Cruz e Falcão (2016). Embora, historicamente a participação da mulher sempre se fez presente de forma direta ou indireta, os primeiros artigos começaram a surgir na década de 1980, (cf. HENRY; FOSS; AHL, 2016). Com notoriedade nas atuações globais, alvo de debates em países desenvolvidos fomentando assim, o desenvolvimento e crescimento social (GEM, 2023). A abrangência do empreendedorismo feminino em processos sociais de gênero como também a sua contribuição para a constituição identitária da mulher por meio da conquista da independência financeira, emancipação e redução da desigualdade de gênero, reverberam a importância social do tema (VIEIRA *et al.*, 2022).

Grosso modo, as mulheres têm menos probabilidade de se tornarem empreendedoras do que os homens, fundamentada em fatores estruturais, culturais e sociais que historicamente restringem a participação feminina no empreendedorismo. Essa disparidade pode ser analisada a partir de diversos ângulo (JENNINGS e BRUSH, 2013; KELLEY *et al.*, 2016). Uma das disparidades é o fato de certas culturas atrelarem a mulher as responsabilidades domésticas e cuidado da família, o que reduz o tempo e os recursos que podem ser dedicados ao desenvolvimento de um negócio. Conforme Kelley *et al.* (2016), essa divisão desigual do trabalho no ambiente doméstico afeta diretamente a capacidade das mulheres de iniciar ou expandir empreendimento. Esse é particularmente o caso do Brasil, onde cerca de 30% dos empreendedores são mulheres. Entretanto, essa tendência depende tanto das normas culturais quanto do contexto econômico. O relatório *GEM* 2015-2016 mostra que, em alguns países, a taxa de empreendedorismo feminino é igual ou superior à dos homens, principalmente no Vietnã, Filipinas, Tailândia, Malásia, Peru e Indonésia (KELLEY *et al.*, 2016).

No entanto, essas tendências que se respaldam na prática do empreendedorismo parecem estar ligadas a estereótipos de gênero (GUPTA *et al.*, 2009). Por exemplo, nos países em que a economia se baseia mais no conhecimento e na tecnologia (em economias baseadas no conhecimento), as mulheres que se lançam no empreendedorismo estão menos representadas em setores de atividade associados a estereótipos masculinos, ou seja, setores de atividade em que os homens estão mais representados. No setor de tecnologia, as mulheres são

particularmente menos numerosas do que os homens. Um estudo da CrunchBase mostra que, em 2014, apenas 18% das startups sediadas nos EUA incluíam pelo menos uma mulher na equipe fundadora (cf. SANTORO, 2015). Apesar de uma tendência de aumento (a porcentagem era de 9,5% em 2009), ainda há poucas mulheres no empreendedorismo tecnológico. Além disso, nos países economicamente avançados, as mulheres empreendedoras são mais frequentemente encontradas em setores de atividade que correspondem a estereótipos femininos. Elas estão particularmente bem representadas no empreendedorismo social e solidário (cf. HECHAVARRIA *et al.*, 2012; HUYSENTRUYT, 2014).

Um artigo econômico amplamente citado de 1986 explicitamente excluía as mulheres da análise, considerando que o empreendedorismo era predominantemente masculino (REES; SHAH, 1986). Desde então, estudos têm avançado para esclarecer o empreendedorismo feminino, revelando que a diferença na criação de empresas entre os gêneros não se deve à falta de interesse das mulheres, mas às barreiras específicas que elas enfrentam (BUARIDE, 2020). Destacam a importância de compreender a inserção feminina em diversas áreas de negócios. As mulheres estão conquistando espaço e assumindo cargos que antes eram exclusivos dos homens, promovendo a diversidade de gênero nos setores.

Segundo a teoria econômica Schumpeteriana, os economistas foram os primeiros a reconhecer a importância do empreendedorismo, mostrando interesse em compreender o papel do empreendedor na economia. O empreendedorismo não se limita ao aumento da produção e da renda, mas também promove mudanças na estrutura dos negócios e da sociedade (HISRICH; PETER, 2004, p. 33).

No entanto, o empreendedorismo é tanto um fenômeno individual quanto social. Individualmente, está associado à criação de empresas, seja por oportunidade ou necessidade. Socialmente, impulsiona o desenvolvimento de capacidades para solucionar problemas e construir o futuro, gerando Capital Social e Humano (ZARPELLON, 2010, p. 48).

Por empreendedorismo feminino queremos dizer: uma mulher que, sozinha com um ou mais sócios, fundou, comprou ou herdou uma empresa, que assume suas responsabilidades financeiras, administrativas e sociais e que está envolvida em sua gestão cotidiana. Uma pessoa que assume riscos financeiros para criar ou adquirir

uma empresa e que a administra de forma inovadora e criativa, desenvolvendo novos produtos e conquistando novos mercados.

Como acima referido, a compreensão entre o contexto e o empreendedorismo feminino é relevante, pois, expressa a ideologia existente da relação econômica na perspectiva migratória, por se tratar de uma prática realista de muitas mulheres migrantes, que assumem características de livre iniciativa e capitalista, inspirando a adoção de atividades empreendedoras de forma estruturada para competir com a concorrência, e por outro lado, se estabelece uma maneira de reconstrução e garantia do sustento de suas famílias, (SHERER; PRETES; GRISCI, 2022). A organização das nações unidas (ONU) afirma que o número de mulheres migrantes de diversos lugares do mundo é crescente, embora, enfrentam múltiplos desafios, porém, encontram respaldo no cumprimento de seus objetivos, na busca pela dignidade de vida. Assim, embora os preconceitos estejam presentes, vemos, ao mesmo tempo, números e dados que mostram que as mulheres empreendedoras conseguem realizar mais com os pequenos recursos que conseguem arrecadar.

O Brasil não foge da estatística, no tocante ao crescimento do empreendedorismo feminino tal como no mundo, de modo geral, verifica-se um aumento gradativo de mulheres empreendedoras e majoritariamente a força que elas representam no mundo dos negócios e na liderança, moderando o impacto econômico de um país ou região (JENNINGS; BRUSH, 2013). Em especificidade ao empreendedorismo praticado por mulheres africanas, cabe olhar para o africano tal qual, Asante (1988) frisa na teoria da Afrocentricidade, que, apesar da revolução ideológica, conceitos, eventos, personalidades, processos políticos e econômicos, olhar para o africano como sujeito e não como objeto, baseando o conhecimento na autêntica interrogação sobre seu propósito de vida. Sobre este olhar da afrocentricidade, procura-se analisar o empreendedorismo como uma situação prática situada, desafiando olhares já colocados (essencialmente centrados no aspecto econômico e de subsistência de uma vida precarizada em contexto estrangeiro), para decolonizar e recortar essa história a partir da história que inscreve as mulheres migrantes empreendedoras no contexto da sua constituição enquanto sujeitos, como argumenta Asante (1988), a afrocentricidade propõe a reorientação das narrativas, colocando os africanos no centro da construção de suas próprias histórias. Pois, o entusiasmo empresarial da mulher africana é inegável, mas por trás deste entusiasmo

esconde-se uma realidade preocupante que merece atenção especializada e acadêmica.

Constatam-se, debates sobre o processo migratório nos países anfitriões, conferindo sua presença de modo inestimável nas relações históricas da humanidade, e nas repercussões econômicas e sociais de maneira fecunda, portanto, essa vivência é parte da realidade de muitas mulheres africanas principalmente, ao identificar oportunidades que na maioria das vezes não encontram em seus países. Não restam dúvidas que as mulheres migram. Mas, por quê? O que lhes motiva? Em que condições procedem? Suas origens? Estas são questões que ajudariam a compreender o fenômeno.

Vale mencionar, que muitos fatores contribuem para a inclusão da mulher no movimento empreendedor como, mudanças, aspectos demográficos, alterações no estado civil, apoio e o desenvolvimento dos filhos, entre outros. A partir desta perspectiva, o presente estudo intenciona contribuir para a difusão do conhecimento sobre o empreendedorismo de mulheres migrantes Africanas no contexto brasileiro, ajudando a compreender o processo que têm como força indulgente o gênero feminino.

Face a essa breve contextualização, partindo da ideia de que os sujeitos se constituem como tal a partir do seu fazer, do labor, do contexto das suas atividades no mundo, inúmeras questões surgem a partir da problemática que envolve o empreender das mulheres migrantes: sob um olhar processual, que elementos estão envolvidos nesse fazer empreendedor? Por que empreender, a partir de um contexto migrante? Que situações enfrentam essas mulheres diante do ser mulher, em um novo país e das diversas condições individuais, sociais e econômicas que vivenciam? Ou ainda: que histórias contam sobre essas mulheres migrantes o recortar da sua prática empreendedora? Para direcionar essas inquietações, propõe-se como objetivo geral: Compreender a prática empreendedora das mulheres migrante de PALOP no Brasil, analisando os desafios e oportunidades que encontram no contexto socioeconômico brasileiro. Suplementa-se os objetivos específicos: (I) Narrar a história de cada mulher migrante empreendedora entrevistada, levando em consideração o trajeto pessoal, histórico e social; (II) Contar, a partir de cada mulher migrante empreendedora, qual a sua prática de empreender e como a identidade cultural e as experiências prévias dessas mulheres impactam suas práticas empreendedoras; (III) Entender, frente a

esse contexto fundamentado em sua história, os motivos que contam os por quês da sua prática de empreender; (IV) Analisar, frente aos desafios enfrentados, os elementos de ordem econômica, social, histórica e individual que condicionam configuram a prática empreendedora em tela. Abordar-se-á breves discussão de conceitos, motivações e desafios elencados na literatura.

Para este estudo, propõe-se explorar como as identidades culturais se manifestam e influenciam os modelos de negócios destas mulheres e se há um impacto tangível dessas ações nas suas comunidades locais. Além de analisar essas interações, é essencial avaliar o papel das políticas públicas no apoio ou na dificuldade enfrentada por estas mulheres. Identificar os elementos que favorecem ou inibem o sucesso empreendedor será crucial não só para auxiliarem futuros empreendedores, mas também para implantar políticas eficazes que apoiem integrações socioeconômicas mais robustas.

Nesta introdução ao tema, o trabalho estabelece o nicho teórico e empírico sobre o qual a teoria intersetorial será montada. As expectativas incluem oferecer sugestões que catalisem discussões mais vastas sobre a importância de apoiar iniciativas femininas africanas e assim, contemplar o empreendedorismo não como um raciocínio alternativo criado por necessidade, mas como uma escolha estratégica, criativa e vital no amplo palco do desenvolvimento global.

## 1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA

Com intuito de compreender o empreendedorismo feminino, não somente do ponto de vista objetivo e do nível de sua contribuição econômica, mas, sob a perspectiva da prática empreendedora da mulher migrante Africana, sua profundidade e abrangência, e assim situar o desenho da pesquisa.

Corroborar-se com a ideia de aprofundar o conhecimento sobre as mulheres migrantes africanas, no Brasil, por meio de suas histórias e identidade cultural no mundo dos negócios, a conquista do espaço em diversas áreas como profissionais a partir da ação de empreender, a iniciação de pequenos negócios, atuação na liderança e gestão de micro e pequenas empresas, e a construção de um legado de permanência no mercado de trabalho. Não deixando de observar os inúmeros desafios vivenciados por mulheres que buscam empreender tais como o preconceito

e dificuldades no acesso a crédito financeiro etc. Das incertezas renasce o impulso em resposta ao cenário social, econômico e político. Tanto o ambiente ou campo de estudos, quanto no espaço mercadológico se transforma em iniciativa permissiva na construção de possibilidades de fortalecimento e de desenvolvimento da cadeia econômica, social e cultural (SEBRAE, 2024).

Os aspectos relacionados ao empreendedorismo têm sido cada vez mais marcantes e alvo de estudos recorrentes com o objetivo de buscar o entendimento de como ocorre o fenômeno, quais as suas características, que perfil precisa reunir o sujeito empreendedor, quais reflexos em termos de valor a iniciativa empreendedora pode proporcionar à sociedade e em que medida a adoção de métodos científicos e pedagógicos têm sido introduzidos na academia com o fito de avançar nas ações visando à ampliação do segmento, tão importante para o fortalecimento econômico de uma nação.

Importa mencionar que a mudança nos hábitos, aspectos relacionados à demografia, alterações no estado civil, necessidade de apoiar o desenvolvimento dos filhos, entre outros fatores, têm contribuído para a inserção das mulheres no segmento empreendedor.

Isto posto, surge a necessidade de estudos aprofundados sobre a temática para compreender o fenômeno como prática e desafios. Davidson (2004) afirma que a pesquisa sobre empreendedorismo não está focada apenas no surgimento de novas empresas, mas em novos mercados e as mudanças decorrentes dele. Pois, o empreendedor é movido por acontecimentos, é dotado de sensibilidades para negócios, possui o tino financeiro e capacidade de identificar oportunidades, por ter criatividade e um alto nível de energia, a mulher empreendedora demonstra imaginação, perseverança e a inovação.

A comunidade científica tem sido bem representada por estudiosos como Julien (2010), Murph, Lião, Welsch (2006) e Aldrich (2012), com suas contribuições em publicações e conferências. Julien (2010) enfatiza a importância do contexto e das redes no empreendedorismo. Argumentando que o empreendedorismo não ocorre no vácuo, mas sim em um ambiente dinâmico, onde fatores como redes sociais, inovação e políticas institucionais influenciam o sucesso dos negócios.

Já Murphy, Liao e Welsch (2006), apresentam uma visão sobre o processo empreendedor, enfatizando que ele não é linear, mas sim caracterizado por ciclos de

aprendizado, adaptação e descoberta de oportunidades. Analisam como fatores individuais, organizacionais e ambientais interagem para moldar o comportamento empreendedor. Aldrich (2012) aborda o empreendedorismo a partir de uma perspectiva sociológica e evolutiva, destacando que a criação de novos negócios depende fortemente das redes sociais e do capital social dos empreendedores. Enfatiza que as empresas emergem em contextos sociais específicos e que o sucesso de um negócio está diretamente ligado à capacidade do empreendedor de mobilizar recursos, conhecimentos e conexões dentro dessas redes. Além disso, Aldrich destaca o papel das instituições e do ambiente regulatório na promoção ou na limitação da atividade empreendedora.

E ainda assim, faz-se necessário aprofundar a compreensão científica deste tema porque de fato, sob o olhar situado da prática, ainda há muito a ser descoberto sobre as histórias e os elementos de construção dos sujeitos empreendedores.

É importante ressaltar que os critérios de seleção dos trabalhos utilizados partiram da premissa dos que abordavam discussões sobre uma perspectiva geral do empreendedorismo no campo de pesquisa, e uma das definições mais disseminadas baseada na literatura recente sobre o termo empreendedorismo, finalizando com a abordagem das práticas empreendedoras baseada em processos e seu contributo para o desenvolvimento econômico da mulher migrante.

De acordo com dados do Sebrae (2024), o Brasil ocupa a 60ª posição no ranking global de empreendedorismo feminino, em um universo de 77 países, conforme o índice GEDI de 2015. Esse cenário evidencia a necessidade de promover políticas e iniciativas que incentivem o desenvolvimento de negócios liderados por mulheres, fomentando não apenas o crescimento dessas empreendedoras, mas também o seu crescimento econômico. Com isso gerar reflexos positivos na economia e na sociedade como um todo, contribuindo para a redução das desigualdades e a ampliação das oportunidades para as mulheres no mercado.

## 1.2. OBJETIVOS DA PESQUISA

O objetivo ou propósito de uma pesquisa define o que se pretende investigar, e frequentemente inclui os motivos subjacentes à realização do estudo (SALDAÑA; OMASTA, 2017). Conforme argumentam Creswell e Creswell (2018), a pesquisa

começa com uma questão ampla e central visando capturar a complexidade do fenômeno em questão. Isso é seguido pelo estabelecimento de objetivos específicos, que servem para refinar o foco do estudo e são aplicáveis em metodologias como entrevistas e análise narrativa. Para este trabalho, face à problemática até aqui delineada, a pesquisa tem como os seguintes objetivos geral e específicos:

#### OBJETIVO GERAL

Compreender a prática empreendedora das mulheres migrantes de PALOP no Brasil, analisando os desafios e oportunidades que encontram no contexto socioeconômico brasileiro.

#### OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

1. Narrar a história de cada mulher migrante empreendedora entrevistada, levando em consideração o trajeto pessoal, histórico e social;
2. Contar, a partir de cada mulher migrante empreendedora, qual a sua prática de empreender e como a identidade cultural e as experiências prévias dessas mulheres impactam suas práticas empreendedoras;
3. Entender, frente a esse contexto fundamentado em sua história, os motivos que contam os por quês da sua prática de empreender;
4. Analisar, frente aos desafios enfrentados, os elementos de ordem econômica, social, histórica e individual que condicionam configuram a prática empreendedora em tela.

#### 1.3. JUSTIFICATIVA

A justificativa para a presente dissertação de mestrado reside na crescente relevância do empreendedorismo feminino como um vetor significativo de transformação econômica, social e cultural em sociedades contemporâneas. Apesar dos avanços consideráveis alcançados na última década, as mulheres ainda enfrentam barreiras estruturais substanciais que limitam suas oportunidades no universo empresarial. Estas barreiras incluem, mas não se limitam ao acesso restrito a recursos financeiros, redes de apoio insuficientes e persistentes preconceitos de gênero que imperam em diversos setores do mercado de trabalho.

O empreendedorismo possui forte influência na economia que busca agregar a todo instante, valor a sua personalidade além disso introduzir mudanças e inovação, concentrando todas as suas forças no intuito de manter-se no ápice. Já Schultz-Nielsen (2004), menciona o empreendedorismo como gerador de autoemprego, constituindo uma evolução para a autonomia nessa luta de classes e instauração do novo modelo social no processo de adaptação da mulher migrante, considerando-o assim como uma das possibilidades que as mulheres migrantes têm para alcançar posição social respeitável, embora os ganhos nem sempre são correspondentes.

Dedicando-se a um estudo aprofundado sobre o tema, esta dissertação visa lançar luz sobre as dinâmicas subjacentes do empreendedorismo feminino, explorando as motivações, desafios, e contribuições das mulheres empresárias no atual cenário econômico. Esse foco é particularmente relevante num contexto em que economias globais buscam inovação, diversidade e sustentabilidade como alternativas para enfrentar desafios econômicos e sociais amplos, como a desigualdade crescente e as mudanças tecnológicas rápidas.

Portanto a motivação em estudar sobre empreendedorismo feminino em particular a mulher migrante de PALOP, baseia-se na relevância e importância que o tema acarreta, trata-se de um fenômeno novo e com potencial crescente, e curiosamente flui o desejo de aprofundar o entendimento dos fatores que dão continuidade ao processo da prática empreendedora, sob influência da identificação de oportunidades por mulheres migrantes vinda de países africanos, principalmente, quando nesse alvoreço envolve a chegada ou mesmo o acompanhamento do desenvolvimento dos filhos, experimentando mudanças sociais, mudanças econômicas, novos mercados, a tecnologia não exclusivista, sem esquecer o número de mulheres que trabalham fora. Destaca-se a contribuição social da pesquisa, relacionada à compreensão das transformações e dos processos sociais resultantes da autonomia ou independência financeira, o desligamento da autodependência e a melhoria da condição de vida da mulher migrante.

Não obstante, e talvez de maior relevância, essa pesquisa justifica-se porque, ao lançar olhar para o exercício do empreendedorismo das mulheres migrantes como uma prática social, descentralizamos o olhar meramente econômico para compreender, de fato, o processo pelo qual essas mulheres se constroem dentro de um novo contexto sócio geográfico. Esse processo de construção, atravessado pela

sua prática empreendedora, sob o contar dessas próprias mulheres, de certo fará emergir elementos explicativos muito significativos para o desenvolvimento teórico do empreendedorismo, mas também para a compreensão social do fenômeno da migração e de como ele é compreendido e construído no contexto brasileiro.

Além disso, esta dissertação procura contribuir para o campo acadêmico ao integrar teorias de gênero, desenvolvimento econômico e inovação empresarial, fornecendo uma análise crítica de modelos existentes e propondo novas abordagens que considerem as especificidades das mulheres no mercado de negócios. A compreensão detalhada dessas forças pode informar políticas públicas mais eficazes que incentivem o desenvolvimento de empreendimentos liderados por mulheres, resultando em um impacto positivo em termos macroeconômicos, sociais e acadêmicos.

Apesar de o empreendedorismo ser um tema discutido há mais de cem anos, sua inclusão no meio acadêmico é relativamente recente, conforme destacado por Verga e Soares da Silva (2014). A importância da prática empreendedora é evidente desde a identificação até a concretização de uma oportunidade, contribuindo significativamente para a produção de conhecimento e proporcionando um entendimento mais profundo sobre a temática.

Portanto, ao adotar e aprofundar essa temática, a dissertação tem como propósito não apenas ampliar o entendimento sobre o empreendedorismo feminino, mas também oferecer compreensão prática e teórica que possam influenciar futuras pesquisas, políticas e práticas empresariais. Desta forma, reforça-se o compromisso com o avanço de uma sociedade mais igualitária e economicamente sustentável.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Existem diversas definições para o termo empreendedorismo, porém é relevante revisitar a formulação original proposta pelo professor Howard Stevenson da Harvard Business School. Ele define empreendedorismo como a “busca de uma oportunidade além dos recursos que você controla” (STEVENSON, 1983), sublinhando a necessidade de determinação e concentração de esforços. Para aproveitar essas oportunidades, empreendedores devem contar com recursos como habilidades técnicas específicas ou uma rede de contatos que os ajudem a identificar e acessar essas oportunidades, como ligações familiares ou profissionais.

Empreendedores frequentemente manifestam um senso de urgência, desejando agir rapidamente quando identificam uma oportunidade. Este traço pode ser visto negativamente em organizações estabelecidas, onde os processos tradicionais estão consolidados e há uma aversão ao risco. No entanto, uma oportunidade traduz-se na implementação de algo novo, promovendo uma inovação disruptiva, que a distingue de uma simples melhoria ou ajuste incremental, sobretudo pelo seu elevado impacto tecnológico e mercadológico.

A polissemia, a vasta abrangência e os sentidos do empreendedorismo o tornam um fenômeno dinâmico, os franceses usavam o termo “*entreprendre*”, para conotar aquele que assumia riscos de criar negócios (LEITE, 2012). Na literatura da atualidade, o empreendedor é definido como aquele que entrega a obra. No sec. XX começou a ganhar popularidade e desenvoltura nas definições integradas dando voz aos fatores críticos relacionados ao fenômeno (KURATKO, 2018). O clássico Adam Smith (1976) reforça a ideia de que o empreendedorismo possui uma relação estável com o ambiente socioeconômico, afirmando que os detentores da arte empreendedora conseguem transladar de geração em geração, em conciliação com a dinâmica do ambiente e os personagens, multifacetados conduzidas pelas mudanças rápidas e de grandes competições.

O empreendedorismo, classicamente definido, designa ousadia e estimula o progresso econômico permeado pela diversidade e da atuação mercadológica. O empreendedorismo vai além de ideias, são viabilizações concretas de negócios. Acarreta um fluido dinâmico na construção social, por esta razão, o empreendedorismo social condecora as motivações de indivíduos e grupos que

reagem aos riscos associados à concepção, à construção, ao lançamento e a manutenção de novas organizações e modelos de negócios (IIZUKA; COSTA, 2022).

E, partindo do pressuposto de que a comunidade empreendedora pode ser consolidada em seis domínios: política, mercados, capital, habilidades humanas, cultura e apoios (cf. ISENBERG, 2011). Esses elementos não operam de forma isolada, ao contrário, interagem dinamicamente, formando um ecossistema propício para o desenvolvimento de iniciativas empreendedoras.

No domínio político, a implementação de políticas públicas favoráveis ao empreendedorismo, como simplificação tributária, incentivos fiscais e regulamentações inclusivas, é essencial para criar um ambiente institucional que fomenta a inovação. É de destacar as políticas bem estruturadas, o quanto contribuem para a redução de barreiras burocráticas, promovendo um ecossistema mais acessível (LUNDSTRÖM; STEVENSON, 2005). Além disso, iniciativas voltadas para a inclusão de grupos como mulheres e migrantes, têm demonstrado impacto positivo no fortalecimento da diversidade no empreendedorismo (KORPI; CLERK, 2017).

Os mercados representam o espaço onde os empreendimentos interagem com consumidores e competidores. A existência de mercados abertos e acessíveis é fundamental para estimular a competição saudável, incentivar a melhoria contínua de produtos e serviços e ampliar a capacidade dos empreendedores de alcançar públicos diversificados. No entendimento de Porter (1990), mercados competitivos incentivam a inovação e aumentam a produtividade, criando vantagens competitivas sustentáveis.

O capital, em suas formas financeira, social ou intelectual, é indispensável para transformar ideias em realidade, o acesso a crédito e a redes de investidores, é amplamente reconhecido como essencial para superar as barreiras iniciais e sustentar o crescimento dos negócios (BERGER; UDELL, 1998). Além da criação de redes de mentoria e suporte social que apresentam ser recursos valiosos para a superação de desafios (GRANOVETTER, 1985).

No que diz respeito às habilidades humanas, a capacitação empreendedora e o desenvolvimento de competências específicas são pilares fundamentais. Programas de treinamento e educação continuada, oferecidos por instituições acadêmicas ou entidades de apoio, fortalecem a capacidade dos empreendedores de inovar e se adaptar a um mercado em constante mudança (SHANE, 2003).

A cultura desempenha um papel significativo na formação do espírito empreendedor. Uma sociedade que valoriza a inovação, tolera o fracasso e celebra o sucesso cria um ambiente psicológico favorável à tomada de riscos. Hofstede (1980) destaca que culturas com baixa aversão ao risco tendem a incentivar o empreendedorismo, promovendo maior experimentação e inovação.

Por sua vez, o estudo do empreendedorismo feminino ocupa uma posição central nas discussões contemporâneas sobre desenvolvimento econômico e igualdade de gênero. Este fenômeno oferece uma lente precisa para compreender como mulheres de diversas origens podem, através da liderança em empreendimentos, não apenas alcançar aspirações individuais, mas também impulsionar mudanças sociais e econômicas. Neste contexto, diferentes teorias e abordagens têm sido exploradas para melhor compreender as nuances do empreendedorismo feminino.

Uma das abordagens teóricas mais exploradas é a *Teoria da Microempresa de Necessidade*, que sugere que muitas mulheres são impulsionadas ao empreendedorismo, não por oportunidades de mercado, mas por pressões externas e necessidades imediatas de sobrevivência econômica (KANTOR, 2008). Esse quadro enfatiza como a carência de oportunidades no mercado de trabalho tradicional leva as mulheres a buscarem em suas redes sociais e habilidades pessoais uma alternativa viável de subsistência.

Tem também a abordagem do *Empreendedorismo Sustentável* que foca em como as empreendedoras integram interesses de negócios com objetivos sociais e ambientais. Essa abordagem ressalta que as mulheres frequentemente optam por negócios que vão além da busca de lucro, promovendo impacto positivo nas comunidades e contribuindo para o desenvolvimento sustentável (SHEPARD *et al.*, 2011). Esta dimensão é fundamental para compreender a dualidade enfrentada por mulheres que iniciam negócios que não apenas garantem estabilidade financeira, mas também promovem progresso social.

Outro referencial teórico relevante é a aplicação do conceito de *Capital Social*, conforme delineado por Bourdieu (1986), em estudos sobre empreendedorismo feminino. Sob esta abordagem de cunho pós-estruturalista, há a possibilidade de desvendar elementos mais profundos relacionados às práticas empreendedoras. No contexto dos empreendimentos femininos, o capital social pode explicar tanto a

construção social das barreiras, quanto situar a prática com relação às redes e capitais mobilizados para práticas que alcançam objetivos e podem ser identificadas como “de sucesso”.

Outra abordagem que vale ressaltar é a *Teoria das Capacidades* de Amartya Sen também é relevante aqui, pois considera o empreendedorismo uma extensão da liberdade individual de agência. Para Sen, a real quantidade de liberdade econômica de um indivíduo depende de sua capacidade de transformar recursos em resultados concretos e desejáveis. Aplicada ao empreendedorismo feminino, essa teoria permite explorar como as condições sociais e econômicas permitem ou restringem a capacidade de mulheres de participarem plenamente como agentes econômicos (SEN, 1999).

Finalmente (mas não exaustivamente, pois procuramos delimitar aqui algumas acepções que podem representar a polissemia do termo), temos a *Construções de Gênero e Empoderamento*. A teoria das construções de gênero e suas relações com o poder são essenciais para compreender o empreendedorismo feminino. Analisando as representações sociais e os papéis de gênero através do modelo de sociedade, é possível entender como as definições culturais e as normas de gênero influenciam as experiências e percepções das mulheres sobre seu próprio potencial empreendedor (BUTLER, 1990). Isso inclui aspectos como confiança, percepção de risco e networking.

Essas teorias, oferecem uma compreensão robusta e multifacetada dos processos de empreendedorismo feminino. Ainda que nem sempre possam ser integradas, citá-las aqui nos permite definir contornos da complexidade do fenômeno, bem como evidenciar as “batalhas” pela propriedade do tema. Elas permitem não apenas uma análise crítica das barreiras enfrentadas pelas mulheres no mundo dos negócios, mas também uma apreciação das inovações e contribuições que as empreendedoras trazem para as tradições econômicas e normas sociais. Essa riqueza teórica estabelece caminhos díspares e plurais para o desenvolvimento de pesquisas e políticas que visam promover um cenário empresarial mais equitativo e dinâmico. E para maior profundidade e compreensão desses processos, serão resgatados conceitos como motivação e a prática empreendedora da mulher migrante africana, visto que a ação empreendedora é uma realidade fundamental para a construção social no processo de mudanças (cf. SOARES, 2017).

Nota-se que o empreendedorismo praticado por migrantes ocorre desde a identificação e exploração de oportunidades econômicas até a implementação de um negócio no país de destino. O apelo do empreendedor estrangeiro está baseado em suas esperanças de encontrar investidores e mercados para expandir seus negócios (ISIDRE *et al.*, 2021). E para muitas mulheres, a atividade empreendedora surge da necessidade ou da influência familiar, como estratégia para alcançar autonomia, com fatores como localização geográfica e transformações estruturais do processo empreendedor a longo prazo não sendo recorrentes. O processo de idas e vindas dos seres humanos, decorrente da decisão de estabelecer negócios em algum lugar, flexibiliza a quebra de fronteiras e as relações identitárias entre empreendedores migrantes e o espaço geográfico, sendo este um ponto relevante na escolha da localização para estabelecer vínculos de negócios e alcançar resultados.

Nesse íterim, a fraternização de valores culturais, introduzidos por elementos de redes que mobilizam a sustentabilidade da atividade empreendedora, também é significativa. O ambiente empreendedor é constituído por um conjunto diversificado de atores interdependentes dentro de uma região geográfica, que influenciam a formação eventual da trajetória de todo o grupo, potencialmente moldando a economia. O ambiente empreendedor evolui por meio da interação de componentes interdependentes que colaboram para gerar a criação de novos empreendimentos ao longo do tempo.

## 2.1. EMPREENDEDORISMO FEMININO

O empreendedorismo feminino é um fenômeno crescente e dinâmico, que vem ganhando destaque nas economias contemporâneas em todo o mundo. Historicamente, como exposto na introdução deste trabalho, as mulheres enfrentaram diversas barreiras para empreender, incluindo acesso limitado a recursos financeiros, preconceitos de gênero e desafios de conciliação entre responsabilidades profissionais e familiares. Esses obstáculos, como apontado por Jennings e Brush (2013), têm sido historicamente mais pronunciados para as mulheres devido à divisão de papéis de gênero, que restringe seu acesso a redes e capital essencial para empreender. No entanto, a presença das mulheres no cenário empresarial tem

impulsionado mudanças significativas e modelado novas tendências econômicas e sociais (KELLEY *et al.*, 2016).

O aumento do empreendedorismo feminino pode ser compreendido mediante a análise do contexto histórico e social em que está inserido. Tradicionalmente, o papel das mulheres no mercado de trabalho era secundário, restrito a poucas áreas de atuação e frequentemente sujeito a discriminação e preconceitos estruturais (JENNINGS; BRUSH, 2013). Com o avanço dos movimentos de igualdade de gênero e o crescimento da participação feminina na educação superior, as mulheres começaram a ocupar espaços de liderança nos negócios, desafiando normas sociais estabelecidas. Kelley *et al.*, (2016) observam que, em muitos países, a expansão do acesso à educação e ao treinamento empreendedor tem sido um dos principais fatores no aumento da presença feminina no empreendedorismo.

O empreendedorismo viabiliza oportunidades para a conquista da independência financeira e flexibilidade de horário, fatores importantes para equilibrar a vida profissional e pessoal. O desejo por maior controle sobre a jornada de trabalho é uma das motivações principais para mulheres empreenderem (HISRICH; PETERS, 2002). Além disso, algumas empreendedoras buscam realizar um propósito específico, como criar produtos ou serviços que atendam às necessidades de suas comunidades, ou expressar suas paixões e habilidades únicas (BRUSH *et al.*, 2006). Isso corrobora para a afirmação de que as motivações para o empreendedorismo feminino são amplas e variadas.

Contudo, o empreendedorismo feminino ainda enfrenta desafios consideráveis. Entre eles, destaca-se o acesso desigual a financiamentos e a falta de redes de apoio e mentoria, que são frequentemente dominadas por homens (JENNINGS; BRUSH, 2013). Além disso, as mulheres empreendedoras frequentemente têm que lidar com a persistência de estereótipos de gênero, que podem afetar a legitimidade percebida de seus negócios (MALMSTRÖM *et al.*, 2017). Esses desafios estruturais limitam as possibilidades de expansão de empreendimentos liderados por mulheres e evidenciam a necessidade de políticas públicas e iniciativas específicas para fomentar a igualdade de oportunidades.

Apesar das dificuldades, o empreendedorismo feminino tem impactos positivos profundos e duradouros na economia e na sociedade. Jennings e Brush (2013) destacam que mulheres empreendedoras trazem diversidade ao mundo dos

negócios, promovendo inovações e soluções criativas que refletem uma ampla gama de experiências e perspectivas. Além disso, empreendimentos liderados por mulheres tendem a focar no desenvolvimento comunitário e sustentável, resultando em impacto social significativo (KELLEY *et al.*, 2016).

O sucesso de mulheres no empreendedorismo pode servir de inspiração para futuras gerações de empreendedoras, ajudando a desmistificar ideias preconcebidas sobre a capacidade das mulheres de liderar grandes iniciativas empresariais (BRUSH *et al.*, 2009). Essa mudança de paradigma tem o potencial de promover condições mais equitativas e inclusivas nas diversas indústrias ao redor do mundo, reforçando a importância do empreendedorismo feminino como catalisador de transformações econômicas e sociais.

O domínio dos apoios, entretanto, abrange infraestruturas e serviços essenciais, como espaços de coworking, incubadoras, aceleradoras, e suporte técnico e jurídico. Esses recursos facilitam o acesso a redes de colaboração e proporcionam suporte prático para o desenvolvimento dos negócios (ISENBERG, 2011). Outros aspectos identificados nas mulheres migrantes refletem suas experiências passadas, desde a infância até a fase adulta. Ao longo de suas trajetórias, essas mulheres enfrentaram dinâmicas de dominação e disputas de poder em diversos contextos, como no ambiente familiar, escolar, profissional e social.

De modo geral, inúmeros são os motivos que as mulheres passam a ter no envolvimento com as atividades empreendedoras. O fenômeno é marcado pela pluralidade de motivações, no que concerne ao envolvimento feminino no empreendedorismo, refletindo as condições estruturais da sociedade e os anseios subjetivos da mulher. Logo, entende-se que a polissemia no empreendedorismo traz distintos significados, e serão destacados os mais comuns, iniciando pelas demandas econômicas e induzidas pela necessidade de gerar renda em um contexto exclusivo e instável no mercado de trabalho formal. Muitas mulheres, especialmente aquelas em situações de vulnerabilidade socioeconômica, recorrem ao empreendedorismo como uma estratégia de sobrevivência. Esse cenário é evidenciado em estudos sobre o “empreendedorismo por necessidade”, em que a criação de negócios próprios surge como uma alternativa frente à falta de empregos formais, baixos salários e condições precárias de trabalho (DALLABRIDA; RUPPENTHAL; SILVEIRA, 2017).

Entre mulheres migrantes, essa dinâmica é ainda mais intensa, pois elas enfrentam barreiras adicionais, como discriminação, falta de reconhecimento de diplomas ou dificuldades de integração cultural. O empreendedorismo, nesse caso, não apenas gera renda, mas também contribui para sua inclusão social e econômica (GOMES; LIMA, 2021).

Outro fator importante é a busca por autonomia e flexibilidade. As mulheres encontram no empreendedorismo a oportunidade de conciliar as responsabilidades familiares com a vida profissional, uma demanda que frequentemente não é atendida por empregos convencionais. De acordo com Welter e Smallbone (2011), o empreendedorismo feminino frequentemente se adapta às necessidades específicas de gestão do tempo, permitindo que as mulheres organizem suas jornadas de trabalho em função de suas demandas pessoais e familiares. Essa flexibilidade é particularmente relevante em contextos em que as normas de gênero atribuem às mulheres a maior parte das responsabilidades domésticas. Para muitas delas, empreender significa poder participar do mercado de trabalho sem abdicar do cuidado com os filhos ou outros dependentes (HISRICH; PETERS, 2002). Nesse sentido, empreender é mais do que uma prática econômica, é uma forma de realização pessoal e ressignificação de papéis tradicionalmente atribuídos ao gênero feminino.

O empreendedorismo feminino reflete a complexidade das motivações, desafios e significados atribuídos pelas mulheres a essa atividade. Reconhecer sua natureza polissêmica é essencial para evitar abordagens reducionistas e, ao mesmo tempo, construir políticas, programas e pesquisas que respeitem e representem essa diversidade. Assim, o empreendedorismo feminino não deve ser visto apenas como um fenômeno econômico, mas como uma prática multifacetada que envolve aspectos culturais, sociais e subjetivos.

As mulheres têm maior probabilidade de recorrer ao empreendedorismo devido à insatisfação com suas carreiras profissionais ou em resposta a imperativos familiares (CROMIE, 1987). O empreendedorismo é percebido pelas mulheres como uma fonte de emancipação (RINDOVA *et al.*, 2009) e uma força de mudança (HUGHES *et al.*, 2012). As empreendedoras parecem particularmente atraídas por um desejo de independência. A liberdade e a autonomia proporcionadas pelo empreendedorismo são uma importante fonte de motivação para as mulheres. Muitas mulheres veem o empreendedorismo como uma fonte de emancipação financeira e autonomia. A atividade empreendedora surge da necessidade de se distanciar das

instituições hierárquicas e da flexibilidade de trabalhar em projetos de seu próprio interesse;

O empreendedorismo aparece também como o desejo de fazer algo significativo, as mulheres empreendedoras parecem ser mais motivadas pelo desejo de fazer algo que faça sentido e tenha significado para elas. Na maioria das vezes, trata-se de ajudar a sociedade ou de suprir uma necessidade não atendida em seu próprio ambiente. Em particular, entre os empreendedores, as mulheres priorizam mais os objetivos de aprimoramento social do que a criação de valor econômico, em comparação com os homens (HECHAVARRIA *et al.*, 2016).

Inquirir um ponto de equilíbrio entre a vida pessoal, profissional e a maternidade é uma motivação mais dominante entre as mães empreendedoras (SHERER; PRESTES; GRISCI, 2022). Considerando que o empreendedorismo permite a flexibilidade nos horários e uma melhor adaptação aos seus constrangimentos e obrigações familiares. O histórico familiar parece desempenhar um papel importante na motivação de mulheres para se tornarem empreendedoras, uma particularidade para algumas mulheres se sentirem atraídas pelo empreendedorismo devido à flexibilidade de uso do tempo que é proporcionado, em comparação com o emprego assalariado (BRUSH, 1992; DEMARTINO e BARBATO, 2003; PATRICK *et al.*, 2016). Entretanto, a pesada carga de trabalho associada ao empreendedorismo também pode entrar em conflito com a administração da vida familiar (SHELTON, 2006). O contexto familiar, as normas culturais e as expectativas sociais dos papéis de gênero também podem agir como um freio ao empreendedorismo feminino (BRUSH *et al.*, 2009).

A busca por melhores rendimentos destaca-se como uma das principais motivações para mulheres ingressarem no mundo dos negócios. Essa aspiração por melhores perspectivas econômicas é especialmente relevante em contextos de desemprego ou na busca por fontes adicionais de renda. Além disso, o empreendedorismo feminino, marcado por sua diversidade, desempenha um papel significativo na melhoria da qualidade de vida, tanto para as empreendedoras quanto para suas comunidades (BERGER; KUCKERTZ, 2016).

O empreendedorismo pode ser compreendido como prática de sobrevivência para algumas mulheres, não é uma questão de escolha, ou de deliberar se deseja empreender ou seguir carreira em qualquer área, mas sim fazer aquilo que permite

sobreviver. Em uma sociedade segregacionista, desigual e com alto índice de desemprego, empreender é uma questão de sobrevivência, assim, as desigualdades sociais no Brasil contribuem significativamente para que o empreendedorismo seja, em sua maioria, motivado pela necessidade. Esse cenário torna-se ainda mais evidente quando analisado a partir de recortes como gênero, raça e região. Para mulheres, especialmente as negras e imigrantes, a situação é ainda mais preocupante, pois essas interseccionalidades intensificam as barreiras estruturais e limitam o acesso a oportunidades e recursos que poderiam impulsionar suas iniciativas empreendedoras (GEM, 2022).

A medida da satisfação também é um tema explorado nos estudos de empreendedorismo. Bender e Roche (2016) sugerem que as mulheres sentem mais satisfação com o empreendedorismo do que os homens, apesar de uma diferença salarial significativa em favor dos homens. Embora as motivações no empreendedorismo sejam amplamente aplicáveis à maioria das mulheres empreendedoras, existem nuances significativas que variam conforme os contextos culturais e geográficos em que operam. De fato, as razões dominantes para empreender diferem de uma região do mundo para outra. Por exemplo, em países europeus como França e Reino Unido, o desejo de independência e realização pessoal é frequentemente apontado como principal motivador. Em contrapartida, na África, especialmente em sociedades tradicionalistas, as mulheres empreendedoras são geralmente impulsionadas por necessidades econômicas, seguidas pelo desejo de autoafirmação, emancipação e autonomia. Esse padrão é particularmente evidente em países do Magreb, como Argélia, Tunísia e Marrocos, bem como em países da África Subsaariana, como Angola (BENAVENTE, 2015; GHERIBI, 2020).

Essas diferenças refletem a diversidade de perfis das mulheres empreendedoras, que não podem ser compreendidas de forma homogênea. Brush *et al.* (2009) destacam que o ambiente cultural e econômico exerce uma influência significativa sobre as escolhas e estratégias empreendedoras. Assim, torna-se essencial analisar a migração e o empreendedorismo no contexto em que as mulheres estão inseridas, considerando as dinâmicas sociais, econômicas e culturais específicas de cada região.

## 2.2. MIGRAÇÃO E EMPREENDEDORISMO

De acordo com Manço et al. (2017), o empreendedor tem sido historicamente uma das figuras centrais no fenômeno migratório, visto que muitos migrantes recorrem ao empreendedorismo como meio de inserção econômica e social. Nos últimos anos, a migração feminina tem aumentado significativamente, impulsionada por fatores econômicos, políticos e sociais (CASTLES; MILLER, 2014). Entretanto, apesar desse crescimento, a participação das mulheres no empreendedorismo ainda é limitada. Segundo a OCDE (2011), as mulheres representam, em média, apenas 30% do total de empreendedores, tanto entre imigrantes quanto entre nativos.

Diante desse cenário, torna-se fundamental a identificação e implementação de estratégias e políticas que incentivem a participação feminina no ambiente empreendedor. Essas iniciativas não apenas contribuem para o desenvolvimento econômico das sociedades de acolhimento, mas também fortalecem a autonomia financeira das mulheres migrantes, promovendo sua inclusão social e ampliando seu papel ativo na esfera pública. Políticas públicas voltadas ao empreendedorismo feminino devem, portanto, considerar as especificidades das mulheres migrantes, oferecendo suporte que minimize barreiras estruturais e maximize as oportunidades de sucesso nesse campo.

E para ampliar a compreensão das dinâmicas socioeconômicas que afetam mulheres migrantes é relevante considerar a interseccionalidade entre a migração e o empreendedorismo feminino. Visto que, o empreendedorismo emerge como uma estratégia fundamental para a integração socioeconômica, sobretudo em contextos em que o acesso ao emprego formal é limitado (SANTOS, 2020).

O empreendedorismo parece ser um dos poucos meios de rápida integração socioprofissional. O empreendedorismo imigrante não apenas contribui para o desenvolvimento econômico em determinados setores das sociedades anfitriãs, mas também constitui uma etapa viável para a economia.

Deve-se dizer, entretanto, que as mulheres migrantes desempenham um papel notável na abertura e manutenção de empresas. Inicialmente inativas, elas surgiram como chefes de empresas familiares na década de 1980, quando seus maridos forneceram outra fonte de renda durante o período em que as empresas estavam decolando. Suas filhas também eram ativas nesses estabelecimentos, o que teve um efeito positivo na taxa de emprego das trabalhadoras imigrantes (MANÇO,

2006). Também houve um aumento no acesso ao ensino superior entre os filhos de proprietários de empresas, um sinal do movimento de gentrificação que começou na década de 1990 entre os imigrantes que inicialmente eram da classe trabalhadora (MANÇO; AKHAN, 1994). Para mulheres migrantes, o empreendedorismo frequentemente assume um papel cultural significativo. Elas utilizam seus negócios para preservar e divulgar tradições culturais de seus países de origem, ao mesmo tempo em que inovam para atender às demandas do mercado local. Para Gomes e Lima (2021), essa prática é comum em setores como gastronomia, moda e artesanato, onde a combinação entre elementos culturais e adaptabilidade às novas realidades permite que as mulheres criem produtos únicos, que dialogam com diferentes públicos.

A abertura de negócios próprio permite que elas desenvolvam atividades compatíveis com suas habilidades e experiências, além de oferecer flexibilidade para conciliar trabalho e vida familiar (REYNOLDS et al., 2005). Além disso, pequenos empreendimentos muitas vezes reforçam laços comunitários, permitindo a criação de redes de apoio que facilitam sua permanência no novo país (MARTINELLI, 2017).

É importante realçar a influência das políticas públicas e redes de apoio para o empreendedorismo feminino, sem negligenciar programas que oferecem acesso a crédito, capacitação e redes de mentoria que desempenham um papel crucial na inclusão de mulheres no mercado empreendedor. Kantis e Ishida (2002), iniciativas voltadas para a promoção do empreendedorismo são especialmente importantes para mulheres em situações de exclusão financeira ou social, pois reduzem barreiras estruturais e criam oportunidades concretas de desenvolvimento.

No entanto, ainda que tenha tradicionalmente essa conotação que exalta o papel do empreendedorismo para o desenvolvimento econômico das nações e diversos contextos de negócios, quando se fala do empreendedorismo no contexto de mulheres migrantes, é necessário discutir, de fato, esse fenômeno, do ponto de vista de quem empreende.

Desse modo, observando particularmente o contexto brasileiro, é possível constatar que as mulheres africanas historicamente trabalharam sob condições de um empreendedorismo de subsistência, um traço que remonta à época colonial, quando muitas atuavam como quitandeiras e comerciantes de rua (DIAS, 1984). Embora essa atividade tenha ocorrido em um contexto de opressão e desumanização, o ato de

empreender envolve o uso estratégico de recursos disponíveis e a identificação de oportunidades, mesmo em cenários adversos (MANÇO et al, 2017)

A mulher empreendedora africana, portanto, ao longo da história, dá passos concretos na oferta de produtos e prestação de serviços, explorando atividades que ressignificam sua existência e fortalecem sua autonomia. Segundo Asante (1988), a experiência da diáspora africana deve ser analisada por meio de suas próprias epistemologias e estruturas culturais, reconhecendo que o empreendedorismo feminino afrodescendente não se limita à sobrevivência, mas também à resiliência e à preservação da identidade.

Além disso, a relação entre família e negócios é um fator central nesse processo, especialmente quando se considera a interseção entre gênero e identificação de oportunidades. As mulheres africanas e afrodescendentes tradicionalmente desenvolvem suas atividades empreendedoras dentro de uma estrutura familiar, utilizando redes de apoio que favorecem sua permanência no mercado e possibilitam a transmissão de saberes entre gerações (DIAS, 1984). Dessa forma, a economia de subsistência das quitandeiras coloniais se conecta diretamente com o empreendedorismo contemporâneo, evidenciando a continuidade de práticas econômicas e culturais que resistem às adversidades estruturais.

A migração tem sido uma força econômica e social fundamental ao longo da história, moldando as dinâmicas globais de trabalho, identidade e desenvolvimento. Em muitos contextos, os migrantes recorrem ao empreendedorismo como um meio de inserção econômica, especialmente quando enfrentam barreiras no mercado de trabalho formal.

No caso das mulheres migrantes, a situação é ainda mais complexa devido às interseções entre gênero, raça e condição migratória. Embora o empreendedorismo ofereça uma via para a autonomia financeira, desafios interseccionais tornam sua trajetória mais árdua. Como apontado por Collins; Low (2010), além das dificuldades enfrentadas por empreendedoras em geral, mulheres migrantes enfrentam pressões culturais, desvantagens socioeconômicas e a ausência de redes institucionais de apoio. No entanto, muitas delas empregam conhecimentos culturais e redes transnacionais para criar negócios em nichos específicos, como alimentação, moda e serviços comunitários, que facilitam sua inserção nos mercados locais.

Destaca-se a influência da prática empreendedora e as políticas públicas que podem impulsionar a participação no mercado, e o enfrentamento dos principais desafios e oportunidades encontradas.

No entanto, a dificuldade na inserção para o mercado de trabalho formal, leva muitas mulheres de países Africanos a buscarem alternativas empreendedoras para garantir sua subsistência e independência financeira, (VANDOR, 2021). Nessa dinâmica encontram-se outras dificuldades como a não validação de diplomas estrangeiros, obstáculos linguísticos e discriminação estrutural frequentemente limitam suas oportunidades de emprego, levando-os a buscar alternativas autônomas de sustento (LIGHT; GOLD, 2000). Essas iniciativas são proporcionalmente menos estáveis, menos sustentáveis e mais propensas a fracassar do que as da população nativa. Contudo, enfrentam desafios significativos ao abordar as demandas específicas dos empreendedores africanos, muitas vezes devido à falta de políticas adaptadas às suas realidades socioculturais e econômicas (KUETE; MANÇO, 2021).

A questão da migração e do empreendedorismo não pode ser dissociada de um olhar afrocentrado, especialmente quando se trata de empreendedores africanos na diáspora. Conforme Asante (1988), argumenta que a experiência da diáspora africana deve ser analisada a partir de suas próprias epistemologias e estruturas culturais. Esse pensamento é relevante para o estudo do empreendedorismo migrante, pois destaca como os migrantes africanos frequentemente recorrem a valores comunitários, modelos econômicos tradicionais e redes de solidariedade para estruturar seus negócios. A lógica, frequentemente mencionada na filosofia africana, enfatiza a interdependência e a cooperação, sendo um pilar essencial no empreendedorismo de migrantes africanos que constroem redes de apoio mútuo (TOWNSEND; ZELENKA, 2021).

Diante desse panorama, políticas públicas voltadas ao empreendedorismo migrante precisam reconhecer essas especificidades culturais e criar mecanismos de suporte adequados. Programas de microcrédito, capacitação financeira e redes de mentoria são fundamentais para transformar o empreendedorismo de necessidade em um modelo sustentável de crescimento econômico e ascensão social (KLOOSTERMAN; RATH, 2018).

A relação entre migração e empreendedorismo do ponto de vista das teorias clássicas pode ser analisada a partir de diferentes perspectivas teóricas. Na perspectiva da microempresa de necessidade (LIGHT; GOLD, 2000) destaca como os

migrantes frequentemente criam pequenos negócios para superar dificuldades de integração, ajudando a compreender como, diante da exclusão estrutural, muitos empreendedores migrantes identificam oportunidades em nichos de mercado pouco explorados pelas populações locais.

Outra abordagem relevante é a teoria do capital social (PORTES, 1998), que enfatiza a importância das redes de contato para o sucesso do empreendedorismo migrante. Para muitos migrantes, as conexões dentro de suas comunidades desempenham um papel crucial no acesso a recursos financeiros, informações e suporte técnico. Essas redes não apenas facilitam a criação e manutenção dos negócios, mas também servem como ponte para a interação e integração com a sociedade anfitriã.

A teoria das capacidades, desenvolvida por Sen (1999), também oferece um arcabouço analítico útil para entender os desafios e oportunidades do empreendedorismo migrante. O autor argumenta que o desenvolvimento deve ser medido não apenas pelo crescimento econômico, mas pela ampliação das capacidades individuais. Aplicada ao contexto dos migrantes empreendedores, essa teoria sugere que a criação de negócios não é apenas uma estratégia de sobrevivência, mas também um meio de ampliar liberdades e criar impacto social positivo, desde que haja suporte institucional adequado.

Além disso, a afrocentricidade de Asante (1988) sugere uma abordagem crítica para entender o empreendedorismo migrante africano. Ao invés de enxergar os migrantes como agentes passivos em um sistema econômico que os marginaliza, essa perspectiva reconhece a agência dos empreendedores africanos e suas estratégias autônomas de resistência, inovação e reconstrução de identidade. Essa visão dialoga com a necessidade de políticas públicas que não apenas mitiguem os desafios enfrentados por esses empreendedores, mas que também valorizem e potencializem suas contribuições econômicas e culturais.

Em suma, o empreendedorismo migrante, particularmente o feminino e o africano, é um fenômeno complexo que envolve dinâmicas econômicas, sociais e culturais interligadas. O reconhecimento e o fortalecimento desse tipo de empreendedorismo podem contribuir para a inclusão econômica, a diversidade cultural e o desenvolvimento sustentável. No entanto, para que essas iniciativas sejam bem-sucedidas, é essencial que haja um suporte institucional adequado, que leve em conta tanto as especificidades dos migrantes quanto as dinâmicas locais do mercado.

A partir da integração das teorias do capital social, das capacidades e do afrocentrismo, torna-se evidente que o empreendedorismo migrante não deve ser visto apenas como uma estratégia de sobrevivência, mas como uma ferramenta poderosa para a transformação social e econômica. Dessa forma, a formulação de políticas públicas eficazes, aliada ao fortalecimento de redes de apoio e ao reconhecimento da diversidade cultural, pode permitir que empreendedores migrantes superem barreiras e alcancem maior estabilidade e impacto em suas comunidades.

### 2.3. O PROCESSO EMPREENDEDOR

O processo empreendedor é um fenômeno complexo e multidimensional que envolve a identificação de oportunidades, a viabilização de recursos, a criação de valor e a inovação. Este capítulo tem como objetivo explorar as etapas e as dinâmicas do processo empreendedor, com base na literatura acadêmica e em estudos. Conforme apontado por Shane e Venkataraman (2000), o empreendedorismo é um processo que vai além da simples abertura de um negócio, sendo caracterizado pela habilidade de identificar e explorar oportunidades.

O processo empreendedor representa uma continuação estruturada da ação empreendedora, englobando as diversas etapas e decisões essenciais para a criação de novos negócios ou a introdução de produtos em mercados existentes. Este processo vai além da mera inspiração ou identificação de oportunidades, abrangendo a análise sistemática das condições do mercado, a formulação de estratégias, e a implementação de ações que transformam ideias em empreendimentos tangíveis (GALLI; GIACOMELLI, 2017).

O processo empreendedor é constituído por fases interdependentes, tais como a geração de ideias, o planejamento, a mobilização de recursos, a implementação e a consolidação do negócio. Cada fase demanda competências específicas do empreendedor, incluindo criatividade, aptidão para planejamento, resiliência, e gerenciamento de riscos. O percurso é dinâmico, marcado por feedback contínuo, ajustes e aprendizagem, especialmente em contextos de incerteza.

Além disso, o processo empreendedor está profundamente vinculado ao contexto socioeconômico e cultural em que ocorre. Sarasvathy (2001) introduz o conceito de *effectuation*, que realça a relevância dos recursos disponíveis e das redes

de relacionamento durante o desenvolvimento do empreendimento. Dessa forma, o processo vai além do individual, configurando-se como um fenômeno social, onde as interações com parceiros, clientes e instituições são fundamentais.

Para as mulheres migrantes, conforme discutido por Brush *et al.* (2009), o processo empreendedor frequentemente se depara com desafios específicos, como o acesso restrito a capital, preconceitos sociais, e a necessidade de conciliar responsabilidades familiares com as exigências empresariais. Para essas mulheres, empreender transcende a mera participação no mercado; é uma estratégia crucial de adaptação ao novo contexto cultural e econômico, onde transformam as barreiras em oportunidades para crescimento e autonomia.

O entendimento das tendências do mercado e a inovação como diferencial competitivo são essenciais no processo empreendedor. De acordo com Schumpeter (1934), o empreendedor não é meramente um imitador, mas um agente de mudança que desafia o status quo por meio de novas combinações de recursos e tecnologias. Isso se aplica especialmente em mercados emergentes, como o brasileiro, onde as condições econômicas e sociais criam demandas específicas, que podem ser atendidas por empreendedores capacitados a apreender essas necessidades profundamente.

Dessa forma, o processo empreendedor não é somente uma sequência de ações, mas uma manifestação da habilidade de identificar, avaliar e agir diante de oportunidades em um ambiente volátil e complexo. Para mulheres migrantes africanas no Brasil, entender e manejar esse processo não significa apenas a criação de negócios sustentáveis, mas também a redefinição de suas trajetórias e a afirmação de suas identidades no novo contexto cultural.

O seu conceito teórico do processo empreendedor proposto e desenvolvido por (SHANE; VENKATARAMAN, 2000), baseia-se na função, atividade e ação individual e/ou coletiva, firmada na identificação de oportunidades e a criação de novos negócios e conseqüentemente gerar vantagem competitiva. Este processo acontece a partir de uma natureza cumulativa de eventos que pressupõe a exploração de recursos que aflui na contramão da criação de um novo empreendimento a partir de uma ideia, ou viabilidade conceitual do negócio, brotando como uma ideia, seguidamente a estruturação e a busca de oportunidades de negócio.

No entanto, o processo da ação empreendedora faz-se presente desde a sua origem, concepções e abrangência nas mais diversas áreas, ontologicamente, a administração estende seus estudos de maneira processual sem delimitação tal qual o empreendedorismo reconhece processo desde a identificação de uma oportunidade até a implementação do negócio, todas as etapas são vistas como processos.

Kuratko (2018), define o empreendedorismo como um processo dinâmico de visão e mudanças, que requer a aplicação de energia e paixão para a criação e a implementação de novas ideias e soluções criativas. Esse processo de criação é realizado em quatro grandes dimensões: individual, organizacional, ambiental e processual, e é auxiliado por redes de colaboração no ambiente.

O processo é desenvolvido ao longo dos anos, mediante os diversos fatores ou dimensões como acima citados, na base processual do empreendedorismo está a identificação das oportunidades geradas pelas condições sociais, tecnológicas e econômicas, não esquecendo das mudanças e o indivíduo envolvido na prática empreendedora, cuja, capacidade está em detectar e explorar as oportunidades.

Do ponto de vista da ação o empreendedorismo é criativo e inovador que prolifera a autonomia econômica e financeira, definido por muitos como a criação e desenvolvimento de pequenas empresas, também, é visto tanto por desenvolvedores de políticas públicas e por acadêmicos como um importante mecanismo, não só para o crescimento econômico, mas também para o desenvolvimento de sociedades mais inclusivas, impulsionando a inovação e a competitividade, contribuindo para a promoção da criação de emprego e estabilidade política e social (VIEIRA, *et al*, 2022).

Shane (2012) descreve o processo a partir do reconhecimento de uma oportunidade; a mulher migrante ao sair do seu país para outro, logo ao identificar primeiramente as oportunidades, em seguida busca explorar seu potencial para criar algo, seja produtos, serviços ou novos mercados. As oportunidades têm o potencial de gerar valor econômico ou lucratividade. A segunda etapa do processo é a decisão de dar continuidade e a aquisição de recursos iniciais, ou seja, não basta ter a ideia é necessário tomar decisões inicialmente e prosseguir. Entender o que motiva as mulheres empreendedoras é crucial para ter uma visão geral do processo. A outra etapa do percurso é a construção do sucesso. Por fim, observar possíveis conflitos ou problemas a serem solucionados na medida em que o empreendimento cresce, saber negociar com terceiros.

A identificação de oportunidades é frequentemente descrita como a fase inicial do processo empreendedor. Os empreendedores são agentes de alertas às mudanças no mercado, percebendo lacunas e possibilidades que outros não conseguem enxergar. Este componente envolve não apenas a percepção de oportunidades, mas também sua avaliação em termos de viabilidade econômica e potencial de impacto. Sarasvathy (2001), destaca que o processo de identificação de oportunidades pode ser sistemático ou emergente, dependendo do contexto e dos recursos disponíveis.

O processo empreendedor exige a interação de múltiplos elementos que, em conjunto, garantem a viabilidade e a sustentabilidade das iniciativas empresariais. Entre esses elementos, destacam-se estabilidade, responsabilidade, rotina, comprometimento, planejamento e disciplina. Esses fatores são indispensáveis para que o empreendedor consiga identificar, avaliar e aproveitar as oportunidades que surgem, mesmo em meio às complexidades e incertezas inerentes ao ambiente empresarial. O empreendedor não apenas responde a desafios, mas os antecipa e os transforma em possibilidades concretas de realização, explorando continuamente diferentes esferas de atuação.

Segundo o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2023), o empreendedorismo é caracterizado por sua dinamicidade e constante evolução. Esse cenário exige dos empreendedores uma postura proativa, marcada pelo investimento contínuo em capacitação e pela busca incessante de aprimoramento de habilidades. A formação contínua é vista como uma estratégia indispensável para lidar com a rápida transformação dos mercados e para manter a competitividade em um ambiente cada vez mais globalizado e tecnológico.

Reforça-se a importância desses elementos no processo empreendedor. Gibb (1997) argumenta que a prática empreendedora é sustentada por um equilíbrio entre flexibilidade e disciplina, permitindo ao empreendedor adaptar-se às mudanças sem comprometer a execução de seus objetivos estratégicos. Além disso, Shane e Venkataraman (2000) destacam que o sucesso no empreendedorismo não depende apenas da identificação de oportunidades, mas também da capacidade de gerenciá-las de forma eficiente e responsável, o que exige um planejamento rigoroso e disciplinado.

Outro aspecto crucial é a resiliência, que se manifesta tanto na capacidade de lidar com os riscos e incertezas quanto na disposição para aprender com os erros e

recomeçar, quando necessário. Como apontam Sarasvathy (2001) e Fillion (2004), a flexibilidade e a capacidade de construir redes de apoio são fundamentais para superar os desafios impostos por um mercado em constante transformação.

As transformações que impactam a vida das mulheres são frequentemente impulsionadas por revoluções inovadoras, que reconfiguram o uso dos recursos existentes para atender a novas demandas. Por trás de cada avanço há indivíduos capacitados e dotados de visão estratégica. Esses agentes, ao identificarem oportunidades, não apenas percebem possibilidades, mas também assumem riscos e empreendem em busca do novo, contribuindo para o progresso social e econômico.

A mobilização de recursos e o planejamento constituem parte do processo para a identificação de oportunidades, esta fase compreende o desenvolvimento de um plano de negócios, a organização de recursos financeiros, humanos e materiais, e a construção de uma rede de contatos que suporte a iniciativa. Segundo Hisrich, Peters e Shepherd (2014), um planejamento eficaz é fundamental para mitigar riscos e alinhar os objetivos do empreendimento. A teoria dos recursos, conforme apresentada por Barney (1991), enfatiza que a posse de recursos valiosos, raros e inimitáveis pode conferir vantagens competitivas ao empreendimento.

A implementação é a etapa em que as ideias são transformadas em realidade. Nesta fase, os empreendedores enfrentam desafios relacionados à execução do plano, ao gerenciamento da equipe e à adaptação às condições de mercado. De acordo com Drucker (1985), a inovação é um elemento central nesta etapa, permitindo que os empreendedores diferenciem seus produtos ou serviços. Além disso, as estratégias de crescimento, como diversificação e expansão para novos mercados, desempenham um papel crucial para garantir a sustentabilidade do negócio a longo prazo.

Portanto, o processo empreendedor não é estático ou linear, trata-se de uma combinação de competências, práticas e atitudes. A integração entre capacitação contínua, planejamento estratégico, disciplina e flexibilidade permite ao empreendedor não apenas sobreviver em um cenário altamente competitivo, mas também expandir suas possibilidades de atuação e alcançar sucesso sustentável. Por outra, o processo empreendedor não ocorre em um vácuo, mas é profundamente influenciado pela dinâmica e contexto social, econômico e cultural. Aldrich e Fiol (1994) destacam que a legitimação social é um aspecto vital, particularmente para

novos empreendimentos que buscam conquistar credibilidade e apoio. Para as mulheres migrantes africanas no contexto brasileiro, conforme explorado por Oliveira (2020), o processo é atravessado por desafios específicos, como a discriminação e a falta de acesso a redes formais de apoio. Contudo, esses desafios também promovem a criação de soluções inovadoras e a formação de redes de colaboração informal.

Em síntese, é um caminho dinâmico que envolve desde a identificação de oportunidades até a sua concretização em produtos, serviços ou organizações sustentáveis. As contribuições de Drucker (1985) oferecem uma base sólida para compreender o processo, que é particularmente relevante para grupos específicos, como as mulheres africanas migrantes no Brasil. Assim, é possível identificar, não apenas os desafios enfrentados, mas também as oportunidades de promover a inclusão e o empoderamento através do empreendedorismo.

Reafirmamos, portanto, a importância de entender o empreendedorismo como uma prática situada, que reflete as complexidades do ambiente em que é exercido. Essa abordagem permite não apenas identificar as motivações das mulheres empreendedoras, mas também valorizar suas contribuições e superar as barreiras estruturais que muitas enfrentam.

## 2.4. EMPREENDEDORISMO COMO PRÁTICA

A prática empreendedora não acontece a um passo de mágica ou genética, mas é uma vivência aprendida, é uma tarefa árdua e contínua, requer a exploração de características de vida como meio alternativo para identificar, calcular e especular oportunidades, com base na realidade vivida e assim, descrever a prática empreendedora. Gherardi (2000) dá ênfase aos elementos tais como praticante, objeto, identidade e os seus agentes, que se interceptam por um problema, seja de prazer ou dor, compartilhado ou de modo individual, conduzindo para a prática, com base nisso, define a prática como atividade, fazendo o uso do termo construir relativamente “habitar”. Heidegger (1971) compartilha a ideia de que é possível conceber o fazer através da produção de determinada atividade cujo desempenho produza resultados e como consequência, a finalização ao concreto de uma estrutura. A prática empreendedora é moldada pelas decisões cotidianas (BOURDIEU, 1977).

Já, Galli e Giacomelli (2017) afirmam que a maior influência à ação empreendedora é a motivação, sendo esta, desenvolvida por dois estágios: o primeiro

estágio do reconhecimento/ previa, onde o indivíduo reconhece determinada oportunidade e dela tirar proveito, estar atento aos sinais de mudanças no ambiente, saber fazer a leitura das incertezas; o segundo estágio é a motivação/ estratégia pessoal, caracterizada como o processo de viabilidade com base no conhecimento do indivíduo que o concebe a ação empreendedora.

McMullen e Shepherd (2006), conhecidos como os criadores do modelo, ajudam a esclarecer o quanto o conhecimento e a motivação podem influenciar na ação empreendedora em relação aos dois estágios. Os autores explicam que além de perceber a oportunidade, o ser empreendedor deve agir diante de uma oportunidade que vale a pena ser trabalhada. Isso envolve o pensamento empreendedor, ou seja, os processos mentais levarão o indivíduo a superar a ignorância para decidir se um sinal representa uma oportunidade para alguém e/ou reduz dúvidas quanto a essa oportunidade. A atividade empreendedora se constrói por meio de hábitos e práticas, aquisição de capital e a identificação do espaço, de acordo com a infinidade de estratégias articuladas nos detalhes do cotidiano.

Para Ferraz (2021) a prática empreendedora desafoga a classe trabalhadora da exploração, renasce como um elemento decisivo na luta contra a desigualdade social atualmente, propiciando a liberdade para a criação de negócios ou a ação individual para a subsistência financeira. Também é uma escapatória a precariedade trabalhista dos grandes grupos econômicos.

A ação empreendedora é o processo pelo qual o empreendedor avalia e escolhe como vai se inserir no mercado por meio de seu negócio, optando por uma ação empreendedora limitada na análise de oportunidades, que vira calcada, muitas vezes, por incertezas, embora essas incertezas podem ser minimizadas pelo conhecimento já adquirido e pelas experiências vividas (GALLI; GIACOMELLI, 2017).

A ação empreendedora é uma extensão da ação social, carregando consigo valores e símbolos que podem ser interpretados em termos de gênero. Em outras palavras, tanto o gênero quanto o empreendedorismo são culturalmente produzidos e reproduzidos através de práticas sociais (BRUNI, *et al.*, 2004). Essa prática emerge como um fenômeno social, cujas narrativas são manifestas em cinco processos interligados à prática empreendedora: (1) Gênero e Empreendedorismo em Espaços Simbólicos: O gênero e o empreendedorismo são exercidos através de transições entre espaços simbólicos distintos e divididos. Isso faz parte da construção da "dupla

presença", que caracteriza e posiciona a ação dos empreendedores. Esta construção pode ser aplicada a situações que envolvem um movimento fluido entre diferentes espaços de significação, como casa/trabalho, reprodução/produção, secretárias/empresárias, e donas de casa/trabalhadoras. Isso permite quebrar a barreira simbólica entre gênero e empreendedorismo conforme a ocasião. (2) Construção de Gênero e Empreendedorismo: Este processo reconhece que gênero e empreendedorismo não são idênticos. No entanto, em situações em que o comportamento desvia do esperado nos negócios, ou quando surgem crises que exigem restabelecimento da ordem, a ativação de uma "pontuação de gênero" apropriada pode servir como uma prática corretiva eficaz. (3) Equilíbrio entre "Fazer Gênero" e "Fazer Negócios": Este processo busca equilibrar as ações de gênero e negócios, que estão interligadas por um conhecimento tácito que impõe limites e restrições. Exemplos desse processo são episódios em que a ação visa preservar um espaço já conquistado. (4) Footing: O "footing" possui duas funções principais: permite que as pessoas ajustem sua postura dentro de um determinado contexto e oferece uma oportunidade para interromper e reavaliar seus referentes. Este processo busca promover uma representação igualitária e a valorização de gênero. (5) Mercantilização do Gênero: Este processo reflete sobre as práticas organizacionais cotidianas, levando à reconfiguração de certas limitações anteriormente impostas às mulheres em determinados setores. Isso inclui a revisão das narrativas sobre gênero, onde as mulheres eram vistas como menos confiáveis que os homens em termos de produtividade no trabalho.

Esses processos destacam como a prática empreendedora e a construção de gênero são interdependentes e culturalmente enraizadas, influenciando e sendo influenciadas pelas práticas sociais cotidianas (BRUNI, *et al.*, 2004).

A prática empreendedora não é uma ação isolada, é associada e analisada em outras práticas situadas como contextos culturais, econômicos e sociais, é também considerada um processo de desdobramento e desenvolvimento: "A Prática empreendedora envolve as atividades e interações cotidianas dos empreendedores no esforço de transformar ideias em negócios viáveis, mediadas por seus contextos sociais e culturais" (JOHANNISSON, 2011, p. 137). No viés teórico contemporâneo, a ação empreendedora é colocada como uma atividade dinâmica, processual e relacional, rompendo limitações da visão tradicional, que enfatiza as características

individuais e comportamentais para situar o empreendedorismo como uma prática social e culturalmente situada, moldada por interações e influências do ambiente.

A perspectiva empreendedora baseada na prática segundo Gherardi (2013), emerge da interação entre sujeitos, objetos e contextos sociais, esse enfoque permite observar como as práticas empreendedoras são influenciadas por normas sociais, valores culturais e dinâmicas econômicas, considerando o empreendedor como um herói solitário, na teoria das práticas dá-se a ênfase na forma como os indivíduos engajam-se em atividades rotineiras e inovadoras para criar e sustentar negócios.

A perspectiva empreendedora baseada na prática, conforme Gherardi (2013), oferece uma abordagem rica e multifacetada para entender o empreendedorismo. Ela emerge da interação contínua entre sujeitos, objetos e contextos sociais, permitindo uma análise mais ampla e contextualizada das práticas empreendedoras. Esse enfoque reconhece que o empreendedorismo não é apenas um ato individual ou isolado, mas um fenômeno social que ocorre em um campo de interações moldado por normas sociais, valores culturais e dinâmicas econômicas.

Ao contrário da visão tradicional que muitas vezes romantiza o empreendedor como um “herói solitário”, capaz de superar desafios exclusivamente por meio de sua genialidade ou esforço pessoal, a teoria das práticas desloca o foco para o coletivo e o cotidiano. Segundo essa abordagem, o empreendedorismo não é apenas o resultado de ideias inovadoras, mas também de práticas rotineiras e colaborativas que sustentam e transformam negócios ao longo do tempo. Como ressalta Schatzki (2001), a prática é uma configuração de ações socialmente situadas, o que implica que o empreendedor está inserido em um sistema de relações que influenciam suas escolhas e modos de atuação.

Nesse contexto, Gherardi (2013) destaca que as práticas empreendedoras são mediadas por objetos materiais, discursos e sistemas de significados compartilhados, que moldam e são moldados pelas interações sociais. Isso significa que as ações do empreendedor estão intrinsecamente ligadas ao ambiente em que opera, incluindo fatores como a cultura local, as normas institucionais e as oportunidades econômicas. Assim, a prática empreendedora é vista como um processo contínuo de engajamento, aprendizado e adaptação, no qual o empreendedor utiliza os recursos disponíveis para gerar valor e inovação.

Além disso, essa perspectiva também permite observar como as práticas empreendedoras são moldadas por desigualdades estruturais, como gênero, raça e classe. Por exemplo, mulheres empreendedoras, especialmente em contextos de migração, enfrentam desafios adicionais que influenciam diretamente suas práticas, como a necessidade de conciliar trabalho e responsabilidades familiares, enfrentar preconceitos e construir redes de apoio em um ambiente culturalmente distinto. Isso reforça a importância de compreender o empreendedorismo não apenas como uma atividade econômica, mas como um fenômeno profundamente enraizado em contextos sociais e históricos.

Portanto, com base na prática amplia o entendimento sobre o empreendedorismo ao integrar dimensões sociais, culturais e materiais, destacando que a criação e a sustentabilidade dos negócios dependem de um conjunto de práticas que refletem tanto a inovação quanto o engajamento com as rotinas e os desafios cotidianos.

Para Sarasvathy (2001), a teoria efeito versus ação apresenta uma proposta argumentativa de que os empreendedores frequentemente trabalham em condições de incerteza, onde não há informações suficientes e previsões detalhadas, constroem suas estratégias a partir dos recursos disponíveis, como identidade, redes sociais e competências. Esse processo iterativo valoriza a flexibilidade e a adaptação, permitindo que os empreendedores ajustem suas práticas conforme surgem novas informações e oportunidades. Também, compreende-se que as práticas empreendedoras são moldadas por um compromisso ético e por objetivos coletivos que buscam modificar realidades sociais o que torna imprescindível a o ambiente institucional e social formando um elo entre o empreendedorismo a institucionalidade, as normas, estruturas econômicas e as políticas públicas (THORNTON, *et al.*, 2011). Contudo o empreendedorismo conecta as narrativas culturais exploradas por Steyaert (2007), as histórias os discursos sociais, formando moldes da proposta empreendedora. As narrativas justificam e explicam suas ações, ajudam a legitimar práticas e contextos específicos que influenciam a percepção pública sobre o empreendedorismo como a chave de desenvolvimento econômico.

Com base na temática, podemos analisar as práticas empreendedoras sob a ótica da interseccionalidade dentro das dimensões contemporâneas de gênero e raça. Ahl e Nelson (2015) investigam como gênero, raça e classe influenciam a ação

empreendedora, destacando como as mulheres desenvolvem estratégias específicas para superar barreiras estruturais. Nesse contexto, o empreendedorismo é entendido como uma prática de resistência e transformação social, especialmente em comunidades historicamente excluídas. A interseccionalidade traz esse olhar para os diferentes sistemas de opressão, como raça, gênero, classe e outros fatores interagem para moldar as experiências empreendedoras de determinados grupos, como por exemplo as mulheres migrantes. Mais uma vez frisa-se que o empreendedorismo não pode ser entendido de modo solitário, mas deve ser analisado no contexto das múltiplas dimensões sociais que influenciam o acesso a oportunidades e a experiência empreendedora.

A teoria da interseccionalidade, proposta por Kimberlé Crenshaw (1989), oferece uma lente analítica para compreender as experiências de mulheres negras marginalizadas, especialmente quando gênero e raça são tradicionalmente considerados de forma isolada. “A interseccionalidade destaca as formas como as desigualdades estruturais e institucionais interagem para criar experiências únicas de marginalização” Crenshaw (1989, p. 140). Essa abordagem é essencial para analisar o empreendedorismo feminino em contextos de migração, particularmente no caso de mulheres africanas oriundas de PALOP no Brasil.

Ao aplicar essa perspectiva ao campo do empreendedorismo, é possível entender como os marcadores sociais de diferença — gênero, raça e classe — influenciam diretamente as oportunidades, práticas e desafios enfrentados por essas mulheres. A prática empreendedora, em tais contextos, não pode ser dissociada das estruturas sociais e econômicas que condicionam as trajetórias dessas empreendedoras. Elas enfrentam barreiras que vão além da criação e manutenção de um negócio, como preconceitos raciais, discriminações de gênero e dificuldades impostas por normas culturais que frequentemente as relegam a espaços de subalternidade (HILL-COLLINS, 2000).

Para essas mulheres migrantes, não se trata apenas de uma estratégia econômica, mas também uma forma de resistência, emancipação e afirmação identitária. A prática empreendedora, nesse sentido, torna-se um espaço onde se negociam significados culturais e se constroem novas possibilidades de pertencimento. Sarasvathy (2001), ao propor a abordagem *effectuation*, sugere que o empreendedor utiliza os recursos disponíveis e as redes sociais para minimizar a incerteza e inovar. No caso das mulheres migrantes africanas, essas redes

frequentemente incluem comunidades de apoio formadas por outras mulheres migrantes que compartilham experiências semelhantes e ajudam a mitigar as barreiras impostas pelo novo ambiente.

Assim, a interseccionalidade não apenas ilumina as formas específicas de marginalização vividas por essas mulheres, mas também revela como suas práticas empreendedoras se configuram como atos de resistência e inovação diante das adversidades. Compreender essas práticas a partir dessa perspectiva possibilita uma análise mais aprofundada das dinâmicas sociais, culturais e econômicas que influenciam suas trajetórias, contribuindo para um entendimento mais amplo do empreendedorismo feminino em contextos de migração.

## 2.5. A IDENTIDADE CULTURAL E SUAS INFLUÊNCIAS

A identidade cultural desempenha um papel significativo em diversas dimensões sociais e econômicas, influenciando a maneira como indivíduos e comunidades interagem com o mundo ao seu redor. Stuart Hall (1990), um dos principais teóricos deste campo, afirma que identidade cultural é um "ponto de encontro" entre o passado histórico e as experiências pessoais, definindo-a como um processo contínuo de construção e reconstrução em resposta às circunstâncias em mudança. Homi Bhabha (1994), por sua vez, expande essa perspectiva ao introduzir o conceito de "hibridismo cultural", argumentando que as identidades são formadas no "entre-lugar" onde diferentes culturas se encontram e se transformam. Neste contexto, as identidades culturais não são estáticas, mas dinâmicas e fluidas, influenciadas por intercâmbios contínuos. Quando examinamos a influência da identidade cultural em práticas econômicas, Sen (1999) destaca sua importância na capacitação dos indivíduos para explorar plenamente suas liberdades econômicas. Sugerindo que a identidade cultural pode fornecer o sentido de agência necessária para utilizar os recursos disponíveis na busca de melhoras sociais e econômicas. Além disso, a identidade cultural muitas vezes molda padrões de consumo e comportamento econômico, conforme observado por Bourdieu (2007). Seus estudos sobre "gosto cultural" elucidam como preferências individuais estão profundamente entrelaçadas com o capital cultural de um grupo, influenciando decisões de compra e práticas de vida.

Os autores acima citados coletivamente sublinham a complexidade do impacto da identidade cultural, destacando sua influência transformadora em níveis individuais e comunitários, abrangendo desde a autoexpressão pessoal até os padrões econômicos e sociais em larga escala.

Com base no exposto, a identidade cultural desempenha um papel profundo nas práticas empresariais, particularmente para empreendedores migrantes que navegam simultaneamente entre diferentes contextos culturais. Para mulheres migrantes, suas raízes culturais oferecem uma influência rica sobre os tipos de negócios que iniciam e o modo como administram essas empresas. Elas utilizam suas tradições culturais para se diferenciar no mercado, criando um nicho único que pode ser profundamente atraente tanto para consumidores na diáspora quanto para novos mercados.

A identidade cultural não é apenas um meio de conexão com tradições próprias, mas também uma plataforma estratégica para diferenciação no mercado. Ela se expressa não apenas nos produtos e serviços oferecidos, mas também na estrutura organizacional e nos estilos de liderança das mulheres empreendedoras migrantes. Como apontam Hofstede; Minkov (2010), os valores culturais moldam profundamente as práticas gerenciais e as dinâmicas empresariais, influenciando desde a tomada de decisões até as relações com clientes e parceiros. Chefes de empresas frequentemente destacam a importância de administrar seus negócios com base em valores e princípios enraizados em suas culturas de origem, criando um ambiente de confiança e pertencimento que pode fortalecer as relações comerciais (ASANTE, 1988).

Segundo Granovetter (1985), o conceito demonstra como relações sociais e valores culturais influenciam a economia, tornando-a menos impessoal e mais baseada na reciprocidade e no apoio mútuo. Para mulheres empreendedoras migrantes, essa perspectiva reforça a importância das redes comunitárias, que desempenham um papel essencial na obtenção de recursos, na construção de confiança e na legitimação de seus negócios dentro da sociedade receptora (PUTNAM, 2000).

Entretanto, há desafios únicos no uso estratégico da identidade cultural. Empreendedoras frequentemente precisam equilibrar a manutenção de práticas tradicionais com as exigências dos mercados locais, que podem ter sensibilidades, idiomas e hábitos de consumo distintos (BARTH, 1969). Esse dilema pode gerar

tensões, especialmente quando valores culturais entram em conflito com práticas empresariais predominantes no novo ambiente. Como sugere Bourdieu (1986), o capital cultural deve ser constantemente negociado para se adequar a diferentes contextos sociais e econômicos.

A adaptação cultural é, portanto, um fator crucial para o desenvolvimento de estratégias empresariais bem-sucedidas que conciliem cultura de origem e cultura receptora. Estudos demonstram que mulheres migrantes que possuem suporte institucional ou acesso a redes de apoio têm maior sucesso na superação dessas barreiras (LIGHT; GOLD, 2000). Políticas públicas que promovam a valorização das identidades culturais e, ao mesmo tempo, ofereçam mecanismos de integração, como capacitação linguística e acesso a crédito, são fundamentais para potencializar esses negócios.

Por fim, é essencial reconhecer que as influências culturais não são monolíticas ou estáticas. Como afirmam Hall (1997) e Appadurai (1996), as identidades estão em constante transformação, especialmente em um mundo globalizado onde fronteiras culturais são continuamente negociadas e ressignificadas. Assim, compreender como mudanças globais impactam a expressão cultural e empresarial entre mulheres migrantes é fundamental para desenvolver políticas e estratégias que aproveitem ao máximo o potencial transformador do empreendedorismo feminino transcultural.

## 2.6. MOTIVAÇÃO E PRINCIPAIS DESAFIOS DA MULHER MIGRANTE

Compreender a motivação de migrar atualmente é mais complexo e burocrático que no passado, devido, à alta diversidade de fluxos, destinos, intensidades, temporalidades e impactos em diferentes níveis, embora o contexto de globalização qualifica a aceleração da internacionalização por meio de troca de informação, conhecimento, mobilidade e bens e serviços. As motivações para o empreendedorismo entre mulheres migrantes variam desde a necessidade econômica até o desejo de autoafirmação e independência. Muitas vezes, o empreendedorismo é visto como uma alternativa viável para superar as barreiras de acesso ao mercado de trabalho formal, que frequentemente apresenta obstáculos significativos para migrantes devido à discriminação racial e à validação de diplomas estrangeiros (CRENSHAW, 1989).

Além disso, o desejo de preservar aspectos culturais também motiva essas mulheres a empreenderem em áreas que promovem a cultura de seus países de origem, criando espaços que fortalecem identidades culturais e promovem redes de solidariedade. A organização das nações unidas “ONU” (2023), informa que a maioria das migrações são regulares, seguras e ordenadas, com objetivos regionais e concretamente direcionadas ao trabalho. Entretanto, o processo migratório ocorre intencionalmente por mudança climática, fuga de conflitos, a instabilidade política e as disparidades econômicas, a busca pela segurança e meios de subsistência em outros lugares.

Bessant (2019) explora a ideia de que por trás das motivações do empreendedorismo está a inovação, em adendo, está o desejo de ter o próprio negócio, identificação de uma oportunidade de negócio, aumento da renda, facilidade ou possibilidade de usar os conhecimentos, presença de tempo disponível, continuidade ou ampliação dos negócios da família e cuidado familiar entre outros.

Continua o autor dizendo que a inovação move o empreendedorismo em uma conexão potente de paixão, energia e entusiasmo para que as ideias se transformem em realidade. A inovação traz consigo habilidades de fazer relações, visualizar oportunidades e tirar proveito delas. Não obstante, estão as competências empreendedoras existentes nos seres humanos, que serve de agente mobilizador a sua essência, considerando que a ação empreendedora é o ponto inicial de criação ou recriação de todas as coisas, o empreendedorismo leva a inovação para criar valor tanto social quanto comercial durante todo ciclo de vida (BESSANT, 2019, p.11).

O fenômeno reflete a complexidade das dinâmicas sociais, culturais e econômicas contemporâneas da mulher migrante. A sua inserção em contextos de migração que frequentemente envolvem situações de vulnerabilidade, essas mulheres encontram no empreendedorismo um meio de superar barreiras estruturais e promover transformações em suas trajetórias pessoais e profissionais. Neste sentido as principais motivações que levam as mulheres migrantes a empreenderem e os desafios que enfrentam nesse processo, com base em teorias e estudos recentes, se constrói pelo envolvimento das mulheres migrantes no empreendedorismo sendo impulsionado por uma série de motivações, dentre elas se destacam em três dimensões principais: necessidade econômica, busca por autonomia e flexibilidade, e preservação da identidade cultural, refletem conexões

entre as dificuldades enfrentadas no país de acolhimento e as oportunidades dadas no empreendedorismo:

A necessidade Econômica para muitas mulheres migrantes, é uma alternativa à exclusão do mercado de trabalho formal, frequentemente marcada por discriminações de gênero e etnia encontrada no empreendedorismo. Como apontam Lopes e Teixeira (2017), as mulheres migrantes muitas vezes não possuem diplomas reconhecidos no país de acolhimento, enfrentam barreiras linguísticas e culturais, e lidam com a precariedade econômica. Nesse cenário, o empreendedorismo surge como uma estratégia de sobrevivência, de modo a gerar renda e garantir o sustento familiar. Esse tipo de empreendedorismo, denominado “empreendedorismo de necessidade”, é amplamente identificado em pesquisas sobre migração e gênero (HISRICH; PETERS, 2002).

Autonomia e Flexibilidade é outro fator motivador que viabiliza a conciliação entre as responsabilidades domésticas e profissionais. O empreendedorismo oferece às mulheres migrantes maior controle sobre o tempo e a organização de suas atividades, permitindo que cuidem de suas famílias ao mesmo tempo em que geram renda. Welter e Smallbone (2011) destacam os contextos em que as normas de gênero atribuem às mulheres a maior parte das tarefas domésticas, a flexibilidade proporcionada pelo empreendedorismo se torna um atrativo fundamental.

Preservação Cultural e Identidade, Para além da dimensão econômica, o empreendedorismo das mulheres migrantes também está relacionado à preservação de suas identidades culturais. Muitas delas criam negócios baseados em produtos ou serviços que refletem suas tradições e valores culturais, como a culinária, moda ou artesanato. De acordo com Gomes e Lima (2021), esses empreendimentos não apenas geram renda, mas também promovem visibilidade e inclusão social, funcionando como pontes culturais entre o país de origem e o de acolhimento.

As mulheres migrantes enfrentam desafios substanciais que dificultam suas trajetórias empreendedoras, esses desafios podem ser categorizados como barreiras estruturais, culturais e institucionais como discriminação de gênero e raça. A interseccionalidade entre gênero e raça é um dos principais fatores de segregação as mulheres migrantes, elas são frequentemente vistas como “cisnes no meio dos patos” como mulheres e como migrantes. Crenshaw (1991) argumenta que as opressões interseccionais amplificam as dificuldades, tornando mais difícil para as mulheres

migrantes acessarem recursos e oportunidades no mercado empreendedor. Por outro lado, encontram-se as barreiras linguísticas e culturais, embora estes países tenham em comum a língua oficial o português, alguns deles possuem outras línguas e dialetos. A falta de fluência do idioma no país de acolhimento e as diferenças culturais representam barreiras significativas. Essas limitações dificultam tanto a comunicação com clientes quanto a compreensão das normas legais e institucionais do país. Al-Daddah e El-Sayed (2019), afirmam que as mulheres migrantes frequentemente precisam adaptar seus produtos e serviços para atender às expectativas culturais locais, o que pode ser desafiador sem o suporte adequado. E a terceira dificuldade é o acesso a recursos financeiros, estes obstáculos enfrentados por mulheres migrantes. Sem histórico financeiro no país de acolhimento e, muitas vezes, sem garantias ou colaterais, elas enfrentam dificuldades para obter empréstimos ou participar de programas de incentivo ao empreendedorismo. Kantis e Ishida (2002) destacam que a ausência de informações sobre políticas de apoio também agrava esse problema, limitando o acesso a financiamentos e redes de mentorias. Outro desafio significativo é o isolamento social, conotado pela falta de redes de apoio. Muitas mulheres migrantes abandonam suas comunidades de origem, perdendo acesso a laços familiares e redes sociais que poderiam auxiliá-las na construção de seus negócios. Rath e Swagerman (2016) apontam que, para superar esse isolamento, é essencial a formação de redes colaborativas entre migrantes e a inclusão em programas locais de integração.

Os desafios enfrentados por mulheres migrantes empreendedoras abrangem uma ampla gama de barreiras institucionais e sociais que complicam seu caminho no mundo dos negócios. No âmbito institucional, essas mulheres frequentemente se deparam com complexidades burocráticas ao tentar abrir seus empreendimentos, incluindo dificuldades para obtenção de licenças comerciais, registro de empresas e acesso a financiamento. A falta de políticas públicas específicas e de programas de apoio direcionados às necessidades dessas empreendedoras migrantes agrava ainda mais esse cenário, limitando suas oportunidades de crescimento econômico e participação plena no mercado.

Adicionalmente, o contexto social apresenta desafios significativos, como preconceito, xenofobia e discriminação interseccional, que dificultam a inserção e a legitimidade dessas mulheres em seus setores de atuação. No Brasil, a sobreposição

de fatores como gênero, raça e nacionalidade intensifica essas dificuldades, já que muitas mulheres migrantes africanas enfrentam não apenas o machismo estrutural, mas também o racismo enraizado e a desconfiança cultural.

O enfrentamento dessas adversidades demanda uma elevada capacidade de resiliência e criatividade por parte das empreendedoras. Muitas recorrem a estratégias informais, redes de apoio comunitária e parcerias com outros migrantes para superar os obstáculos. Além disso, a adaptação cultural e a capacidade de inovar tornam-se elementos centrais para a construção de negócios sustentáveis e relevantes no mercado local. Os argumentos de Crenshaw (1989) ao destacar a importância da interseccionalidade, compreender essas experiências sob múltiplas dimensões permite uma análise mais abrangente das barreiras enfrentadas e das formas de resistência empreendidas por essas mulheres.

É fundamental reconhecer que as práticas empreendedoras dessas mulheres não se limitam a uma resposta econômica a situações adversas, mas representam também uma forma de afirmação identitária e social. A mobilização de seus recursos culturais e sociais, aliada à busca contínua por capacitação e inovação, demonstra a força e a persistência dessas empreendedoras em transformar desafios em oportunidades. Assim, compreender e apoiar o empreendedorismo feminino migrante demanda uma abordagem que considere as especificidades de gênero, raça e contexto migratório, promovendo políticas inclusivas e estratégias de incentivo ao desenvolvimento dessas iniciativas.

Muitas mulheres migrantes possuem qualificação em áreas específicas, mas seus diplomas e experiências frequentemente não são reconhecidos nos países de acolhimento. Isso as obriga a atuar em setores diferentes de suas áreas de formação ou a buscar alternativas no mercado informal, prejudicando seu potencial de crescimento e contribuição, a falta de reconhecimento profissional é outro desafio enfrentado segundo (LOPES; TEIXEIRA, 2017).

O ser migrante e o pertencimento a minoria étnica, em alguns lugares no mundo ainda é motivo de discriminação estrutural, supõe-se a busca pela formalidade ou lucrativa de negócios por imigrantes ou minorias étnicas através da prática empreendedora reforçando o paradigma do empreendedorismo étnico que reforça a ideia de que o empreendedorismo étnico é uma atividade econômica totalmente positiva e que todos os empreendedores étnicos são ascendentes; Uma perspectiva

interseccional que sugere múltiplas dimensões identitárias sejam vistas como importantes, o que dará escapatória a uma vivência de opressão estrutural, dinamizando a variedade de atividades com resultados empresariais (ROMERO; VALDEZ, 2016).

A prática empreendedora é um meio alternativo para escapar do desemprego estrutural, recorrer ao capitalismo e conseqüentemente alcançar a autonomia.

## 2.7. SITUAÇÃO ATUAL DOS PALOP E MIGRAÇÃO FEMININA PARA O BRASIL

Os PALOP – Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, e São Tomé e Príncipe – compartilham um passado colonial comum e estão em diversos estágios de desenvolvimento econômico e social, o que influencia significativamente as dinâmicas migratórias. Nos últimos anos, o Brasil tem se tornado uma opção atrativa para migrantes dos PALOP, não apenas pelo idioma em comum, mas também pelas possibilidades econômicas que o país oferece. Esta migração entusiasma renovadas projetos em termos de diversidade cultural, mas também levanta desafios substanciais relacionados ao empoderamento econômico para mulheres migrantes.

Os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) enfrentam desafios socioeconômicos complexos que têm influenciado significativamente os padrões de migração, incluindo a migração feminina. Manuel Castells (2010) destaca a globalização e as novas tecnologias como fatores que moldam a economia política dos países em desenvolvimento, afetando diretamente as dinâmicas migratórias nos PALOP.

Achille Mbembe (2001) discorre sobre as heranças coloniais e os desafios atuais enfrentados pelos países africanos, incluindo os PALOP, que têm impacto nas estruturas sociais e econômicas, frequentemente resultando na necessidade de migração como estratégia de sobrevivência e melhora econômica.

No contexto específico brasileiro, Maria Aparecida Schritzmeyer (2016) analisa a inserção das mulheres migrantes africanas na sociedade brasileira, discutindo os desafios econômicos e sociais que enfrentam, bem como a resiliência e as redes de apoio que desenvolvem para se integrar em um novo ambiente cultural e social.

As políticas brasileiras em relação à migração feminina são discutidas por Rosana Baeninger (2012), que destaca tanto progressos quanto desafios na estruturação de um sistema de acolhimento que reconheça as especificidades de gênero no processo migratório, enfatizando a necessidade de políticas mais inclusivas e sensíveis às questões de gênero.

Esses autores contribuem para uma compreensão aprofundada das causas e consequências da migração feminina dos PALOP para o Brasil, sublinhando a interseção de fatores econômicos, sociais e políticos tanto nos países de origem como no país de destino.

A literatura recente aponta que os fluxos migratórios dos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP) são impulsionados por uma combinação de fatores econômicos, políticos e ambientais. Entre esses, destacam-se crises econômicas locais, desastres ambientais e instabilidades políticas, que levam indivíduos e famílias a buscarem paz, estabilidade e melhores condições de vida. De acordo com Bakewell (2008), o desejo por novas oportunidades está frequentemente associado à busca por educação, segurança pessoal e qualidade de vida superior. No contexto brasileiro, o país se apresenta como um destino que oferece um recomeço, mas que também traz desafios, como vulnerabilidade econômica e discriminação racial, fatores que afetam particularmente as mulheres migrantes (SILVA *et al.*, 2020).

Há diferenças significativas nas experiências migratórias femininas, especialmente no mercado de trabalho. Estudos indicam que mulheres migrantes frequentemente enfrentam taxas de informalidade, ocupando postos de trabalho precarizados e com pouca proteção social (CAVALCANTI *et al.*, 2016). Muitas delas encontram-se em setores historicamente marcados pela exploração de mão de obra feminina, como serviços domésticos, comércio informal e atividades de cuidado. Nesse contexto, o empreendedorismo tem se consolidado como uma alternativa estratégica para superar essas limitações e promover inserção econômica e social, possibilitando maior autonomia e melhores condições de vida (MOURÃO; PARENTE, 2021).

A necessidade de políticas públicas específicas para a integração de populações migrantes é amplamente reconhecida na literatura. Essas políticas devem ir além da simples regulamentação, promovendo inclusão genuína e facilitando o acesso a serviços essenciais. Como argumentam Figueiredo e Carvalho (2019),

medidas que incluem a simplificação de processos burocráticos, suporte empresarial e psicológico são fundamentais para criar um ambiente acolhedor e propício ao desenvolvimento das potencialidades dos migrantes. Além disso, o estímulo a programas de capacitação e o apoio a iniciativas empreendedoras são cruciais para garantir a inclusão efetiva dessas populações no tecido econômico e social do país.

Apesar do imenso potencial de sinergias positivas entre as populações migrantes e o país anfitrião, os esforços de integração devem ser conduzidos com sensibilidade e atenção às particularidades históricas e culturais dos indivíduos envolvidos. Conforme aponta Massey et al. (1993), a migração não é apenas um fenômeno econômico, mas também social, político e cultural, cujos desdobramentos dependem de ações coordenadas entre governos, sociedade civil e os próprios migrantes. Assim, enquanto o processo de integração apresenta desafios consideráveis, ele também oferece uma oportunidade única para transformar os fluxos migratórios em um recurso valioso para o crescimento econômico, social e cultural do Brasil.

A tarefa de promover essa integração é complexa e exige um reconhecimento genuíno das experiências dos migrantes. Contudo, o impacto potencial de tais esforços são transformadores atraindo o interesse de formuladores de políticas públicas, acadêmicos e da própria sociedade brasileira. Ao adotar medidas inclusivas e bem planejadas, o Brasil pode se beneficiar significativamente do capital humano e cultural trazido por essas populações, consolidando-se como um exemplo de integração bem-sucedida.

### 3. METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste estudo combina com uma abordagem qualitativa com foco na análise narrativa, a fim de compreender as experiências e os significados atribuídos ao empreendedorismo por mulheres migrantes africanas no Brasil. Essa abordagem permite explorar as dimensões subjetivas e interseccionais das trajetórias empreendedoras, conectando as histórias individuais a contextos sociais, culturais e econômicos mais amplos (RICOEUR, 1984).

O contexto da pesquisa e a necessidade de aprofundamento nos sentidos, razões e histórias das mulheres empreendedoras nos levaram a considerar uma estratégia de análise qualitativa dos dados coletados por meio de entrevistas, conduzidas a partir de um roteiro não estruturado com questões interativas e espontâneas que surgiram no decorrer do diálogo, a maioria delas apresentada em formato aberto, conforme o apêndice. Essas perguntas se referem ao histórico migratório, educacional e profissional da entrevistada, bem como os porquê de suas atividades empreendedoras, aos obstáculos e/ou desafios encontrados e como foram superados e, por fim, às recomendações para tomadores de decisão, jovens colegas e outras estruturas, como organizações de apoio a empreendedores. As entrevistadas foram informadas sobre o uso associativo que pretendíamos fazer de suas respostas e sobre a garantia de anonimato utilizando nomes fictícios. Estamos interessados na motivação que levou as protagonistas a se tornar autônoma ou a montar seu próprio negócio. Por fim, busca-se um olhar narrativo do sujeito em vários pontos, como a recepção de seus serviços pela população majoritária, as dificuldades encontradas na criação e na administração do negócio, as supostas fontes das dificuldades, as estratégias implementadas para superá-las e a qualidade e a origem do suporte recebido.

#### 3.1. DEFINIÇÃO DOS TERMOS

Com a finalidade de esclarecer os principais termos utilizados nesta pesquisa, considera-se fundamental apresentar definições e explicações detalhadas que contribuirão para uma melhor compreensão dos conceitos abordados e para contextualizar o percurso empírico relacionado aos termos abaixo:

- Prática empreendedora

- Africano como sujeito
- Mulher migrante
- Migração

Quadro 1 – Conceitos e o Percurso Empírico do Empreendedorismo Feminino Migrante.

Conceito	Definição	Percurso Empírico
<p align="center"><b>Práticas Empreendedoras</b></p>	<p>Conjunto de ações estratégicas utilizadas por indivíduos para identificar, criar e explorar oportunidades econômicas, mesmo em cenários adversos. Essas práticas vão além da geração de renda e envolvem impacto social e cultural (SCHUMPETER, 1983; JENNINGS; BRUSH, 2013). conjunto de atividades que se situam entre teoria e aplicação prática no contexto do empreendedorismo, esta noção se aplica àqueles indivíduos que geram ou aproveitam oportunidades dentro da sociedade, desenvolvendo atividades econômicas estruturadas que criam valor tanto pessoal quanto coletivo. Esta perspectiva mostra que os empreendedores são catalisadores para o desenvolvimento pessoal e societal, destacando a importância de seus resultados e seus impactos. (GARTNER1990)</p>	<p>Mulheres migrantes africanas no Brasil utilizam o empreendedorismo como alternativa ao mercado de trabalho formal, superando barreiras estruturais como xenofobia e desigualdade de gênero. Além do aspecto econômico, o empreendedorismo fortalece redes comunitárias e promove o reconhecimento cultural.</p>
<p align="center"><b>Afrocentricidade</b></p>	<p>Abordagem teórica que posiciona o sujeito africano no</p>	<p>No contexto da migração, essa perspectiva reforça a</p>

Conceito	Definição	Percurso Empírico
	centro de sua própria narrativa, destacando sua agência e protagonismo nos processos históricos e sociais (ASANTE, 1988).	autonomia das mulheres africanas como empreendedoras, permitindo que reconstruam seus papéis sociais e negociem identidades. O empreendedorismo, assim, se torna um instrumento de resistência e visibilidade cultural.
<b>Mulheres Migrantes</b>	Indivíduos que se deslocam de seus países de origem para buscar melhores condições econômicas, segurança e oportunidades, enfrentando desafios adicionais relacionados ao gênero e à migração (CAVALCANTI et al., 2016).	No Brasil, mulheres migrantes africanas frequentemente enfrentam trabalho informal e vulnerabilidade econômica. O empreendedorismo permite que essas mulheres diversifiquem suas fontes de renda, desenvolvam autonomia e promovam a valorização de suas culturas de origem.
<b>Migração</b>	Movimento de pessoas entre territórios nacionais ou internacionais motivado por fatores econômicos, políticos, ambientais ou sociais (MASSEY et al., 1993).	A migração africana no Brasil apresenta desafios como racismo, exclusão do mercado formal e burocracia, mas também cria oportunidades para reconstrução econômica e social. O empreendedorismo surge como uma ferramenta para integração e afirmação identitária, permitindo a adaptação ao novo ambiente sem abrir mão da herança cultural (BAKEWELL, 2008).

Fonte: O autor (2025).

### 3.2. DELINEAMENTO DA PESQUISA

Para compreender a prática empreendedora da mulher migrante africana no Brasil, a pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, que se mostra particularmente adequada para investigar fenômenos sociais complexos no contexto de vivências individuais e coletivas. A natureza narrativa da pesquisa é primordial para sua execução, permitindo o acesso às subjetividades e os significados construídos pelas mulheres em suas trajetórias.

Com base no paradigma interpretativista, a pesquisa reconhece a subjetividade como elemento essencial para a análise, considerando que a construção da realidade é mediada por experiências pessoais, sociais e culturais. Nesse sentido, adotar narrativa como método principal possibilita investigar não apenas os fatos objetivos das trajetórias, mas também as interpretações e os sentidos atribuídos pelas participantes aos seus percursos. Como argumenta Czarniawska (2004), "as narrativas fornecem uma estrutura para organizar experiências e criar um senso de propósito e contexto".

A escolha pela pesquisa narrativa sucedeu pela capacidade de integrar múltiplas dimensões como individuais, sociais, culturais e históricas, para uma análise rica e detalhada. Este método permite captar os processos que moldam as práticas empreendedoras, destacando elementos como motivações, barreiras, estratégias e impactos. Narrativas pessoais, portanto, não apenas descrevem eventos, mas também revelam os contextos e valores que informam as ações das mulheres migrantes.

A pesquisa narrativa também possibilita a valorização da voz das participantes, dando-lhes um espaço para se expressarem como agentes de suas próprias histórias, alinhando-se às perspectivas de autores como Riessman (2008), que destaca que narrativas são formas de ação e meios pelos quais as pessoas constroem significados e exercem agência. Essa abordagem é especialmente importante em estudos que envolvem grupos historicamente marginalizados, como as mulheres migrantes africanas, cujas experiências muitas vezes são invisibilizadas.

Adicionalmente, a dimensão narrativa desta pesquisa considera que as histórias individuais refletem não apenas experiências particulares, mas também dinâmicas sociais mais amplas, conectando a vida das participantes ao contexto sociopolítico e cultural do Brasil. Dessa forma, a análise narrativa permite também

compreender como essas mulheres negociam suas identidades e práticas empreendedoras em meio a desafios estruturais e oportunidades locais. Denzin e Lincoln (2005) enfatizam que o enfoque está na constituição de práticas interpretativas e materiais visíveis. Essas representações podem incluir entrevistas, conversas, fotografias, gravações, textos e outras formas de produção que permitam capturar e envolver as experiências dos indivíduos, refletindo as circunstâncias e significados que moldam suas realidades.

Ao longo do estudo, as narrativas serão analisadas permitindo a exploração das dimensões cultural e emocional, de modo a evidenciar os processos de construção de estratégias empreendedoras adotadas pelas mulheres migrantes. A pesquisa visa não apenas descrever trajetórias, mas também contribuir para uma compreensão mais profunda do fenômeno em questão, com implicações teóricas que informem tais práticas empreendedoras.

### 3.3. SUJEITOS DA PESQUISA

Segundo Cavalcanti et al. (2023), Angola e Moçambique estão entre os países africanos que mais enviam migrantes para o Brasil, sendo os vistos de turismo os mais frequentes, seguidos pelos vistos de estudo e trabalho. Esta pesquisa tem como foco compreender o narrar das mulheres africanas oriundas de países de língua oficial portuguesa como: Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, com a finalidade de explorar suas vivências e práticas empreendedoras enquanto residentes no Brasil.

A seleção das participantes baseou-se na riqueza de suas histórias e vivências, que oferecem um panorama das múltiplas dimensões da migração feminina africana. Essas mulheres enfrentam desafios significativos, como a distância de seus familiares, limitações econômicas e a necessidade de se adaptarem a uma nova cultura. Apesar dessas dificuldades, elas demonstram resiliência e criatividade, frequentemente, optando pelo empreendedorismo como uma estratégia de integração e geração de renda. Muitas delas desempenham atividades como cabeleireiras, trancistas e costureiras especializadas em tecidos africanos, ou conciliam seus estudos com negócios voltados à exportação de produtos brasileiros para seus países de origem.

A seleção das participantes foi realizada a partir de dois critérios principais: afinidade da pesquisadora com mulheres de Angola, Cabo Verde e Guiné-Bissau, e indicação de outras participantes, tal qual foi o caso das mulheres de Moçambique e São Tomé e Príncipe. Para garantir um perfil representativo, os critérios de elegibilidade incluíram:

- Ser mulher africana oriunda de países de língua oficial portuguesa;
- Residir no Brasil;
- Ser estudante, empreendedora ou trabalhadora formalmente consolidada pelas leis brasileiras.

As entrevistas decorreram entre setembro e novembro de 2024, foram realizadas entrevistas com seis participantes, todas conduzidas com o consentimento das entrevistadas para gravar suas vozes, por meio de chamadas de vídeo e áudio no WhatsApp e lives no Instagram, tempo de conversa estimado em 28 a 33 minutos por narradora, proporcionando uma abordagem acessível e adaptada à realidade das participantes. Como forma de valorizar suas identidades culturais, as entrevistadas foram identificadas com nomes fictícios, de livre escolha, inspirados em figuras históricas e rainhas africanas de relevância para seus países de origem.

A pesquisa adota uma abordagem narrativa para captar as nuances das trajetórias dessas mulheres. Essa metodologia busca não apenas descrever os desafios enfrentados, mas também revelar as estratégias, motivações e conquistas que moldam suas práticas empreendedoras e experiências migratórias. Por meio de suas histórias, o estudo pretende contribuir para uma compreensão mais aprofundada sobre as dinâmicas da migração feminina africana no Brasil, destacando sua relevância para os debates sobre empreendedorismo e diversidade cultural. O estudo propõe explorar essas experiências profundamente por meio de uma abordagem narrativa, ouvindo e compartilhando suas trajetórias e desafios.

Quadro 2: Uma breve descrição das participantes

Nome	Idade	Pais De Origem	Formação	Experiência	Formato	Tempo
<b>Mãe Maria</b>	29	Cabo Verde	Especialista em direito da família	Estudante, assistente de promotoria e empreendedora.	Entrevista Por vídeo chamada	29 min
<b>Avô Maria</b>	38	Angola	Formada em psicologia Clínica, pós Graduada Psicopedagogia Clínica e institucional	Funcionária de banco na área de fraudes e empreendedora (dona de um bar em angola) e trancista	Entrevista por vídeo chamada	28 min
<b>Rainha Okinka Pampa</b>	35	Guine Bissau	Graduada em ecologia de análise ambiental pela UFG, Pós-Graduada em educação especial inclusiva.	Estilista e assessora parlamentar, dona de marca de roupas e acessórios, trabalha com moda africana inclusiva com objetivo de elevar a autoestima das mulheres com câncer de mama, transexuais, mulheres com síndrome de down, mulheres negras e brancas através dos desfiles na passarela e oficina de turbantes e tranças.	Entrevista por áudio e live no Instagram	33 min
<b>Escritora Paulina</b>	24	Moçambique	Graduada em produção pesqueira Mestranda em Aquacultura	Estudante, e em seus horários livres atua com trancista.	Entrevista por vídeo chamada	29 min
<b>Mirian</b>	27	São Tomé e Príncipe	Licenciada em ciências sociais, mestre em ciência política, atualmente doutoranda em ciência política	Estudante, possui um negócio com a sua irmã em São Tomé e Príncipe um comercio de roupas	Entrevista por vídeo chamada e áudio	32 minutos
<b>Rainha Nzinga Mbandi</b>	34	Angola	Graduada em administração, MBA em gestão financeira, Controladoria e auditoria.	Líder de associação de estudantes angolanos e organizadora de eventos, produção cultural	Vídeo chamada	29 minutos

Fonte: O autor (2025).

### 3.4. TÉCNICAS DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Esta pesquisa qualitativa viabiliza um estudo detalhado através de narrativas, conforme indicado por Creswell e Creswell (2018), delimitando assim o campo de investigação. A prática empreendedora será analisada sob uma perspectiva interpretativista, que visa uma compreensão mais profunda das práticas sociais, conforme sugerido por Chase (2005). A análise será com base nas entrevistas narrativas com mulheres africanas de países do PALOP, associando suas experiências ao contexto atual. Czarniawska (2004) observa que, ao dar espaço para as vozes das participantes sem imposição de interpretação externa, abre-se uma plataforma de engajamento político. As entrevistas narrativas possibilitam que os participantes expressem suas histórias de forma aberta e refletida, visando entender como as mulheres migrantes atribuem significado às suas vivências e ao empreendedorismo. Clandinin e Connelly (2000, p. 15) destacam que essas entrevistas facultam aos participantes a construção livre de seus relatos, espelhando a complexidade de suas experiências pessoais e sociais.

O estudo foi conduzido utilizando um roteiro não estruturado, com perguntas extraídas dos objetivos da pesquisa, permitindo uma análise instantânea entre as narrativas e a fundamentação teórica. A coleta e análise dos dados das narrativas fornecerão evidências para associar a motivação e as práticas das mulheres empreendedoras aos desafios enfrentados no contexto da migração e da criação ou implementação de negócios.

Buscando explorar as trajetórias migratórias e práticas empreendedoras pelo olhar das participantes, e em consonância com os objetivos gerais e específicos da pesquisa, foram empregadas perguntas que estimulam relatos pessoais. Exemplos incluem: “Pode me contar sua história desde a decisão de migrar?” e “Como começou sua trajetória empreendedora?”. Tais perguntas ajudam a compreender os desafios enfrentados e as estratégias de superação adotadas. E essa técnica facilita que os informantes articulem de maneira detalhada e rica o conteúdo de interesse para a pesquisa, expressando suas experiências humanas através de narrativas.

A condução da técnica realizou-se por meio de ligações áudios e live, onde as narrativas foram gravadas e posteriormente transcritas integralmente, garantindo, assim, a coerência e o rigor dos dados narrativos. O objetivo geral empenhou-se em compreender a prática empreendedora da mulher migrante africana PALOP no

contexto brasileiro. Permitindo a formulação de questões a partir dos objetivos e específicos que se alinham ao conteúdo da pesquisa. A primeira etapa das perguntas propiciou uma visão aprofundada das histórias das participantes, abordando desde a decisão de migrar até suas experiências empreendedoras. Isso foi feito sob a análise de temas recorrentes, motivacionais, desafios e pontos de virada em cada narrativa. Considerando o primeiro objetivo específico; narrar a história de cada mulher migrante empreendedora, explorando suas trajetórias pessoais, históricas e sociais como migrantes.

A segunda etapa do estudo focou em descrever as atividades, estratégias e relações das participantes com clientes e comunidades. Essa descrição possibilitou examinar práticas empreendedoras, adaptando-se ao contexto cultural local e às redes de apoio. Este objetivo buscava entender a prática empreendedora sob o olhar de cada mulher migrante, investigando suas práticas de empreender.

Na terceira etapa, buscou-se desvendar as intenções subjacentes à prática empreendedora, através de questões reflexivas durante as entrevistas, como: “O que a motivou a começar seu negócio?” e “O que significa para você ser empreendedora no Brasil?”. A finalidade era relacionar as motivações com condições sociais, econômicas e culturais, obtendo insights a partir da literatura sobre empreendedorismo e migração.

Por fim, a quarta etapa, alinhada ao último objetivo, focalizou a análise dos desafios enfrentados, incluindo barreiras legais, culturais e financeiras. Através dos relatos sobre as dificuldades encontradas no processo de empreender, a análise compara os desafios descritos com estudos teóricos e empíricos, identificando padrões e peculiaridades.

Para a análise dos dados, este estudo utilizou duas abordagens metodológicas complementares: codificação temática, e construção de narrativas. Essas estratégias proporcionaram uma interpretação minuciosa das experiências relatadas pelas mulheres migrantes africanas, equilibrando a autenticidade das vozes das participantes com a aplicação de estruturas teóricas pertinentes. A metodologia narrativa foi fundamental para capturar as subjetividades e as dinâmicas sociais subjacentes às práticas empreendedoras. Conforme Riessman (2008), narrativas são ferramentas poderosas para dar sentido às experiências, permitindo que as participantes articulem suas histórias pessoais em relação a contextos sociais mais

amplos. Essa abordagem facilita a exploração de questões de gênero, raça e migração, conectando histórias individuais a dinâmicas estruturais e culturais.

Na fase inicial do processo analítico, a codificação temática se mostra indispensável para identificar e categorizar padrões emergentes nas narrativas obtidas das entrevistas. O processo analítico nesta pesquisa, desempenhou um papel crucial na identificação de padrões e categorias recorrentes nas narrativas das mulheres entrevistadas. Estabelecendo-se como alicerce para a análise aprofundada, essa prática permitiu que temas centrais emergissem, de modos a estruturar a compreensão mais ampla da questão estudada. As narrativas coletadas não apenas refletem jornadas de migração, mas também destacam as motivações subjacentes, cada uma delineada por pautas educacionais e econômicas.

Este procedimento deu origem a temas centrais que fundamentam a compreensão do fenômeno em questão. Bruner (1991) enfatiza a relevância da análise narrativa, que possibilita a identificação de padrões e a organização das informações coletadas que expressam significados tanto coletivos quanto individuais. A interseccionalidade é utilizada como uma lente analítica vital para depreender de que forma questões como gênero, raça e classe impactam as trajetórias das mulheres migrantes, conforme delineado por Crenshaw (1991).

A análise contextual foi realizada com base nos temas emergentes que relacionados às condições econômicas, sociais e históricas nas quais as participantes estão imersas, buscando entender como esses fatores interagem com os contextos socioculturais dos narradores, como discutido por Chase (2005). As entrevistas foram transcritas cuidadosamente, capturando a íntegra das palavras, preservando expressões locais e nuances emocionais. Dado que alguns países de língua portuguesa adotam dialetos no cotidiano, como o Crioulo, algumas palavras foram adaptadas ao português brasileiro pela pesquisadora durante a transcrição para assegurar acessibilidade e clareza.

## 4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo apresentaremos as narrativas coletadas, os dados serão relatados direta e indiretamente para a discussão e análise dos resultados. Organizou-se a seção em: (1) Apresentação e trajeto de cada mulher migrante empreendedora narrante; (2) A construção da prática empreendedora: experiência, estratégias e desafios da sua prática de empreender; (3) Os motivos que contam os por quês da prática da empreendedora; (4) Desafios e pontos de virada da prática empreendedora.

### 4.1. APRESENTAÇÃO E TRAJETO DE CADA MULHER MIGRANTE EMPREENDEDORA NARRANTE

Teoricamente, a migração feminina pode ser compreendida como uma estratégia de sobrevivência ou emancipação, associada à teoria de “migração transnacional com foco no gênero” de Pesar e Mahler (2003). As histórias das participantes revelam que, longe de serem meras dependentes, estas mulheres afirmam-se como agentes econômicos e sociais, integrando motivações empreendedoras com superação pessoal. Essas narrativas não apenas contam histórias individuais, mas também evidenciam a riqueza e a complexidade da experiência migrante feminina. Elas representam vozes que transformam suas realidades, abrindo caminhos para outras mulheres em contextos semelhantes.

Segue a apresentação e o trajeto das mulheres africanas entrevistadas iniciando a:

A Rainha Nzinga Mbandi, angolana, casada, de 34 anos, a participante escolheu este nome, pela figura representativa na história de desocupação colonial europeia em Angola, Nzinga Mbandi foi rainha do reino do Ndongo e Matamba, foi uma negociadora, tornou-se conhecida por suas táticas de guerrilha e direção das operações militares é reconhecida por sua grandeza, força e resiliência. Nzinga Cresceu em uma família numerosa, vivendo sob os cuidados dedicados de sua mãe, que nunca mediu esforços para prover as necessidades dos filhos. Sua mãe exercia atividades empreendedoras como decoradora, organizadora de eventos e vendedora de roupas, o que inspirou Nzinga desde cedo. Apesar disso, ela se sentia limitada em um ambiente que descrevia como "uma bolha", o que a motivou a buscar experiências além de sua realidade imediata.

Determinada a expandir seus horizontes, Nzinga optou por conhecer países de língua inglesa e decidiu morar por dois anos na África do Sul para aprimorar o idioma. Após esse período, retornou a Angola e ingressou na universidade para cursar Direito. Durante essa fase, surgiu a oportunidade de uma bolsa de estudos no Brasil, para o curso de Administração, pela Universidade Camões, em 2014. Ela chegou ao Brasil acompanhada de suas duas primas que acabaram por regressar para Angola.

No ano seguinte, conheceu o homem que viria a se tornar seu esposo. Com o nascimento do primeiro filho, sua realidade se tornou ainda mais desafiadora. Nzinga enfrentou dúvidas e críticas familiares, que questionavam sua capacidade de concluir os estudos enquanto cuidava de uma criança: *“Não vai conseguir estudar, não vai terminar, manda voltar. A vida dela acabou.”* Apesar disso, ela e seu marido decidiram enfrentar as adversidades juntos: *“Meu esposo e eu conversamos: ou a gente volta, termina tudo agora e não avança, ou a gente manda lixar todo mundo e se vira do jeito que dá.”* A expressão "manda lixar", uma gíria popular angolana, traduzida como "foda-se" na linguagem brasileira, simboliza a determinação do casal em seguir em frente.

Para alcançar estabilidade financeira, Nzinga e o esposo recorreram a empregos formais e temporários, como auxiliar de salão de beleza, entregador de aplicativo e estágios. Porém, ela enfrentou momentos difíceis, sem ter com quem deixar o filho e com as contas acumulando. Foi nesse contexto que Nzinga encontrou uma solução criativa: deixou os empregos formais e começou a produzir bolos caseiros em casa, conciliando trabalho e cuidado com o filho, por falta de estratégias de venda o negócio não deu certo.

Hoje, seu filho tem 8 anos, e Nzinga superou muitos obstáculos. Concluiu com sucesso a graduação em Administração e um MBA na mesma área. Atualmente, é líder de Associação de Estudantes angolanos e se dedica à produção de eventos culturais, promovendo a representatividade africana e fortalecendo os laços comunitários. Sua trajetória é marcada pela resiliência, dedicação e capacidade de transformar desafios em oportunidades.

Seguimos a apresentação com a participante de nome mãe Maria, afirma que sempre que puder honrar a mãe assim fara, é o único gesto que pode retribuir todo o esforço e dedicação feito por ela, motivo pelo qual escolheu ser representada pelo nome da mãe. Mãe Maria nascida na ilha de Cabo Verde, com 29 anos e solteira, chegou ao Brasil em 2015 para estudar Direito na Universidade Federal de Goiás

(UFG), contemplada por uma bolsa de estudos pelo governo de Cabo Verde. A mudança para Goiânia trouxe oportunidades, mas também desafios que quase a fizeram desistir, como o luto pela perda de pessoas queridas, críticas ao seu cabelo e o preconceito contra o seu sotaque, uma mistura de português com crioulo. Apesar disso, ela manteve o foco em seus objetivos e resistiu às adversidades, movida por sua determinação de alcançar algo maior.

Compartilha sua trajetória marcada por resiliência e determinação. Ela descreve a sociedade em que cresceu como um ambiente onde as mulheres eram tradicionalmente preparadas exclusivamente para os afazeres domésticos e o cuidado com a família. Sua mãe, a única menina entre cinco irmãos, não teve acesso ao ambiente escolar e permanece analfabeta. No entanto, dedicou-se com empenho à educação dos filhos, um esforço que resultou na formação de todos os dez. Mãe Maria fala com orgulho sobre o legado materno, que a inspira a superar desafios e buscar conquistas.

Atualmente, Mãe Maria trabalha como assessora de promotor no Ministério Público e almeja avançar na carreira jurídica, dedica suas realizações profissionais a sua mãe como fonte segura de inspiração e dedicação, com o sonho de chegar ao juizado, seja no Brasil ou em sua terra natal. Ela afirma que permanece aberta às oportunidades e continua buscando crescimento pessoal e profissional. Sua história exemplifica como a força herdada de sua mãe e sua própria resiliência moldaram seu percurso de superação e realização. Segue a apresentada a escritora paulina.

Sou a Paulina, escolhi este nome porque a escritora Paulina é muito conhecida em Moçambique e em vários países africanos, admiro muito os seus trabalhos. sou moçambicana de 24 anos, licenciada em produção Pesqueira pela universidade Eduardo Mondlane, sou mestranda em aquacultura, pela Universidade Federal do Rio Grande. Então eu vim para o Brasil para fazer o mestrado, conhecendo a realidade que nós vivemos no nosso país, com o índice de desemprego elevado está difícil, então vim aqui para estender o meu currículo, para poder voltar para casa e conseguir ter uma posição melhor. Vim com uma bolsa de estudos, é a minha renda fixa mensal, mas os custos aqui são elevados, no entanto, nos momentos livres faço tranças para colega e amigas que solicitam, porque eu gosto muito de estar bem na cabeça e faço as tranças em mim, isso desperta a curiosidade das minhas colegas e amigas, encontro ali uma oportunidade para eu ganhar algum dinheiro, porque trançar demanda tempo criatividade, tempo e esforço, faço para um número reduzido de Pessoas. São pessoas muito próximas. Eu não estou trabalhando de carteira assinada, não faço estágio, eu sou mera estudante que vai no laboratório de segunda de segunda a segunda, e sempre que necessário, como africana, como moçambicana especialmente, temos sonhos que nós acabamos enterrando, porque a realidade que vivemos não condiz, não oferece dignidade ao cidadão comum e não oferece muito com alcance como em alguns solos. Então, participei do processo seletivo, indicado pelo meu coorientador da graduação, ele me enviou o edital para participar, tive o apoio da minha família e consegui organizar todos os

documentos para vir para cá, e isso foi incrível embora tenho encontrado várias dificuldades, mas hoje em dia eu passo a dar menor importância, que são essas questões raciais. As pessoas não conseguem aceitar que o negro ele tem, tem voz, ele tem sentimento, ele é humano entende? É só a diferença de cores, tudo funciona do mesmo jeito, então, no início, isso foi uma dificuldade. Me sentia triste, mas foi algo que eu fui trabalhando com o apoio da minha família, sempre me recordava, porque estou aqui, e isso é uma realidade! Mas eu entendo que os meus objetivos são maiores e vejo em Moçambique um potencial para desenvolver essa atividade de aquacultura, mas falta conhecimento e falta de insumos. Portanto, quero associar as 2 coisas, eu quero ter uma cozinha de água completa e produção de peixe, camarão, algas em ambientes controlados. Então será uma alternativa para contribuir com a produção alimentar, através do cultivo desses organismos em cativeiro. explicou (PAULINA).

Apresentamos, o trajeto de uma mulher, que se inspira no estilo de vida da Avó Maria, o nome de livre eleição, uma angolana de 38 anos, cresceu em um ambiente repleto de mulheres empreendedoras, o que a levou a adotar o nome de sua avó como forma de homenagem e representação. Ela afirma que sua avó foi uma fonte de inspiração crucial em sua jornada. Desde jovem, Avó Maria entendeu que alcançar conquistas e bem-estar exigia dedicação e trabalho árduo. Durante sua graduação em Psicologia Clínica em Angola, ela conseguiu equilibrar seus estudos com empregos que asseguravam sua estabilidade financeira. Ela atuava como professora concursada e, também gerenciava um bar, que continua a alugar, mantendo assim uma fonte de renda ativa em seu país de origem. Essa experiência não apenas consolidou sua independência financeira, mas também reforçou os valores de esforço e resiliência que ela carrega até hoje.

Naquela época, a vida de Avó Maria parecia marcada pela estabilidade: ela era jovem, solteira, financeiramente realizada e envolvida em múltiplas ocupações. Contudo, um desejo profundo de explorar novos horizontes a levou a visitar o Brasil como turista. Esse curto período se revelou transformador. Durante sua estadia, ela se casou, teve uma filha e, pouco tempo depois, enfrentou o desafio do divórcio. Apesar de carregar consigo o sonho de se tornar professora, Avó Maria se deparou com uma realidade desafiadora no Brasil, caracterizada por dificuldades econômicas e a ausência de sua rede de apoio familiar e social que deixara em Angola. Essas experiências exigiram dela resiliência e adaptação em meio a um cenário de incertezas e mudanças.

Para lidar com as novas circunstâncias, Avó Maria precisou buscar alternativas de trabalho no Brasil. *"Me vi obrigada a arrumar um emprego"*, conta, ao lembrar de sua experiência inicial em um *call center* que prestava serviços para um

banco. *"Era horrível; o tratamento com os funcionários era muito ruim"*, recorda. Insatisfeita, decidiu buscar oportunidades em áreas com as quais já tinha experiência e afinidade, como a educação. Apesar de enviar currículos para escolas, não foi convocada. Persistente, tentou outra estratégia: enviou seu currículo para vagas em uma instituição bancária e foi selecionada.

Mas ela estava constantemente em busca de novas maneiras de complementar sua renda. Ela se dedicou a diversas atividades, como atuar como trancista e trabalhar em salões de beleza. Com o tempo, Avó Maria encontrou uma oportunidade no setor de fraudes de um banco, onde se destacou profissionalmente. Paralelamente, ela decidiu retomar seus estudos, reconhecendo a educação como uma ferramenta essencial para seu aprimoramento pessoal e crescimento na carreira.

Após o divórcio, Avó Maria enfrentou desafios ainda maiores. Sozinha, ela precisou equilibrar as responsabilidades de criar sua filha com as exigências do trabalho. *"Não é nada fácil"*, ela afirma, destacando o impacto emocional e logístico dessa situação. Durante a pandemia, o período de licença maternidade permitiu que ela trabalhasse de casa por dois anos, o que foi fundamental para fortalecer o vínculo com sua filha e reorganizar sua vida. Essa experiência não apenas proporcionou um tempo valioso para se conectar com sua filha, mas também a ajudou a redefinir suas prioridades e estratégias para o futuro.

A história de Avó Maria evidencia sua resiliência e adaptabilidade. Mesmo em meio a mudanças e adversidades, ela manteve o compromisso com o sustento de sua família e investiu no desenvolvimento pessoal e profissional, transformando desafios em oportunidades de crescimento.

A rainha Okinka Pampa, lutou pela independência de Guiné Bissau, devolvendo a identidade ao seu povo em defesa dos direitos humanos e do meio ambiente. Por escolha da participante para representar o seu nome. Okinka Pampa de 35 anos, nascida no Guiné Bissau, veio ao Brasil com o objetivo de estudar graduada em ecologia de análise ambiental pela Universidade Federal de Goiás, pós-graduada em educação especial inclusiva. Carregava o sonho de se tornar modelo no Brasil. Usou as integrações sociais para vivenciar as dinâmicas empreendedoras, visto que em Guiné Bissau era apresentadora de um programa infantil na televisão nacional e trabalhava na Secretaria estadual de meio ambiente e desenvolvimento sustentável. Com convicção de fazer um curso ligado à área ambiental, em 2010 veio para o Brasil representar o seu país numa conferência denominada *infanto juvenil*,

com uma participação de mais de 150 países. Veio como facilitadora com uma equipe composta de 13 crianças, 3 adultos e 4 membros do governo, sua paixão pela moda e estudos ambientais a conectaram ao Brasil: “sempre eu gostei de moda e sempre tive interesse em aprender mais sobre questões ambientais e Brasil representa muito bem nos dois âmbitos”. Para ela o empreendedorismo corre em suas veias, como uma ação aprendida de seus ancestrais ligando as oportunidades encontradas ou criadas. viu-se diante da oportunidade de ampliar esse talento para contornar barreiras impostas por padrões de moda elitizados que não aceitavam sua forma física fora dos padrões. Assim, fundou sua própria passarela, tornando-se criadora de uma linha de moda africana inclusiva. Enfatizou que “na minha passarela vai desfilhar quem quiser”, adotando uma política de inclusão que celebra a diversidade, acolhendo modelos diversos – desde mulheres com câncer de mama até pessoas com síndrome de Down e outros contextos – promovendo a representação plena de grupos minoritários. Okinka afirma que ela não joga fora nenhum retalho de seus tecidos, salvaguardando o meio ambiente e oferecendo um descarte adequado (ela reutiliza para fazer brincos, pulseiras, turbantes, laços etc.). como mãe solo, muitos novos desafios e situações constrangedoras viveu como racismo, xenofobia, e falta de rede de apoio. Carrega consigo sempre que possível sua filha nas passarelas representando muitas mulheres que trabalham e cuidam de seus filhos sem uma rede de apoio principalmente familiar. Siga a vida inspiradora de uma mulher

Mirian, de 27 anos, nascida na ilha de São Tomé e Príncipe, solteira, bacharel em humanidade, mestre em Ciência Política e atualmente doutoranda na mesma área pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Cresceu sob o cuidado e suporte constante de seus pais, sua mãe é uma inspiração para o empreendedorismo, possui uma loja comercial e um salão de beleza, mas precisou aprender a se desdobrar sozinha ao longo dos últimos nove anos, desenvolvendo habilidades para enfrentar os desafios da vida independente.

Sua trajetória no Brasil teve início em janeiro de 2017, quando chegou ao país graças a uma bolsa de estudos concedida pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), localizada no município de São Francisco do Conde, na Bahia. Demonstrando uma dedicação inabalável aos estudos, Mirian foi contemplada com bolsas de estudos tanto no mestrado quanto no doutorado pela CAPES, o que permitiu que ela mantivesse um foco exclusivo em sua formação acadêmica.

Apesar de ter tentado ingressar no mercado de trabalho durante sua jornada no Brasil, Mirian não permaneceu em nenhuma empresa por mais de quatro meses. Ela atribui isso à prioridade que sempre deu à sua vida acadêmica, essencial para alcançar seus objetivos de longo prazo. O apoio financeiro de sua família tem sido fundamental para que ela mantenha essa dedicação integral aos estudos, permitindo que ela avance em sua formação com excelência.

A história de Mirian reflete uma trajetória de resiliência, determinação e foco acadêmico, que a posicionara como uma referência no campo da Ciência Política, tanto no Brasil quanto em sua terra natal, São Tomé e Príncipe.

Segue o quadro 3: com as informações objetivas sobre a prática empreendedora e trajetória:

<b>Nome</b>	<b>Foco da Prática Empreendedora</b>	<b>Descrição da Trajetória</b>
<b>Mirian</b>	Educação como caminho de transformação	Reflete o impacto da educação como ferramenta de empoderamento e mobilidade social. Sustenta seus objetivos acadêmicos com um negócio familiar em São Tomé e Príncipe.
<b>Okinka Pampa</b>	Moda como inclusão, sustentabilidade e resistência	Transformou a paixão pela moda em um empreendedorismo inclusivo e sustentável, promovendo diversidade nas passarelas e reaproveitamento de materiais.
<b>Avô Maria</b>	Adaptação e diversificação como estratégias de sobrevivência	Diversificou suas fontes de renda, atuando como trancista e revendedora no Brasil, enquanto gerencia um bar em Angola, garantindo segurança financeira para a família.
<b>Paulina</b>	Educação e empreendedorismo como pilares de inovação	Combina sua formação acadêmica com o empreendedorismo, planejando aplicar práticas inovadoras de aquacultura em Moçambique para promover segurança alimentar.
<b>Mãe Maria</b>	Resiliência como ferramenta de superação	Empreendeu criativamente durante a graduação, vendendo bombons e roupas enquanto superava preconceitos e limitações financeiras para alcançar seus objetivos.
<b>Nzinga Mbandi</b>	Empreendedorismo cultural e equilíbrio	Usa a produção cultural para promover a representatividade africana, criando espaços de

pertencimento, enquanto equilibra os desafios familiares e financeiros.

Fonte: O autor (2025).

Desta forma, o caminho para a prática empreendedora dessas migrantes personifica mais que uma simples trajetória de adaptação cultural. Revelou-se um esforço consciente e estratégico carregado de resistência emocional, uma história reconstituída pela tenacidade nos confins apertados da adversidade socioeconômica. O empreendedorismo, aqui, emerge não meramente como uma solução pragmática, mas como uma declaração de agência e empoderamento, oferecendo novas narrativas de autoafirmação e papel social. Traduzindo suas realidades em vivências plenas, onde cada conquista econômica aponta simultaneamente para um triunfo pessoal e coletivo. Isso sublinha a potência como narrativas de migrantes enlaçam obstáculos com oportunidades, sedimentando visões de um futuro mais equitativo e inclusivo. Estas vivências não são apenas o testemunho de trajetórias de migração, mas um espelho da tenacidade e do desejo de autoaperfeiçoamento que transcendem as barreiras geográficas e culturais.

#### 4.2. A CONSTRUÇÃO DA PRÁTICA EMPREENDEDORA: EXPERIÊNCIA, ESTRATÉGIAS E DESAFIOS

Essas histórias exemplificam como a criação e busca por oportunidades somando ao desejo de independência financeira se revelam como denominadores comuns, moldando a experiência destas mulheres enquanto propiciam uma profunda reflexão sobre as estratégias para suprir as necessidades e realização pessoal no cenário brasileiro. As suas histórias destacam frequentemente a conexão com comunidades maiores e evidenciam que o empreendedorismo vai além de uma simples atividade econômica, representando uma verdadeira estratégia de resiliência. Estando à margem do mercado de trabalho formal, essas mulheres não apenas buscam, mas também criam oportunidades econômicas, subvertendo posições tradicionalmente hierárquicas e impulsionando inovações que reverberam não só em suas vidas, mas influenciam profundas mudanças nos ambientes locais que habitam.

A prática de empreender para mãe Maria está ligada à necessidade de complementar sua renda, despertou este desejo durante a graduação em Direito, já

que a bolsa de estudos não era suficiente para cobrir todas as despesas. Para garantir sua estabilidade financeira, ela diversificou as atividades,

Durante a minha graduação, então buscava ter uma fonte de renda eu já cheguei a vender bombom da faculdade e a revender coisas da revista, revender roupas de colegas que não que queriam mais, fazendo brechó online. Mas o foco é relacionado mesmo a minha formação já estagiei na Defensoria pública escritório de advocacia (MÃE MARIA).

Avó Maria adotou uma prática empreendedora diversificada, demonstrando resiliência em contextos de migração e a distância de sua terra natal. Além de atuar como trancista, funcionária do regime CLT e revendedora de cosméticos no Brasil, ela mantém o bar em Angola, garantindo uma fonte de renda ativa que simboliza seu vínculo com o país de origem e a possibilidade de retorno. Sua abordagem prática e estratégica demonstra a capacidade de utilizar múltiplas fontes de renda para assegurar estabilidade financeira em dois contextos culturais diferentes:

Eu já trabalhei num salão, como CLT, porque eu precisava ter uma renda garantida. Atendia clientes a domicílios como trancista, né? Hoje eu não atendo mais com a frequência que eu atendia antes, ainda atendo algumas clientes a domicílio, mas era basicamente uma necessidade no intuito de satisfazer as minhas necessidades econômicas. E tanto é que o meu bar aluguei o espaço quando eu vim ao Brasil, e o meu pensamento sobre empreendedorismo, surgiu de uma das melhores lembranças que eu tenho da minha avó. Eu costumo brincar que a minha avó era uma máquina de fazer dinheiro, porque ela era o tipo de pessoa que multiplicava o dinheiro, sabe? Eu lembro que uma vez o meu pai me deu dinheiro, dei para minha avó guardar quando eu fui receber o dinheiro no final do ano, ela tinha dobrado o dinheiro, porque ela investiu em negócio, enfim. A minha avó, ela sempre empreendeu assim, sabe? Então, eu falo que eu herdei esse pensamento, de empreender dela. Já vendi Cosméticos aqui no Brasil. Mas quando a minha filha nasceu, parei de vender porque não tinha como fazer entregar á domicílio, tem que atender cliente com uma criança não dava tempo, mas assim, eu tô sempre fazendo uma outra coisa além do CLT (AVO MARIA).

Paulina integra o empreendedorismo ao seu foco acadêmico de maneira complementar. Sustentada por uma bolsa de estudos, ela encontrou na habilidade de trançar cabelos uma forma de gerar renda adicional. Essa prática, além de atender às suas necessidades financeiras, reflete um empreendedorismo criativo que alia esforço manual e conexão cultural. Para Paulina, empreender é uma solução prática que não desvia seu foco principal:

Eu faço as tranças em um número reduzido de Pessoas. São pessoas mesmo, muito próximas, pessoas que acabam chegando a mim porque viu o trabalho que fiz na cabeça da colega e me contactou. Então é desse jeito, é uma saída rentável para mim, eu consigo ganhar uns 200 a 300 reais por cabeça fazendo essas traças. E se alguém vier? Eu vou fazer, mas vou cobrar pelo serviço entende? Aqui é uma atividade bem remunerada, para quem quer fazer a transição capilar você pode trançar 2 ou 3 cabeças, você consegue ter um salário-mínimo em 2 dias ou 3 dias (PAULINA)

Nzinga Mbandi utiliza o empreendedorismo cultural como uma forma de criar pertencimento e representar a identidade africana no Brasil. Sua atuação como líder da Associação de Estudantes Angolanos do Paraná e organizadora de eventos culturais em Curitiba exemplifica como o empreendedorismo pode ir além do econômico, tornando-se um instrumento de impacto comunitário. Nzinga conecta a diversidade cultural africana ao público brasileiro, promovendo inclusão e reconhecimento através de seus eventos.

Então eu, a princípio, sempre trabalhei com a administração, que era a minha área de formação, aí trabalhei como estagiária no Ministério público, trabalhei em empresas fixas com carteira assinada. Mas sempre queria algo a mais, né? Que me despertou a produção cultural. A minha mãe sempre trabalhou com isso. Antigamente nós nem sabíamos que era esse nome, né? Que existia de produção cultural. Era mais eventos, produção de eventos, organização de eventos, tudo mais. Aí quando eu cheguei aqui, eu fui desenvolvendo essa questão da produção cultural. Para trabalhar mais com eventos, só que eu estou focada mais nos eventos culturais propriamente, que apresentam mais estruturas culturais. Eventos que trazem um pouco de expressões de culturas diversas para que o público entenda, conheça, tenha consciência, né? Então hoje eu estou mais focada nessa questão de trabalhar com a produção. Anos passaram, eu entrei na associação de estudantes como secretária, depois, quando os meninos da liderança voltaram para Angola, eu passei a assumir a liderança da comunidade. Foi um choque primeiro e uma experiência nova para mim também. E receio por que todo mundo enxergava que era uma mulher e perguntavam o que fazendo aí? Você é mulher? Já tinham esse preconceito que nós mulheres não somos capazes (NZINGA MBANDI).

Embora, não se identifique como empreendedora, Mirian colabora em um pequeno negócio familiar em São Tomé e Príncipe, onde financia a logística gerida por sua irmã. Essa prática demonstra que o empreendedorismo pode assumir formas colaborativas e flexíveis, permitindo que ela se concentre nos estudos acadêmicos enquanto apoia iniciativas econômicas em seu país de origem. Sua experiência destaca como o empreendedorismo pode coexistir com outros compromissos prioritários, como a educação.

A prática empreendedora de Okinka Pampa nasceu de uma ideia simples oportunidade de encapar sapatos com tecidos africanos para uma colega e amiga, que evoluiu para a criação de uma marca própria. Ela iniciou seu negócio com um empréstimo modesto de 400 reais, pela orientadora e rapidamente o transformou em uma linha diversificada de produtos, incluindo roupas, acessórios e itens de decoração. Além disso, Okinka incorpora a sustentabilidade ao reaproveitar materiais e adota uma abordagem inclusiva, promovendo a representatividade por meio de sua

passarela de moda. Sua trajetória combina inovação, consciência ambiental e impacto social, representando um modelo de empreendedorismo que transcende barreiras tradicionais conforme representado em algumas imagens anexadas.

eu costumo dizer o empreendedor é a coisa que nós despertamos os nossos ancestrais costumamos ver as nossas mães, avós todas se levantando cedo né pra ir ao campo, plantar hortaliças e logo em seguida todos bem com aquelas cestas cheias de verduras para vender nas feiras. As mulheres ajudam no sustento da casa né! é uma coisa que acontece é de uma forma natural, nós somos empreendedores que aprendemos a desenvolver essa habilidade. Isso é, dependendo dos fatores, o espaço onde a pessoa está e da necessidade. também né eu quando cheguei aqui 2012 para fazer faculdade eu me oferecia para representar a moda africana na semana da África, era uma semana inteira da atividade, como palestras, oficinas de oficinas de dança, oficinas de tranças de turbante e fazemos também os pratos típicos de cada país cada nacionalidade presente. Foi assim que comecei a participar do desfile e aí eu comecei a ver essas demandas todas é do tanto que o mercado era bom e as pessoas gostavam muito realmente de usar as roupas coloridas nem todo mundo é monocromático percebi que cores quentes né fica muito bom na nossa cor de pele então eu comecei a ver esse mercado né, mas isso tudo começou. A gente sabe e vive racismo xenofobia e preconceito aqui nesse país principalmente de pessoas e que sofrem muito né. Uma vez no início eu fui fazer um teste, um casting eu queria muito ser uma modelo, a pessoa que estava selecionando tem que ver o seu perfil né pra ver se realmente você encaixa dentro do que está procurando. eu sou essa pessoa com massa corporal não me encaixava no que eles estavam buscando depois me ligaram me mandaram obrigada para procurar o médico enfim..., mas eu fiquei chateada, mas eu falei assim eu vou criar minha moda e na minha passarela vai desfilhar quem quiser (OKINKA PAMPA).

Os desafios enunciados pelas entrevistadas são variados no Brasil, estas mulheres enfrentam desde a falta de uma rede de apoio social, essencial para equilibrar vida profissional e responsabilidades familiares até a resistência cultural intrínseca, expressa em formas sutis e explícitas de discriminação. Para muitas, essa interseção entre gênero, raça e nacionalidade concentra-se em situações cotidianas, onde têm de constantemente provar seu valor e contrapor estereótipos depreciativos. Essas experiências corroboram a abordagem interseccional, que enfatiza a trajetória enraizada na expectativa de adaptação e superação metódica.

Entretanto, o testemunho comum é de resistência e adaptação. Muitas entrevistadas transformam suas habilidades culturais como exemplificado pelo uso de cabelos trançados e designs têxteis africanos – em empreendimentos viáveis. Narrar suas histórias não serve apenas para documentar sua travessia transformativa como sujeito, mas também celebrar sua criatividade intrépida que, para além de emancipadora, também catalisa mudança social. Alguns relatos centram-se na força sugestiva do empreendedorismo como veículo crucial para a autoafirmação e

construção de identidade comunitária, fornecendo às mulheres a plataforma para se firmarem como agentes ativas em controlar suas narrativas individuais e coletivas.

O empreendedorismo, dentro das trajetórias das mulheres migrantes africanas, emerge tanto como um caminho acessório quanto como uma estratégia central para a construção de seus objetivos de vida. Para muitas, ele representa uma alternativa temporária, um meio de viabilizar a permanência nos estudos e garantir a subsistência até que possam consolidar suas carreiras acadêmicas e profissionais. Para outras, no entanto, o empreendedorismo deixa de ser apenas um recurso secundário e se transforma em um projeto definitivo, tornando-se a principal fonte de renda e um espaço de afirmação identitária e cultural. O que essas experiências evidenciam é que, independentemente de o empreendedorismo ser um meio ou um fim, ele carrega consigo um papel fundamental, a possibilidade de autonomia e adaptação em um contexto marcado por desafios migratórios, barreiras econômicas e desigualdades estruturais. Mais do que uma atividade econômica, ele se revela um instrumento de transformação pessoal e social, permitindo que essas mulheres construam novos espaços de pertencimento e reconhecimento tanto no Brasil quanto em seus países de origem

#### 4.3. MOTIVOS QUE CONTAM OS PORQUÊS DA PRÁTICA DA EMPREENDEDORA

Narrar trajetórias, significar porquês é um projeto que expressa subjetividades e a forma como a linguagem é empregada, articulada, as palavras escolhidas revelam essa subjetividade singular que não pode ser generalizada. Por isso, escolhemos começar essa seção colocando em evidência a fala das mulheres que compõem essa pesquisa:

Então, eu acho que a maioria das mulheres começam com o pensamento de empreender, a partir da ideia de suprir uma necessidade de casa, não quero deixar meus filhos com fome, eu não quero passar necessidade. Me questiono o que posso fazer para suprir? Então surge a ideia! Vou vender cosmético. Começa sempre no sentido de fazer uma renda extra e acaba virando um negócio, né? eu poderia falar que o que me motiva também é a minha filha, mas isso seria mentira, porque sempre fui assim. Antes dela existir eu já era assim. Do tipo de resolver problema, acho que gosto de conforto, eu gosto de boa vida. Então, tipo assim, passar por necessidade, me deixa um pouco angustiada, entendeu? Então, eu penso no futuro, realizar meus sonhos. É que eu tenho muitos sonhos. Então, quando eu penso na realização dos meus sonhos. Ai eu me levantar da cama para correr atras. (AVÔ MARIA)

Eu penso que a gente deve aproveitar as oportunidades além de dedicar a vida acadêmica, como também ampliar o nosso olhar acerca de outras questões. E uma das questões é essa. No entanto, eu comecei um negócio com a minha irmã em são tomé e príncipe, porque eu estive lá em 2023. Eu entrei com o dinheiro, e ela compra, compra e vende a mercadorias (MIRIAN)

Eu penso em ganhar dinheiro, muito dinheiro quero viajar muito, não é? porque no final tudo é sobre dinheiro, é sobre aproveitar momentos, né? Eu tenho muitos planos para o futuro, estamos aqui a estudar, não estamos aqui para perder tempo e queremos usufruir desse momento de investimento na nossa educação, quero ser uma empresária, ter muito dinheiro mesmo. E viajar, viajar para tirar a mente da caixinha (PAULINA)

então sempre que eu puder é evoluir vou me permitir, sem passar por cima de ninguém eu quero ser uma pessoa que do orgulho a minha mãe e o meu pai, outras mulheres possam espelhar em mim sempre, eu vou a busca disso realização dos meus projetos, crescer profissionalmente quero que ter orgulho de mim. Procuro estudar para ser mais inteligência ter mais é mesmo de poder ser uma profissional muito competente e sempre empreender (MÃE MARIA)

Minha mãe é uma inspiração, ela fazia decoração de casamento, noivado e batizados. E nós estávamos sempre ali na pré-produção ajudando, a engomar toalhas, preparar todo o material que ela ia usar para decoração, entrar em contacto com as pessoas que solicitavam, né? Para ver qual era a necessidade das pessoas. Quantas pessoas? Então, nós já tínhamos toda aquela articulação, mas nós não sabíamos que isso era empreendedorismo. Aí quando eu cheguei aqui, quando eu comecei a estudar, comecei a entender que isso era empreendedorismo. E tinha várias formas de empreender, por menor que fosse o negócio, você tinha que ter noção daquilo que você estava fazendo, hoje o meu intuito de empreender está no proveito que terei ou seja o que vou tirar disso, né? eu vou empreender para as para ganhar lucro para me sustentar sem esquecer que para isso requer um planejamento e estrutura (NZINGA MBANDI).

Eu costumo dizer o empreendedor é coisa que nós despertamos os nossos ancestrais... usar a nossa criatividade o talento e o que a gente tem para passar sabedoria e compartilhar com outras pessoas e assim vamos redescobindo a potência que há em nós, eu aproveito cada oportunidade que tenho seja numa passarela ou fazendo o que eu faço de melhor (OKINKA PANPA).

Okinka Pampa afirma que o empreendedorismo representa um ato de coragem e requer viabilizar soluções “enquanto uns choram em vendo lenços” Neste contexto, as ideias de empoderamento econômico, conforme delineadas por Amartya Sen (1999), se tornam especialmente relevantes. Seu modelo sugere que o empoderamento não é apenas um fim técnico, mas um processo de autodefinição e agência, onde ser uma mulher empreendedora reflete o ato de se tornar agente de seu próprio destino. Elas demonstram que sua identidade empreendedora não só desafia as normas sociais, mas também transforma o espaço ao seu redor, proporcionando renovação comunitária através do reconhecimento de oportunidades como líderes e inovadoras. Ao promoverem a afirmação por meio de suas práticas

empreendedoras, estas mulheres promovem um ciclo virtuoso de empoderamento que transcende barreiras individuais, criando laços sustentáveis e de enriquecimento mútuo em meio a adversidades. Assim, através de seus esforços, elas não apenas prosperam economicamente, mas também reivindicam seu espaço social e cultural, como mulheres migrantes no dinamismo multifacetado da sociedade brasileira.

Segue o quadro 4 simplificado com os "por quês":

<b>Nome</b>	<b>Por Quê</b>
<b>Okinka Pampa</b>	Aproveitar oportunidades e promover inclusão
<b>Avô Maria</b>	Desejo de estabilidade financeira e conexão com o país de origem
<b>Nzinga Mbandi</b>	Busca por liberdade financeira e fortalecimento cultural
<b>Paulina</b>	Maximizar oportunidades e complementar renda para viver
<b>Mãe Maria</b>	Realização pessoal e independência financeira
<b>Mirian</b>	Aproveitar oportunidades e ajudar a família

Fonte: O autor (2025).

Percebemos que o que narram, como narram e o que motivada cada uma das mulheres a trilhar o caminho do empreendedorismo e a construir suas práticas está profundamente imerso no contexto sócio-histórico que as constitui e nos olhares que possuem sobre o mundo. Isso nos faz indicar que a prática laboral é constitutiva do sujeito e define o seu pertencer ao mundo. Particularmente no contexto migrante, estabelece a possibilidade de construir as vinculações a esse novo território, aprender e ensinar, integrar-se e agregar-se a pequenos pedaços de seus países originais que se colocam no país novo.

#### 4.4. DESAFIOS E PONTOS DE VIRADA DA PRÁTICA EMPREENDEDORA

A prática empreendedora no Brasil, para mulheres migrantes africanas, apresenta-se em um cenário ambivalente, onde coexistem oportunidades e desafios estruturais significativos. Como apontado por Brunni (2004), o empreendedorismo feminino não pode ser analisado de maneira isolada, pois está imerso em dinâmicas sociais, culturais e econômicas que influenciam as escolhas e possibilidades dessas mulheres. No caso das migrantes africanas, essas influências somam às barreiras tornando suas trajetórias empreendedoras ainda mais complexas.

Avó Maria, descreve sua experiência no setor bancário como marcada pelo ceticismo e surpresa de seus colegas de trabalho: “Sempre há um olhar de espanto, como se eu não merecesse estar aqui ou não tivesse competência para o cargo”. Essa atitude reflete o preconceito persistente que mulheres negras enfrentam dentro de ambientes profissionais tradicionais.

O preconceito, né, porque eu acho tem um lugar onde colocam todo o Imigrante, principalmente quando você é um Imigrante, é negro, tem esse lugar assim, ele já vem associado com racismo, né? Porque as pessoas colocam, elas pensam é do continente africano, como se eles não fossem merecedores de coisas boas. Do tipo assim sempre tem um olhar do espanto quando eu falo onde eu trabalho, sempre tem um olhar de espanto quando eu me posiciono em com algum assunto assim que as pessoas acham que eu não deveria saber sobre isso, porque é assunto de uma pessoa inteligente, então, tipo assim, acho que um dos principais desafios ainda até hoje ainda é o preconceito, né? Porque tipo assim, a comparação do tipo nossa, mas... Como, se eu não merecesse falar em tal lugar, é uma coisa que deixa o meu coração angustiado, assim. eles não têm pouco conhecimento sobre o nosso continente, sobre o nosso país, eles fazer perguntas absurdas (AVÔ MARIA).

Mãe Maria, narra as complexidades enfrentadas por ser percebida como "diferente," necessitando constantemente afirmar sua capacidade profissional contra preconceitos ligados à aparência, idade e sotaque. Ela cita: “A pessoa pensa! ‘É uma criança, o que está fazendo aqui? Só acreditam quando eu falo e demonstro maturidade e profissionalismo”.

Claro que tem muitos desafios, muita coisa que a gente vive um dos principais e a questão da nossa cor, vivemos atos de racismo, mas tive um desafio de contexto, parecia que colocaram um feijão no meio das batatas por exemplo, entendeu então você se sente uma coisa mas quando você está naquele ambiente parece que todo mundo é diferente de você então você tenta se adaptar àquela cultura, fazer aquela jeito e fazer aquela forma das pessoas e sem se manifestar naquele lugar então tipo pra mim sempre foi um desafio (MÃE MARIA, entrevista).

Tive que lidar e continuo lidando todos os dias. Com o racismo e o preconceito. Então eu, sofro, ou sofri muitas, muitas vezes por ser uma mulher negra, né? Além disso, por ser uma mulher negra e por ser africana. Então tem aquele olhar. Deturpado das pessoas aqui, a maioria das pessoas tem pouco conhecimento do continente africano. As pessoas quando olham para um africano ou uma africana, já pensa que ele está vindo aqui porque é no país dele sofria, ou seja, passava necessidade, passava fome. E esquecem que muitas pessoas vêm por escolha própria, ou por interesse próprio, ou porque quer fazer um certo, um intercâmbio, que é o meu caso. Eu vim aqui porque eu escolhi o Brasil, né? Então. Existem muitas pessoas que não entendem as coisas nessa perspectiva, então foi um desafio para eu ter que lidar. Hoje eu já. Consigo conviver com isso de uma forma mais é tranquila (MIRIAN, entrevistada).

Paulina experimentou o “choque cultural” do Brasil, conciliando a nova rotina com as memórias e hábitos de seus países de origem. Enfrentar o luto de pessoas

amadas, vivendo longe é muito doloroso, algumas vezes teve vontade de desistir afirmam.

E ao chegar aqui nesta cidade, é uma cidade com um clima totalmente diferente do clima de lá de Moçambique. Moçambique é mais tropical, aqui é uma mistura às vezes nós conseguimos sentir todas as estações do tempo no mesmo dia. É muita chuva, é muito frio, muito calor, é muito vento, tipo, tudo é ao extremo. Então tive uma pequena dificuldade na adaptação ao clima e tive outras dificuldades, mas hoje em dia eu passo a dar menor importância, que é para a questão racial. No racismo. As pessoas não conseguem aceitar que o negro ele tem voz, tem sentimento, ele é humano entende? É só a diferença de cores, tudo funciona do mesmo jeito, entende? Então, no início, isso foi uma dificuldade, me sentia triste (PAULINA).

Okinka Pampa, com sua experiência de passarela inclusiva, partilha ainda mais desafios, algo singular na administração de seu negócio. Na coordenação de modelos para desfiles, especialmente em contextos diversos e inclusivos, ela aponta que é importante adaptar-se às necessidades dos modelos, muitas vezes crianças ou pessoas adultas com características de infância. Refletindo a dificuldade inerente, afirmou que “é muito complicado porque para os desfiles há momentos que eles estão entusiasmados para desfilarem e de repente não querem mais fazer nada e você tem que ser muito paciente para lidar com isso”. Este depoimento não só ilustra sua dedicação pessoal à inclusão através do empreendedorismo, mas também a tenacidade necessária para gerenciar e celebrar diversos espectros de capacidade e identidade em um cenário de moda que, historicamente, não os representou. Vivenciou desafios como racismo, xenofobia e preconceito, outros artistas tentaram tirar proveito de seus trabalhos, outros tentam desvalorizar sua produção “essas roupas africanas não deviam ter esses preços, devia ser tal preço”. afirma que não nada fácil fazer os trabalhos e carregar a maternidade sozinha, mas se concentra nas coisas boas que a vida oferece:

Comecei a trabalhar no parlamento também, é muita demanda, são muitos desafios então tem que fazer de tudo para tentar conciliar. o que é muito difícil porque não é só o trabalho no parlamento, tem a marca e tem Nara e tem uma casa, eu queria mais de 24 horas por dia para poder fazer as minhas coisas porque realmente é muita coisa para fazer para uma mãe solo (OKINKA PAMPA).

Nzinga Mbandi, destaca os inúmeros desafios que enfrentou ao tentar equilibrar as exigências da maternidade com as responsabilidades laborais e acadêmicas em um país estrangeiro. Ela frequentemente se via em situações em que a falta de uma rede de apoio se tornava um obstáculo quase intransponível: “Várias vezes não tive com quem deixar o meu filho, outras vezes a pessoa que se

comprometeu em ficar com ele em última hora decidia não ficar mais porque lembrou que tinha compromisso”. Este relato ilustra uma realidade comum entre as mulheres migrantes, que muitas vezes têm que operar sem o suporte familiar tradicional disponível em seus países de origem.

As experiências dessas mulheres remetem à abordagem interseccional desenvolvida por Kimberlé Crenshaw (1989), que argumenta que raça, gênero e nacionalidade criam um espectro de discriminação particularmente acentuado para mulheres que estão na interseção de várias identidades sociais. Neste contexto, o empreendedorismo surge não apenas como um caminho para a sobrevivência, mas também como um meio poderoso de autoafirmação, permitindo que essas mulheres criem espaços onde sua identidade e capacidades possam ser plenamente reconhecidas e respeitadas. O sucesso no Brasil requer mais do que uma simples adaptação; exige um processo cuidadoso de desenvolvimento estratégico, resistência emocional e a habilidade de cultivar criatividade dentro das limitações impostas pelas restrições socioeconômicas.

No entanto, mesmo diante dessas barreiras, essas mulheres destacam pontos de virada, o Brasil também oferece recursos e acesso à informação em relação aos disponíveis em seus países de origem, como Angola. Tal como observa Nzinga Mbandi: “no Brasil, tive acesso a oficinas e eventos que abriram minha mente para possibilidades que antes não enxergava. Trabalhar como a primeira mulher líder da associação de estudantes foi um marco”. Este contraste revela que, enquanto o contexto brasileiro impõe desafios, ele também facilita a inovação e empoderamento feminino através de recursos acessíveis. Assim, as narrativas mostram como as mulheres migrantes utilizam resiliência e criatividade para redefinir espaços e criar possibilidades em cenários aparentemente inflexíveis e permitir uma virada revolucionária de suas histórias por meio dos estudos e suas trajetórias empreendedoras. Okinka Pampa, deseja tornar sua marca mais conhecida e no tocante a moda africana ser referência não apenas no Brasil. Enquanto Mirian almeja ser uma cientista política e ocupar um cargo político bom no parlamento em São Tomé e Príncipe. Para Paulina o prazer de explorar o mundo é grande, mas entende que para isso precisa de estabilidade financeira e com isso vem o prazer de se formar em nível superior para aumentar a qualidade de vida. Avo Maria se vê influenciando mulheres de forma positiva através do empreendedorismo, além de querer crescer na área de investimentos e com isso continua estudando para ser recolocada em seu

ambiente de trabalho. Aspectos financeiro não deixaram de ser observado pelas participantes ou melhor ao todo é intrínseco o desejo de obter a estabilidade financeira melhor do que se encontram atualmente.

Mãe Maria manifesta o desejo de crescer e prosperar, ignorando as provocações cotidianas, “conheço o meu potencial e inteligência, não deixo ninguém me colocar para baixo e não preciso pisar ou diminuir alguém para crescer” Por outro lado, o aproveitamento de habilidades previamente adquiridas também representou um método eficaz de inserção econômica. A proficiência em tranças afro é um capítulo comum entre as participantes, que adaptaram esse conhecimento cultural intrínseco em negócios significativos, evidenciando como práticas tradicionais podem ser substratos rentáveis no mercado local. Isto se alinha com a teoria de Johannisson (2011), que vê o empreendedorismo como intrinsecamente ligado às práticas sociais vigorosas. As narrativas dessas mulheres demonstraram transformação de habilidades culturais em oportunidades econômicas, que além de sustentar suas famílias, deram razão à criatividade empreendedora previamente inibida.

A prática empreendedora aparece não apenas como um caminho para a sobrevivência, mas também como um meio poderoso, permitindo que essas mulheres criem espaços onde suas identidades e capacidades possam ser reconhecidas e respeitadas. O sucesso no Brasil requer mais do que uma simples adaptação; exige um processo cuidadoso de desenvolvimento estratégico, resistência emocional e a habilidade de cultivar criatividade dentro das limitações impostas pelas restrições socioeconômicas.

Em síntese a análise das narrativas destacam que o empreendedorismo para mulheres migrantes africanas no Brasil é frequentemente impulsionado pela necessidade financeira e moldado por suas experiências de vida e conexões culturais. Seja por meio de pequenas vendas, serviços ou iniciativas culturais, o empreendedorismo se apresenta como uma via para:

- Sustentar a vida acadêmica ou familiar (Mãe Maria e Paulina);
- Garantir estabilidade financeira em múltiplos contextos (Avô Maria);
- Promover inclusão e valorização cultural (Nzinga e Okinka);
- Apoiar negócios familiares enquanto prioriza outros objetivos (Mirian).

Essas práticas revelam o potencial do empreendedorismo como uma ferramenta de resiliência, criatividade e transformação social, além de aliviarem

pressões monetárias e oferecerem caminhos alternativos para essas mulheres migrantes na construção de suas vidas no Brasil.

Segue abaixo o quadro 5: resumo da prática, motivação/estratégias empreendedoras e impactos/resultados das mulheres migrantes

Nome e Origem	Prática de Empreender	Motivações e Estratégias	Impacto e Resultado
Mãe Maria (Cabo Verde)	Vendeu bombons, organizou brechós online, revendeu roupas e estagiou na área jurídica.	Complementar renda devido à bolsa de estudos insuficiente e alinhar suas iniciativas ao objetivo de atuar na área de Direito.	Atua como assessora do Ministério Público e mantém estabilidade financeira enquanto avança rumo ao juizado.
Avô Maria (Angola)	Faz tranças capilares, revende cosméticos e aluga seu bar em Angola.	Garantir renda em dois países (Brasil e Angola) e preservar segurança econômica para um possível retorno à terra natal.	Trabalha no setor de fraudes bancárias no Brasil, mantendo também sua renda ativa em Angola.
Paulina (Moçambique)	Trança cabelos para amigas e colegas nos momentos livres.	Sustentar as despesas adicionais não cobertas pela bolsa de estudos e aproveitar sua habilidade criativa.	Combina sua prática empreendedora com o mestrado em aquacultura e planeja levar soluções alimentares sustentáveis para Moçambique.
Nzinga Mbandi (Angola)	Organiza eventos culturais e lidera a Associação de Estudantes Angolanos no Paraná.	Promover a representatividade africana e criar espaços de pertencimento cultural no Brasil.	Fortalece a comunidade africana no Brasil e fomenta a diversidade cultural por meio de eventos em Curitiba.
Okinka Pampa (Guiné-Bissau)	Desenvolveu marca própria de moda africana sustentável e inclusiva.	Representar a diversidade e inovar no mercado brasileiro, reutilizando materiais e integrando inclusão na moda.	Cria roupas e acessórios, promovendo sustentabilidade e acolhendo grupos minoritários em sua passarela.
Mirian (São Tomé e Príncipe)	Apoia financeiramente o negócio de sua irmã em São Tomé e Príncipe.	Contribuir para o desenvolvimento do comércio familiar enquanto prioriza sua formação acadêmica.	Fortalece a economia de sua família em sua terra natal e dedica-se integralmente ao



doutorado em ciência  
política no Brasil.

FONTE: O autor (2025).

A análise dos testemunhos e entrevistas coletadas ao longo desta dissertação revela uma teia complexa e rica de experiências enfrentadas pelas mulheres migrantes no cenário brasileiro. Estas narrativas oferecem uma visão profunda dos desafios e das conquistas pessoais, destacando o papel do empreendedorismo como alicerce para a resiliência e reinvenção identitária. Cada relato, cuidadosamente transcrito, forneceu não apenas uma janela para as dificuldades estruturais encontradas, como o racismo e a xenofobia, mas também para a engenhosidade com que estas mulheres transformam barreiras em oportunidades.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O encerramento desta dissertação apresenta as considerações finais, retomando os objetivos do estudo, os principais resultados obtidos, as contribuições da pesquisa e, por fim, sugestões para investigações futuras.

O objetivo geral desta dissertação foi compreender a prática empreendedora das mulheres migrantes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) no contexto brasileiro. Para isso, foram estabelecidos quatro objetivos específicos, analisados de forma minuciosa por meio de entrevistas não estruturadas. A pesquisa deu voz a seis mulheres empreendedoras, cuja trajetória no Brasil e além de evidência tanto os desafios enfrentados quanto as estratégias de superação adotadas para consolidar seus negócios. Vale ressaltar que todas falam oficialmente o português, os dados provenientes de entrevistas com o tempo de conversa estimado entre 28 e 33 minutos para cada entrevista.

Portanto a motivação em estudar sobre empreendedorismo feminino em particular praticado pela mulher migrante de PALOP, baseia-se na relevância e importância que o tema acarreta, trata-se de um fenômeno novo e com potencial crescente, e curiosamente flui o desejo de aprofundar o entendimento dos fatores que dão continuidade ao processo da prática empreendedora, sob influência da identificação de oportunidades por mulheres migrantes vinda de países africanos, principalmente, quando nesse alvoroço envolve a chegada ou mesmo o acompanhamento do desenvolvimento dos filhos, experimentando mudanças sociais, mudanças econômicas, novos mercados, a tecnologia não exclusivista, sem esquecer as mulheres que trabalham fora. Destaca-se a contribuição social da pesquisa, relacionada à compreensão das transformações e dos processos sociais resultantes da autonomia ou independência financeira, o desligamento da autodependência e a melhoria da condição de vida da mulher migrante.

Buscou-se explorar as trajetórias migratórias e práticas empreendedoras pelo olhar das participantes, e em consonância com os objetivos gerais e específicos da pesquisa, foram empregadas perguntas que estimulam relatos pessoais, que ajudaram a compreender os desafios enfrentados e as estratégias de superação adotadas.

Permitindo a formulação de questões a partir dos objetivos e específicos que se alinham ao conteúdo da pesquisa. A primeira etapa das perguntas propiciou uma visão aprofundada das histórias das participantes, abordando desde a decisão de migrar até suas experiências empreendedoras. Isso foi feito sob a análise de temas recorrentes, motivacionais, desafios e pontos de virada em cada narrativa. Considerando o primeiro objetivo específico; narrar a história de cada mulher migrante empreendedora, explorando suas trajetórias pessoais, históricas e sociais como migrantes. A segunda etapa do estudo focou em descrever as atividades, estratégias e relações das participantes com clientes e comunidades. Essa descrição possibilitou examinar práticas empreendedoras, adaptando-se ao contexto cultural local e às redes de apoio. Este objetivo buscava entender a prática empreendedora sob o olhar de cada mulher migrante, investigando suas práticas de empreender.

Na terceira etapa, buscou-se desvendar as intenções subjacentes à prática empreendedora. A finalidade era relacionar as motivações com condições sociais, econômicas e culturais, obtendo insights a partir da literatura sobre empreendedorismo e migração.

Por fim, a quarta etapa, alinhada ao último objetivo, focalizou a análise dos desafios enfrentados, incluindo barreiras legais, culturais e financeiras. Através dos relatos sobre as dificuldades encontradas no processo de empreender, a análise compara os desafios descritos com estudos teóricos e empíricos, identificando padrões e peculiaridades.

As narrativas destacaram elementos cruciais, como os desafios enfrentados, que vão além da adaptação ao novo contexto cultural e incluem preconceitos, racismo e a necessidade constante de provar competência. As dificuldades de adaptação envolvem diferenças nos costumes, na alimentação e no clima, além da ausência de redes de apoio familiar, essencial para muitas que também são mães. Essa ausência gera desafios emocionais e logísticos significativos.

No campo econômico, mesmo com bolsas de estudo ou empregos formais, muitas mulheres precisam buscar rendas adicionais para manter a estabilidade financeira e a qualidade de vida desejada. As motivações são variadas, incluindo o desejo de independência financeira, a superação de dificuldades econômicas e inspirações familiares, como mães e avós que demonstraram força e empreendedorismo em condições adversas. Para essas mulheres, a experiência

migratória é vista como uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional, impulsionando o esforço para alcançar estabilidade e sucesso.

A prática empreendedora revelou-se criativa, utilizando habilidades culturais, como fazer tranças ou organizar eventos culturais, tanto para sustento quanto como forma de conexão com a identidade. A busca por formação e qualificação é uma estratégia recorrente para conciliar estudos e trabalho, enquanto a construção de redes locais de apoio, mesmo informais, ajuda a criar oportunidades e clientelas.

No contexto brasileiro, desafio interseccionais associados à mulher negra e migrante criam barreiras adicionais, e incentivam a resistência e a criação de espaços de pertencimento. A narrativa empreendedora dessas mulheres está carregada de valores identitários de reconhecimento e autonomia. O empreendedorismo feminino no contexto das migrantes africanas PALOP no Brasil transcende a afirmação identitária e cultural é mais uma prática econômica.

As entrevistas coletadas ao longo desta dissertação, emergiu a uma narrativa rica e multiestratificada sobre as experiências das mulheres migrantes no Brasil. As histórias compartilhadas pelas entrevistadas ampliam a compreensão dos desafios e da resiliência exibidos, mostrando diferentes estratégias que essas mulheres utilizam para enfrentar e transcender as barreiras estruturais em terras estrangeiras. De acordo com Aldrich (2005), o empreendedorismo pode atuar como uma ferramenta poderosa para grupos marginalizados em sua busca por uma identidade fortalecida e por legitimação social. As entrevistas oferecem uma visão abrangente sobre como o empreendedorismo tornou-se uma força motriz nas vidas dessas mulheres, não apenas economicamente, mas também como elemento essencial de afirmação pessoal.

Ao descrever suas jornadas, as mulheres relatam obstáculos constantes, como racismo, xenofobia e a complexidade de equilibrar vida pessoal e profissional sem uma rede de apoio. Nzinga Mbandi, por exemplo, destacou a dificuldade em conciliar obrigações maternas com sua vida profissional sem o suporte familiar típico. Terjesen (2016) enfatiza que as redes sociais e comunidades de apoio são cruciais para o sucesso das mulheres empreendedoras, particularmente em contextos desfavoráveis ou de discriminação sistemática. Essa falta de apoio, comum entre migrantes, é somada aos desafios de um mercado de trabalho frequentemente excludente.

Nesses relatos, uma constante é a notável resiliência e a capacidade de transformar adversidade em oportunidade. Muitas mulheres relataram o uso de habilidades tradicionais, como a arte de tranças ou produtos culturais, não apenas como fontes de renda, mas como formas de criar conexões culturais em suas comunidades. Aldrich (2011) falou da importância do uso de tais recursos culturais e sociais existentes para construir capital social numa nova região. Tais iniciativas não apenas trazem meios de subsistência, mas também permitem uma maior integração cultural na sociedade brasileira.

Os relatos ilustram como o empreendedorismo se tornou um pilar essencial para a autoexpressão e reconhecimento em um contexto social mais amplo. Mais que mera sobrevivência, Terjesen (2010) argumenta que o empreendedorismo é uma estratégia deliberada de empoderamento, facilitando o movimento de transição dessas mulheres de condições de marginalização para papéis de influência e liderança, tanto localmente quanto em suas comunidades de origem. Essa transformação é crucial, fornecendo ferramentas para que essas mulheres sejam vistas e ouvidas na sociedade.

A discussão teórica sugere que a superação das dificuldades operacionais transforma essas mulheres de sobreviventes em inovadoras que empurram as fronteiras culturais, ampliando a inclusão social. A outra proposta seria sobre como essas empreendedoras conciliam valores culturais com as exigências do mercado brasileiro. Em linha com Aldrich (2009), cada passo em direção à autonomia e empoderamento financeiro resulta não apenas em progresso pessoal, mas também prepara o caminho para transformações comunitárias mais amplas. Portanto, o impacto do empreendedorismo de mulheres migrantes transcende benefícios econômicos imediatos, impulsionando um movimento global em direção à equidade e inclusão, ecoando as observações de Terjesen (2012) sobre a contribuição feminina ao crescimento econômico global.

Considerando a profundidade e alcance dos testemunhos e experiências aqui abordados, este trabalho visa fomentar um debate mais amplo e informado sobre as políticas de inclusão econômica e social que afetam as mulheres migrantes. As estratégias de resiliência e adaptação empregadas por estas mulheres, conforme destacadas nos estudos de Aldrich (2005) sobre o valor do empreendedorismo em contextos desafiadores, revelam que suas trajetórias oferecem insights valiosos para

ações futuras em políticas públicas e intervenções sociais. As publicações da ONU Mulheres frequentemente ressaltam a urgência de criar mecanismos que reconheçam e potencializem as contribuições econômicas e culturais dessas mulheres, promovendo uma análise que transcenda barreiras sistêmicas.

Espera-se que a narrativa aqui construída inspire não apenas os futuros acadêmicos a explorar novas dimensões do tema, mas também encoraje a sociedade civil e as esferas governamentais a colaborar em iniciativas práticas significativas. A pesquisa sugere que a legitimidade das vozes das migrantes deve influenciar a recalibração do apoio institucional, onde elas podem ativamente modelar e compartilhar suas trajetórias (ONU Mulheres, 2020). Trabalhos de pesquisa anterior sobre o tema indicam que facilitar esse envolvimento ativo pode redefinir os modelos de suporte formal e informal.

Além disso, a dissertação aponta para a necessidade de uma sensibilização geral da sociedade sobre a condição das mulheres migrantes, promovendo uma consciência que ultrapasse os preconceitos raciais, sociais e culturais. Ao reconhecer que as desigualdades de gênero e raça podem ser reduzidas por meio de mudanças na percepção pública, o estudo se posiciona como uma contribuição significativa para esforços contínuos em prol de um mundo mais inclusivo e diversificado, uma visão frequentemente apoiada por Terjesen (2016).

Portanto, ao fornecer um palco fundamentado para essas narrativas de força e determinação, este estudo não só enriquece o campo acadêmico, mas também sugere novas direções para intervenções urgentes, destacando a necessidade de inovações sociais e políticas (ALDRICH, 2011). A partir de um profundo respeito pelas experiências dessas mulheres e reconhecimento de suas contribuições, espera-se que soluções concretas possam surgir, implementando práticas que não apenas reduzam dificuldades, mas também celebrem a riqueza que a diversidade humana traz a todo o espectro social, como ressaltado nos relatórios publicados pela OIM.

Por tudo isso, espera-se que este trabalho inspire futuras pesquisas e iniciativas voltadas para a inclusão econômica e social.

## REFERÊNCIAS

- AHL, Helene & NELSON, Teresa, 2015. *How policy positions women entrepreneurs: A comparative analysis of state discourse in Sweden and the United States*. Journal of Business Venturing, Elsevier, vol. 30(2), pages 273-291.
- AL-DADDAH, J.; EL-SAYED, N. *Cultural barriers and female entrepreneurs: Challenges and opportunities*. Journal of Entrepreneurship Studies, v. 12, p. 45-59, 2019
- ALDRICH, Howard; FIOLE, Marlene C. *Fools rush in? The institutional context of industry creation*. Academy of Management Review, v. 19, n. 4, p. 645-670, 1994.
- ALDRICH, H. E. *Organizations and Environments*. Stanford: Stanford University Press, 2005.
- ALDRICH, H. E. *Entrepreneurship and Social Capital: Pathways toward a better future*. Cheltenham: Edward Elgar, 2009.
- ALDRICH, H. E. *The Power of Social Networks in Dealing with Growing Competition & Growing Complexity*. Northampton: Edward Elgar, 2011.
- ASANTE, Molefi Kete. *The Afrocentric Idea*. Philadelphia: Temple University Press, 1988.
- ASANTE, M. K. *The Afrocentric Idea in Education*. The Journal of Negro Education, 60(2), 170-180, 1991.
- BAENINGER, Rosana. *Novas mobilidades e migrações internacionais*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.
- BARNEY, Jay. *Firm resources and sustained competitive advantage*. Journal of Management, v. 17, n. 1, p. 99-120, 1991.
- BHABHA, Homi K. *The Location of Culture*. Routledge, 1994.
- BENAVENTE, María. *Women Entrepreneurship in Developing Countries: The Case of North Africa*. Journal of African Studies, v. 12, n. 1, p. 45-63, 2015.
- BENDER, K. A. e ROCHE, K. *Self-employment and the paradox of the contented female worker*. Small Business Economics, 2016, p. 1-15.
- BESSANT, John. *Inovação e empreendedorismo*. Porto alegre: Bookman, 2019.
- BERGER, A. N.; UDELL, G. F. *The economics of small business finance: The roles of private equity and debt markets in the financial growth cycle*. Journal of Banking & Finance, v. 22, n. 6-8, p. 613-673, 1998.
- BERGER, E. S.C.; KUCKERTZ, A. *Female Entrepreneurship in Startup Ecosystems Worldwide*. Journal of Business Research, v. 69, n.11, p. 5163-5168, 2016.

BERGER M., Cefaï D. et Gayet-Viaud C. *Du civil au politique. Ethnographies du vivre-ensemble*. Bruxelles: Peter Lang, 2011.

BERGER M. et de Munck J. Participer entre idéal et illusion. (In)capacités citoyennes. *Recherches sociologiques et anthropologiques*, v. 1, n° 46, p. 1-24, 2015.

BERGSON, Henri. *A evolução criadora*. São Paulo: UNESP, 2010.

BOURDIEU, Pierre. *Outline of a Theory of Practice*. Cambridge University Press, 1977.

BUARIDE, Alana. *Barreiras ao empreendedorismo por mulheres*. São Paulo: FECAP, 2020.

BOURDIEU, Pierre. The forms of capital. In: RICHARDSON, J. G. (Ed.). *Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education*. New York: Greenwood, 1986. p. 241-258.

BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: Crítica social do julgamento*. São Paulo: Editora Zouk, 2007.

BUTLER, Judith. *Gender trouble: Feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, 1990.

BRUCK, C.; LITTENBERG, B. *Microfinance and Women Entrepreneurs*. New York: Palgrave Macmillan, 2011.

BRUNER, J. *The narrative construction of reality*. *Critical Inquiry*, v. 18, n. 1, p. 1-21, 1991.

BRUSH, C. G. *Research on women business owners: Past trends, a new perspective and future directions*. *Entrepreneurship: Theory and Practice*, 16(4), 1992.

BRUSH, C. G.; DE BRUIN, A; WELTER, F. *A gender aware framework for women's entrepreneurship*. *International Journal of Gender and Entrepreneurship*, v. 1, n. 1, p. 8-24, 2009.

BRUNI, S. *et al.* Doing gender, doing entrepreneurship: An Ethnographic account of intertwined practices. *Gender*, vol. 11, n. 4, 2004.

CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; LEMOS SILVA, Sarah. *Dados Consolidados da Imigração no Brasil 2023. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral*. Brasília, DF: OBMigra, 2023.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

CASTLES, S.; MILLER, M. J. *The Age of Migration*. New York: Guilford Press, 2014.

CHASE, S. E. *Narrative Inquiry: Multiple Lenses, Approaches, Voices*. In: Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (Eds.), *The Sage Handbook of Qualitative Research*. SAGE Publications, 2005.

CLAUNDININ, D. J., & CONNELLY, F. M. *Narrative Inquiry: Experience and Story in Qualitative Research*. Jossey-Bass, 2000.

COLLINS, J., & LOW, A. *Asian female immigrant entrepreneurs in small and medium-sized businesses in Australia*. *Entrepreneurship & Regional Development*, v. 22 n.1, p. 97-111. 2010.

CRENSHAW, Kimberlé. *Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics*. *University of Chicago Legal Forum*, v. 1989, n. 1, p. 139-167, 1989.

CRENSHAW, Kimberlé. *Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color*. *Stanford Law Review*, v. 43, n. 6, 1991.

CRESWELL, J. W.; CRESWELL, J. D. *Research design: qualitative, quantitative and mixed methods*. 5. ed. Sage, 2018.

CROMIE, S. *Motivations of aspiring male and female entrepreneurs*. *Journal of Organizational Behavior*, 8(3), 1987, p. 251-261.

CRUZ, Eduardo P., & FALCÃO, Roberto P. de Q. *Revisão bibliométrica no tema Empreendedorismo Imigrante e Étnico*. *Internext*, 11(3), 78–94, 2016.

CZARNIAWSKA, B. *Narratives in Social Science Research*. London: Sage Publications, 2004.

DALLABRIDA, V.; RUPPENTHAL, J. E.; SILVEIRA, A. C. *Empreendedorismo e gênero: reflexões sobre a perspectiva das mulheres empreendedoras*. *Revista Brasileira de Administração Científica*, v. 8, n. 1, p. 3-15, 2017.

DAVIDSON, P. *Researching entrepreneurship*. New York: Springer, 2004.

DEMARTINO, R; BARBATO, R. *Differences between women and men MBA entrepreneurs: exploring family flexibility and wealth creation as career motivators*. *Journal of business venturing*, 18(6), 2003, p. 815-832.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e Poder em São Paulo no Século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DRUCKER, Peter F. *Innovation and entrepreneurship: Practice and principles*. New York: Harper Business, 1985.

FARIA, J. H.; RAGNINI, E. C. S.; BRÜNING, C. (2021). *Deslocamento humano e reconhecimento social: relações e condições de trabalho de refugiados e migrantes no Brasil*. *Cadernos Ebape.BR*, 19(2), 278-291. doi:10.1590/1679-395120200018.

FERRAZ, J. M. *Para além da prática empreendedora no capitalismo brasileiro* São Paulo: SP, 2021.

FILION, L. J. *Entendendo os intraempreendedores como visionistas*. Em: Revista de Negócios, 2004.

FRASER, Nancy. *Qu'est-ce que la justice sociale? Reconnaissance et redistribution*. Paris: La Découverte, 2005.

GAGNON, A. G. et May P. *Empowerment et diversité culturelle: quelques prolégomènes*. Métropoles, n° 7, p. 1-10, 2010.

GARTNER, W. B. *What are we talking about when we talk about entrepreneurship?* Journal of Business Venturing, v. 5, n. 1, p. 15-28, 1990.

GALLI, Adriana V.; GIACOMELLI, Giancarlo. *Empreendedorismo*. Porto Alegre: Grupo A, 2017. *E-book*. ISBN 9788595022492. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788595022492/>. Acesso em: 01 set. 2024.

GEM. *Empreendedorismo no Brasil: relatório executivo, 2022-2023*. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8053515/mod\\_resource/content/1/GEM-BR-2022-2023-Relatorio-Executivo-v7-REVISTO-mai-23.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8053515/mod_resource/content/1/GEM-BR-2022-2023-Relatorio-Executivo-v7-REVISTO-mai-23.pdf). Acesso em 24 de Maio de 2024.

GHERARDI, S. *Practice-based theorizing on learning and knowing in organizations: an Introduction*. Organization, v. 7, n. 2, p. 211–223, p. 2000.

GHERARDI, S. *Prática? É uma Questão de Gosto*. Revista Interdisciplinar de Gestão Social, 2(1), p. 107–124, p. 2013.

GHERIBI, Adel. *Women Entrepreneurs in North Africa: Motivations and Barriers*. *African Economic Studies*, v. 15, n. 2, p. 89-104, 2020.

GIBB, A. A. *Small firms' training and competitiveness: Building upon the small business as a learning organisation*. International Small Business Journal, v. 15, n. 3, p. 13-29, 1997.

GIDDENS, Anthony. *A terceira via: Reflexões sobre o impasse político atual e o futuro da socialdemocracia*. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista (UNESP), 1998.

GOFFMAN, E. *Frame Analysis: an essay on the Organization of Experience*. Londres: Penguin Books, 1975.

GOMES, M.; LIMA, A. *Mulheres migrantes e empreendedorismo: práticas culturais e econômicas no Brasil*. Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas, v. 22, n. 3, p. 45-63, 2021.

GRANOVETTER, M. *Economic Action and Social Structure: The Problem of Embeddedness*. American Journal of Sociology, v. 91, n. 3, p. 481-510, 1985.

GUPTA, V. K. *et al.* *The role of gender stereotypes in perceptions of entrepreneurs and intentions to become an entre-preneur*. Entrepreneurship theory and practice, 33(2), 2009, p. 397-417.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1990.

HECHAVARRIA, D. *et al.* *Are women more likely to pursue social and environmental entrepreneurship*. Global women's entrepreneurship research: Diverse settings, questions and approaches, 2012, p. 135-151.

HECHAVARRIA, D. *et al.* *Taking care of business: the impact of culture and gender on entrepreneurs' blended value creation goals*. Small Business Economics, 2016, p. 1-33.

HEIDEGGER, M. *Poetry, language, thought*. Trans. Albert Hofstadter. New York: Harper Colophon Books, 1971.

HENRY, C., FOSS, L., & AHL, H. *Gender and entrepreneurship research: A review of methodological approaches*. International Small Business Journal, 2016.

HILL-COLLINS, P. *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment*. Routledge, 2000.

HISRICH, R. D.; PETERS, M. P. *Empreendedorismo*. Porto Alegre: Bookman, 2002.

HISRICH, R. D.; PETER, M. P. *Empreendedorismo*. Porto Alegre: Bookman, 2004.

HISRICH, R. D.; PETER, M. P. O indivíduo empreendedor. In: *Empreendedorismo: Teoria e Prática*. 5ª ed. São Paulo: Bookman, 2006.

HISRICH, Robert D.; PETERS, Michael P.; SHEPHERD, Dean A. *Empreendedorismo*. 10. ed. Porto Alegre: AMGH, 2014

HOFSTEDE, G. *Culture's Consequences: International Differences in Work-Related Values*. Beverly Hills: Sage Publications, 1980.

HOFSTEDE, G. Jan; MINKOV, Michael. *Cultures and Organizations: Software of the Mind*. New York: McGraw-Hill, 2010.

HUGHES, K. D. *et al.* *Extending women's entrepreneurship research in new directions*. Entrepreneurship Theory and Practice, 36(3), 2012, p. 429-442.

HUYSENTRUYT, M. *Women's Social Entrepreneurship and Innovation*. OECD Local Economic and Employment Development (LEED) Working Papers, (1), 0\_1, 2014.

ISENBERG, D. The entrepreneurship ecosystem strategy as a new paradigm for economic policy: principles for cultivating entrepreneurship. In *Proceedings of the Conference in Institute of International European Affairs* Dublin, Ireland, 2011.

ISIDRE, March-Chordà, *et al.* *Key locational factors for immigrant entrepreneurs in top entrepreneurial ecosystems*. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 17:1049–1066 <https://doi.org/10.1007/s11365-021-00746-6>, 2021.

ISRAEL, B. A., SCHULZ, A. J., PARKER, E. A. et BECKER, A. B. *Community-based participatory research: policy recommendations for promoting a partnership approach in health research*. *Education and Health*, n° 14, p. 182-197, 2001.

IIZUKA, E. S.; COSTA, H, S. *Negócios inclusivos liderados por mulheres empreendedoras: busca por avanços teóricos e empíricos*. *Cad. Ebape*, v. 20, n. 4, Rio de Janeiro, 2022, 433-435.

JENNINGS, J. E. e BRUSH, C. G. *Research on women entrepreneurs: challenges to (and from) the broader entrepreneurship literature?* *The Academy of Management Annals*, 7(1), p. 663-715, 2013.

JOHANNISSON, B. *Towards a practice theory of entrepreneuring*. *Small Business Economics*, 36(2), 135-150, 2011.

JULIEN, P. A. *Empreendedorismo regional e a economia do conhecimento*. Tradução de Maria Freire Ferreira Salvador. São Paulo: Saraiva, 2010.

KANTIS, H.; ISHIDA, M. *El emprendimiento en economías emergentes: creación y desarrollo de nuevas empresas en América Latina y el Este Asiático*. Washington: BID, 2002.

KANTOR, Paula. *Women's Empowerment through Home-based Work: Evidence from India*. *Development and Change*, v. 39, n. 3, p. 413-436, 2008.

KELLEY, D. *et al.* *2015-16 Global Report*, Global Entrepreneurship Monitor, 2016.

KORPI, W.; CLERK, S. *Gender, ethnicity, and entrepreneurship: Revisiting challenges and policies*. *Economic Policy Review*, v. 12, n. 2, p. 110-125, 2017.

KLOOSTERMAN, R; RATH, J. *Immigrant Entrepreneurs: Venturing Abroad in the Age of Globalization*. Oxford: Berg, 2018.

KUETE, H. e MANÇO, A. (2021). Aides à la création d'entreprises et publics migrants en Wallonie. In: Manço A. et Scheurette L. (éds), *L'inclusion des personnes d'origine étrangère sur le marché de l'emploi. Bilan des politiques en Wallonie*. Paris: L'Harmattan, p. 113-132.

KURATKO, Donald F. *Empreendedorismo: teoria, processo, prática*. Disponível em: Minha Biblioteca, Cengage Learning Brasil, 2018.

LEITE, Emanuel F. *O Fenômeno do Empreendedorismo*. Disponível em: Minha Biblioteca, SRV Editora LTDA, 2012.

LIGHT, I; GOLD, Steven J. *Ethnic Economies*. San Diego: Academic Press, 2000.

LOPES, M. M.; TEIXEIRA, R. M. *Empreendedorismo feminino e imigrante: desafios e perspectivas*. Revista Brasileira de Administração Científica, v. 8, n. 2, p. 15-29, 2017.

LUNDSTRÖM, A.; STEVENSON, L. *Entrepreneurship policy: Theory and practice*. Boston: Springer, 2005.

MANÇO, A. *Turcs en Europe. L'heure de l'élargissement*, Paris: L'Harmattan, 2006.

MANÇO, A. e AKHAN, O. *La formation d'une bourgeoisie commerçante turque en Belgique*. Revue européenne des Migrations, v. 10, n° 2, p. 149-162, 1994.

MANÇO A., Gatugu J et Ouled El Bey S. *Entrepreneurs venus d'ailleurs*. Manço A., Gatugu J et Amoranitis S. (dir.), *L'apport de l'Autre. Dépasser la peur des migrants*. Paris: L'Harmattan, p. 75-82, 2017.

MARTINELLI, A. *Female Entrepreneurship and Migration*. London: Routledge, 201

MBEMBE, Achille. *On the Postcolony*. University of California Press, 2001.

MCMULLEN, Jeffery S.; SHEPHERD, Dean A. *Entrepreneurial Action and the Role of Uncertainty in the Theory of the Entrepreneur*. Academy of Management Review, v. 31, n. 1, p. 132-152, 2006

MURPHY, P.; LIAO, J.; WELSCH, H. P. A conceptual history of entrepreneurial thought. *Journal of Management History*, v. 12, n. 1, p.12-35, 2006.

NEIL, A. *et al.* (2020). *Empreendedorismo como prática: fundamentando teorias contemporâneas da prática em estudos de empreendedorismo*. *Empreendedorismo e Desenvolvimento Regional*, 32:3-4, 247-256, DOI:10.1080/08985626.2019.1641978.

OCDE. *Open for Business. Migrant Entrepreneurship in the OECD-Countries*. Conference papers publication, Paris: Éditions OCDE, 2010.

OCDE. *Entrepreneurship and Employment Creation of Immigrants*. Paris: Éditions OCDE, 2011.

OLIVEIRA, João Carlos. *Mulheres migrantes e as práticas empreendedoras no Brasil: Desafios e perspectivas*. *Cadernos de Estudos Sociais*, v. 12, n. 1, p. 89-105, 2020.

ONU. <https://brasil.un.org/pt-br/258194> ARTIGO: Por que a migração é um modelo para o desenvolvimento sustentável para todas as pessoas | As Nações Unidas no Brasil: Acessado em: 10.08.24.

ONU Mulheres. *Relatório sobre o Progresso das Mulheres no Mundo: Transformar economias, realizar direitos*. Nova Iorque: ONU Mulheres, 2020.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES (OIM). *Relatório Anual da OIM sobre Migração e Desenvolvimento*. Genebra: OIM, 2020.

PATRICK, C. *et al.* *Where are all the self-employed women? Push and pull factors influencing female labor market decisions*. *Small Business Economics*, 46(3), 2016, p. 365-390.

PESSAR, P. R., & MAHLER, S. J. *Transnational Migration: Bringing Gender In*. *International Migration Review*, 37(3), 812-846, 2003.

PORTER, M. E. *The Competitive Advantage of Nations*. New York: Free Press, 1990.

PORTES, Alejandro. *Social Capital: Its Origins and Applications in Modern Sociology*. *Annual Review of Sociology*, v. 24, p. 1-24, 1998.

RATH, J.; SWAGERMAN, A. *Promoting ethnic entrepreneurship in European cities*. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, v. 42, n. 1, p. 103-118, 2016.

RAWLS, John. *Uma teoria da justiça*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

REYNOLDS, P; BOSMA, N. AUTIO; E. *et al.* *Global Entrepreneurship Monitor: Data Collection Design and Implementation 1998–2003*. *Small Bus Econ* 24, 205–231 (2005). <https://doi.org/10.1007/s11187-005-1980-1>

REES H; SHAH A. *An empirical analysis of self-employment in the UK*. *Journal of applied econometrics*, 1(1), 1986, p. 95-108.

RICOEUR, Paul. *Time and Narrative*. Chicago: University of Chicago Press, 1984.

Riessman, C. K. *Narrative Methods for the Human Sciences*. As ge Publications, 2008

RINDOVA, V; BARRY, D; KETCHEN, D. J. *Entrepreneurship as emancipation*. *Academy of Management Review*, 34(3), 2009, p. 477-491.

ROMERO, M., & Valdez, Z. *Introdução ao número especial: interseccionalidade e empreendedorismo*. *Estudos Étnicos e Raciais*, 39(9), 1553–1565. <https://doi.org/10.1080/01419870.2016.1171374>, 2016.

SANTORO, R. *Startups Founded By Women Continue On Upward Trend In The Last 6 Years*. *Entrepreneur Ideas*, November, 2015.

SANTOS, M. *Empreendedorismo Feminino e Mobilidade: Um Estudo Comparativo*. Rio de Janeiro: FGV, 2020.

SALDAÑA, J.; OMASTA, M. *Qualitative research: analyzing life*. Sage, p. 165-188, 2017.

SARASVATHY, Saras D. *Causation and effectuation: Toward a theoretical shift from economic inevitability to entrepreneurial contingency*. *Academy of Management Review*, v. 26, n. 2, p. 243-263, 2001.

SCHATZKI, T. *The practice turn in contemporary theory*. New York: Routledge, 2001.

SCHRITZMEYER, Maria Aparecida. Migrações femininas e afro-brasileiros. *In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula G. Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2016. p. 365-398.

SCHUMPETER, Joseph. *Capitalismo, socialismo e democracia*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961. [1934]

SEBRAE. Empreendedorismo feminino:  
<https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/ba/artigos/empreendedorismo-feminino-nobrasil-desafios-e-o-sebrae-delas,811d29c0c96cd810VqnVCM1000001b00320aRCRD>: Acessado em: 25.02.24.

SEN, Amartya. *Development as Freedom*. New York: Knopf, 1999.

SHANE, Robert A. *et al. Empreendedorismo: Uma visão do processo*. Disponível em: Minha Biblioteca, Cengage Learning Brasil, 2012.

SHANE, S. *A General Theory of Entrepreneurship: The Individual-Opportunity Nexus*. Cheltenham: Edward Elgar Publishing, 2003.

SHANE, S.; VENKATARAMAN, S. *The promise of entrepreneurship as a field of research*. *Academy of Management Review*, v. 25, n. 1, p. 217-226, 2000.

SHELTON, L. M. *Female entrepreneurs, work-family conflict, and venture performance: New insights into the work-family interface*. *Journal of Small Business Management*, 44(2), 2006, p. 285-297.

SHEPHERD, D. A.; PATZELT, Holger. The new field of sustainable entrepreneurship: Studying entrepreneurial action linking 'what is to be sustained' with 'what is to be developed'. *Entrepreneurship Theory and Practice*, v. 35, n. 1, p. 137-163, 2011.

SHERER, L. A., PRESTES, V. A., GRISCI, C. L. I. *(Con)figurar o Empreendimento, (Con)formar a Vida: Estratégia de Viver a Vida em Refúgio como Empreendedor Étnico à Luz do Trabalho Imaterial*. *Revista Organizações e Sociedade*. Universidade Federal da Bahia. 1984-9230. Março. 2022. DOI 10.1590/1984-92302022v29n0038PT

SMITH, A. [1776]. *A Riqueza das Nações: investigação sobre sua natureza e suas causas*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

SOARES, Rodrigo da Silva. *A construção social da realidade*. *Revista do Direito Público*, Londrina, v. 12, n. 2, p. 316-319, ago. 2017. DOI: 10.5433/1980-511X.2017v12n2p316

STEVENSON, Howard H. *A Perspective on Entrepreneurship*. Harvard Business School Background Note, No. 384-131, 1983.

STEYAERT, C. "Entrepreneurship" as a conceptual attractor? A review of process theories in 20 years of entrepreneurship studies. *Entrepreneurship & Regional Development*, 19(6), 453-477, 2007.

STIGLITZ, Joseph E. *Globalization and Its Discontents*. New York: W.W. Norton & Company, 2002.

TERJESEN, S. *Female Entrepreneurship: A Global Perspective*. Cheltenham: Edward Elgar, 2010.

TERJESEN, S.; LLOYD, A. *The Role of Networks in Entrepreneurial Success*. Boston: Harvard Business Review Press, 2012.

TERJESEN, S. et al. Women Entrepreneurs: Insights from emerging economies. *Journal of Business Venturing*, v. 31, n. 2, p. 123-137, 2016.

THORNTON, Patricia H.; RIBEIRO-SORIANO, Domingo; URBANO, David. *Socio-Cultural Factors and Entrepreneurial Activity: An Overview*. *International Small Business Journal*, v. 29, n. 2, p. 105-118, 2011.

TOWNSEND, J; ZELENKA, I. *Ubuntu and the Entrepreneurial Spirit: Exploring African Business Practices*. *Journal of African Business*, v. 22, n. 2, p. 225-243, 2021.

VANDOR, P. *Research: Why Immigrants Are More Likely to Become Entrepreneurs*. Harvard Business Review, 2021.

VERGA, E.; SOARES DA SILVA, L. F. *Empreendedorismo: evolução histórica, definições e abordagens*. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, v. 3, n. 3, p. 3-30, 2014.

VIEIRA, D. M. et al. *Empreendedorismo feminino: significados, motivações e desafios das mulheres que decidem empreender*. *Remipe, Fatec, Osasco*, v. 8, n. 2. Mar. 2022.

WELTER, F.; SMALLBONE, D. *Women's entrepreneurship and social change*. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, v. 18, n. 1, p. 8-24, 2011.

ZARPELLON, S. C. *O empreendedorismo e a teoria econômica institucional*. *Revista Iberoamericana de Ciências Empresariales y Economía*, 1(1), pp. 47-55, 2010.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Entrevistada:

Data da entrevista:

Duração da entrevista:

#### **Descrição do respondente**

Idade:

Estado civil:

Formação acadêmica:

#### **PERGUNTAS:**

- Poderia me descrever o seu negócio? Inclua um pouco da história, como começou, qual a situação atual, quem são seus clientes e como é o funcionamento.
- Como surgiu a concepção deste negócio? Qual foi a origem da ideia?
- Gostaria que narrasse a sua trajetória de vida até chegar ao Brasil.
- Como foi a sua experiência de adaptação como migrante?
- O que motivou a ideia de iniciar um empreendimento no Brasil?
- Que atividades você realiza para empreender?
- Como é para você empreender em um ambiente culturalmente diferente de onde você nasceu?
- Como você define sua experiência de ser uma mulher empreendedora?
- O que te impulsiona a seguir empreendendo?
- Poderia compartilhar as razões que sustentam sua prática empreendedora?
- Como você descreveria os principais desafios que encontrou desde o início do seu empreendimento? E como conseguiu superar esses desafios?
- Quais são suas expectativas para o futuro como empreendedora?
- Há alguma mulher ou líder do seu país cuja história de vida te inspira (e figura como uma rainha)?

- Existe algo que eu não tenha perguntado, mas que você gostaria de comentar sobre seu processo de empreender, seu dia a dia ou sua trajetória até aqui?

**ANEXOS**

<b>ANEXO 1 – IMAGENS: REPRESENTAÇÕES DE OFICINAS DE TRANÇA PRATICADAS POR MULHERES MIGRANTES .....</b>	<b>109</b>
<b>ANEXO 2 – IMAGENS: REPRESENTAÇÕES DE MODA AFRICANA INCLUSIVA, PRODUÇÃO DE OKINKA PAMPA (DONA DA MARCA NK) .....</b>	<b>114</b>

## ANEXO 1 – IMAGENS: REPRESENTAÇÕES DE OFICINAS DE TRANÇA PRATICADAS POR MULHERES MIGRANTES<sup>1</sup>



Fonte: página da Empodera Black no Instagram, 2023.

---

<sup>1</sup> Todas as imagens utilizadas foram extraídas, com o consentimento da responsável, em: [https://www.instagram.com/trancas\\_empoderablack?igsh=MXh6bTB5NjYyZmpzMw%3D%3D&utm\\_source=qr](https://www.instagram.com/trancas_empoderablack?igsh=MXh6bTB5NjYyZmpzMw%3D%3D&utm_source=qr). Acesso em: 12 de jan. 2025.



Fonte: página da Empodera Black no Instagram, 2023.



Fonte: página da Empodera Black no Instagram, 2021.



Fonte: página da Empodera Black no Instagram, 2022.



Fonte: página da Empodera Black no Instagram, 2022.

**ANEXO 2 – IMAGENS: REPRESENTAÇÕES DE MODA AFRICANA INCLUSIVA,  
PRODUÇÃO DE OKINKA PAMPA (DONA DA MARCA NK)<sup>2</sup>**



Fonte: página da Saturnina Costa no Facebook, 2024.

---

<sup>2</sup> Todas as imagens utilizadas nesse anexo foram extraídas, com o consentimento da responsável, em: <https://www.facebook.com/share/19kYftSy8i/>. Acesso em: 13 de jan. 2025.



Fonte: página da Saturnina Costa no Facebook, 2024.



Fonte: página da Saturnina Costa no Facebook, 2024.



Fonte: página da Saturnina Costa no Facebook, 2024.



Fonte: página da Saturnina Costa no Facebook, 2024.



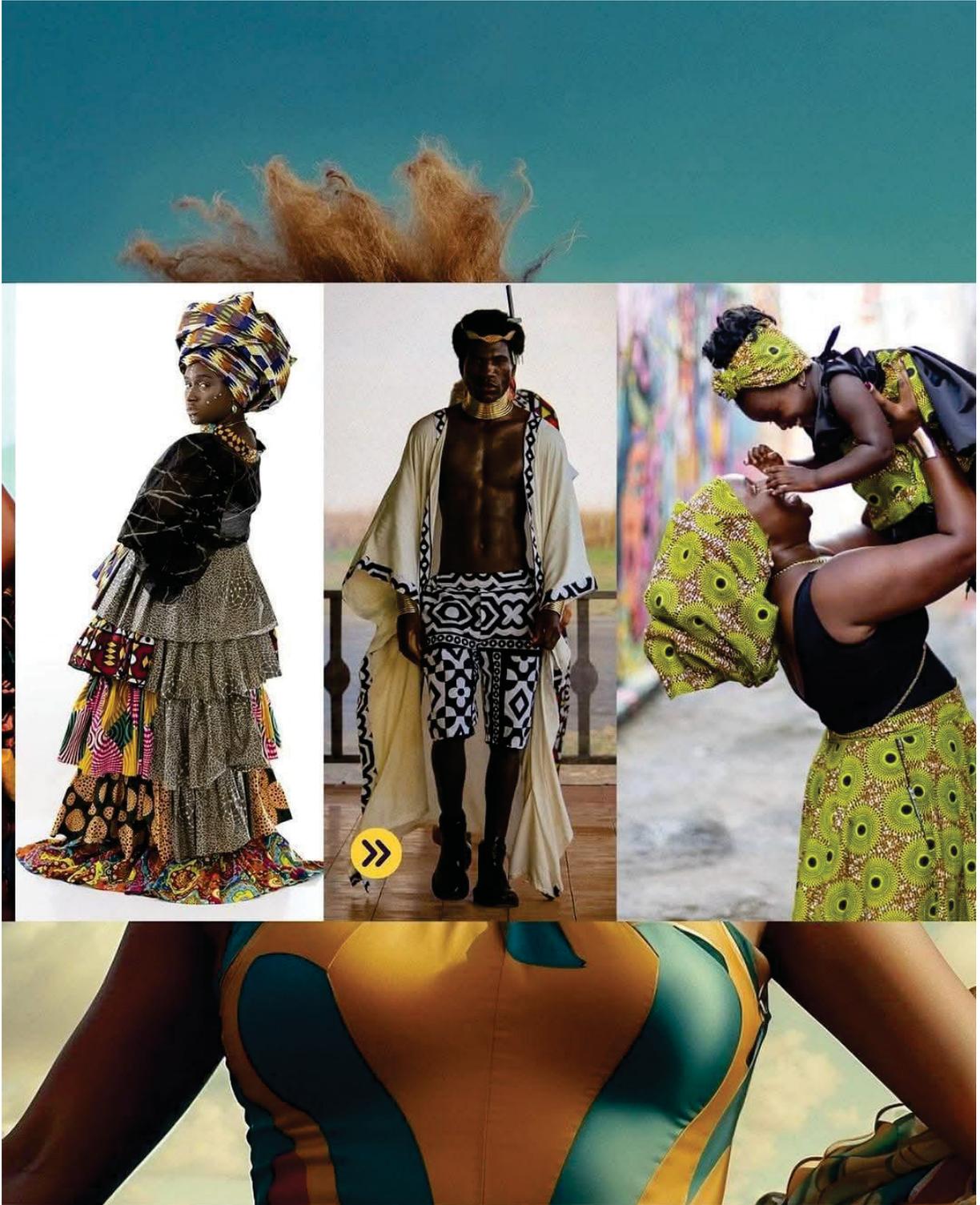
Fonte: página da Saturnina Costa no Facebook, 2024.



Fonte: página da Saturnina Costa no Facebook, 2024.



Fonte: página da Saturnina Costa no Facebook, 2024.



Fonte: página da Saturnina Costa no Facebook, 2024.



Fonte: página da Saturnina Costa no Facebook, 2024.



Fonte: página da Saturnina Costa no Facebook, 2024.